EDUARDO FERREIRA LEITE

VOLUME 1

JESUS QUÂNTICO, JESUS CÓSMICO



JESUS TOTAL,
MUITO ALÉM
DAS RELIGIÕES

VISEU



Copyright © Viseu
Copyright © Eduardo Ferreira Leite
Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Editora Viseu, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

editor: Thiago Domingues Regina
projeto editorial: BookPro
coordenação editorial: Blenda Castro
revisão: Jéssica Matos
copidesque: Adriele da Silva
versão digital: Fabio Martins
capa: Letícia Rodrigues

e-ISBN 978-65-598-5143-0

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Viseu Ltda.
contato@editoraviseu.com
www.editoraviseu.com

Introdução

O principal objetivo nesta introdução consiste em evidenciar a imparcialidade, autonomia e independência para desenvolver os vários aspectos e facetas de Jesus Cristo, abordando-o sem nenhum interesse, segundas intenções ou posições preconcebidas.

Tentei abster-me de todo e qualquer condicionamento, posição religiosa ou objetivos com fins específicos. Não é fácil estar distante e livre dos sectarismos ou tendências que, por vezes, tentam se camuflar em nós sem mesmo nos darmos conta.

Encontramos posições nas entrelinhas dos textos, às vezes até subliminarmente, mas elas estão ali sempre com o objetivo voltado a algum resultado pré-estabelecido.

Com esforço, busco trazer o Jesus "solto no ar", sem nenhuma posição anacrônica. Desse modo, intento trazer à tona uma personalidade sem prós nem contras, sem dogmas, mas livre, transparente e genuíno em sua própria essência real, histórica e espiritual.

Não se trata de uma missão fácil, ou melhor, ela é quase que infactível, pois mesmo os autores que tentam retratá-lo como um personagem eminentemente histórico tendem a excluir o contexto imaterial que obrigatoriamente se vincula a Cristo e que faz inexoravelmente parte integrante e necessária do contexto da sua existência.

É justamente aí que mora a dificuldade, pois, ao falar de Jesus, os milhares e milhares de autores que se dedicaram a escrever

sobre ele ou possuem a tendência estabelecida sobre o vértice de alguma religião (e, portanto há preconcepção ou focalizam sobre o prisma exclusivamente místico, por vezes até sem uma religiosidade específica), ou ainda, situam-no numa vala eminentemente histórica e material, desvinculando-o de sua dimensão cósmica e quântica, o que também descaracteriza sua essência verdadeira e total.

O fato é que Jesus não foi apenas um homem, uma figura histórica, ou de um espírito iluminado e místico. Jesus foi tudo isso e muito mais. Ele foi a mescla e síntese de infinitas influências, atributos e composições que resultaram no maior de todos os homens, no maior de todos os santos, no maior de todos os magos, no maior de todos os filósofos e profetas.

Enfim, sem nenhum partidarismo ou vinculação a posturas religiosas ou preconcebidas, Jesus Cristo representa a maior concentração do Divino em algum ser que já existiu na humanidade, entre o céu e a terra. É esta condição que buscaremos trazer à tona através desse trabalho, nesta missão quase impossível a que nos propusemos.

Capítulo I

Por que Jesus?

Segundo as mais recentes pesquisas e trabalhos científicos arqueológicos, com a ajuda da enorme evolução da genética, estudos vêm propiciando resultados pontuais que vislumbram com exatidão a real evolução da nossa espécie. Com isso, constatamos que a origem do *Homo sapiens* (espécie com as mesmas características genéticas dos seres humanos atuais) data de nada menos que aproximadamente 350.000.000 anos.

A hegemonia do *Homo sapiens* sobre os demais hominídeos (Homem de Neandertal, etc.) que coabitaram nosso planeta por centenas de milhares de anos, faz-se sentir com a extinção (também com base nos estudos arqueológicos) há aproximadamente 28.000 anos dessas outras raças. Tal fato se deu, muito provavelmente, em razão da supremacia intelectual do *Homo sapiens,* que possibilitou à nossa raça uma adaptação superior aos desafios da sobrevivência, decorrentes de uma natureza inóspita com intempéries climáticas, dificuldades de alimentação, entre outros, pondo esses grupos de hominídeos em uma disputa mortal.

Por volta de 10.000 ou 12.000 anos atrás, essa mesma raça que já havia sobrepujado os demais concorrentes hominídeos deu um grande salto em termos evolutivos com o advento e descoberta da agricultura e do pastoreio. Com efeito, nossa espécie começou a existir nesse período em núcleos maiores, concentrados em locais com terras férteis, clima favorável, água

abundante e boas condições geográficas e topográficas, para a defesa de suas comunidades contra os ataques de animais e grupos rivais.

Assim sendo, o homem passou a se estabelecer e domesticar animais ao seu redor, bem como cultivar cereais, frutas e hortaliças em comunidades cada vez maiores, as quais originaram as primeiras cidades com organizações mais sofisticadas, mediante o surgimento de normas para a coexistência, bem como com o início da comercialização de bens, alimentos, ferramentas e armas.

A razão desta introdução antropológica e histórica, para abordar o tema "Jesus Cristo", objetiva trazer uma dimensão de tempo real, abrangendo toda existência da nossa raça (*Homo sapiens*), que como comprovado pelas pesquisas científicas, iniciou-se por volta de 350.000 anos e domina nosso planeta até os dias de hoje.

No entanto, faz-se necessário endossar de maneira fria, científica e calculista que diante desses bilhões de seres que por este mundo já passaram, nenhum deles, nem de longe, pode ser comparado à dimensão e importância de Jesus Cristo.

Mesmo os mais brilhantes e centrais personagens, que de muitas formas protagonizaram a história humana, não são passíveis de serem comparados a Jesus. Iniciamos citando os onipotentes faraós do Egito, reis assírios, príncipes caldeus, Nabucodonosor da Babilônia, mais adiante Ciro, Dario e Xerxes, na Pérsia, posteriormente, o incomparável Alexandre o Grande, e o gigante Júlio César, além de outros notórios imperadores romanos. Todas essas grandes personalidades que existiram

anteriormente à chegada de Jesus Cristo, e mesmo outros tantos que vieram a existir após seu nascimento, sem exceção, estão longe em termos de supremacia, influência e real importância para a humanidade quando comparados a Jesus Cristo.

Assim, analisando as centenas, ou melhor, os milhares de grandes homens, a maioria deles importantíssimos em razão do poder e liderança que lograram impondo a força através do domínio exercido por seus exércitos e que, por vezes, curiosamente tornaram-se personalidades que, de tão poderosas, chegaram a se auto intitularem "divinos", justamente pela enorme concentração de poder material por eles conquistado, pode-se afirmar com absoluta certeza que nenhum deles jamais conseguiu influenciar e mudar nosso planeta como aquele palestino que nasceu há 2.000 anos.

Continuaram a surgir após a morte de Cristo inúmeros grandes seres ao longo da história, em vários pontos do planeta. Constantinopla, China, Impérios da Ásia Central como os Mongóis e seu Gengiskan, afora ainda mais adiante os personagens do período medieval na Europa com o advento de reis como Carlos Magno, Henrique VIII, Felipe II, Carlos V, Luis IV entre tantos e, posteriormente, Napoleão Bonaparte. Enfim, é possível citar aqui outras centenas de figuras proeminentes e importantíssimas para a humanidade que não se resumem apenas a famosos imperadores, mas também aqueles que contribuíram diretamente para o desenvolvimento da humanidade por meio da filosofia, da religião, da música, das artes, da psicologia, e tantos outros campos do conhecimento.

Assim, com um breve apanhado, não podemos deixar de citar

aqui Buda, Lao-Tsé, Confúcio, Platão, Aristóteles, Leonardo Da Vinci, Rousseau, Galileu Galilei, René Descartes, Charles Darwin, Isaac Newton, Albert Einstein, Ghandi, Martin Luther King, dentre muitos outros milhares de *Homo sapiens* de grande e relevante importância para o bem, ou para o mal, da humanidade.

O fato é que, após esta digressão de personagens e personalidades de extrema relevância para o curso da história da humanidade, elegemos Jesus Cristo, indubitavelmente, como o personagem mais importante.

Assim, repetimos a indagação que é tema deste capítulo: "Por que Jesus?". Centraremos nossa resposta apenas em aspectos racionais, históricos e fáticos, e o primeiro é que dentre todas as maiores personalidades que já passaram pela história da humanidade (algumas relembradas acima), nenhuma ensejou o questionamento real quanto à possibilidade de ser a encarnação do próprio Deus feito homem.

Salta aos olhos a seguinte questão: Por que apenas um único personagem dentre bilhões, que existiram ao longo de 350.000 anos de nossa existência como raça, é alçado a um patamar de questionamento cujo ponto central e real é o de definir se ele era um ser humano, um ser divino/espiritual, ou até mesmo o próprio Deus encarnado.

A resposta é real, óbvia e independe de enfoques religiosos ou filosóficos, confirmando que o único personagem guindado a galgar e motivar seriamente tal especulação foi um judeu, nascido há aproximadamente 2.000 anos, cujo nome é Jesus Cristo. Isto é fato! E, contra fatos, não há argumentos!

Outro aspecto que corrobora em realidade e também comprova a amplitude dessa relevância de Jesus Cristo, quando comparado a qualquer outro personagem, é a condição de sua existência ser utilizada simplesmente para dividir a história da humanidade e a contagem do tempo (na grande maioria das civilizações do planeta Terra) em “antes de Cristo” e “depois de Cristo”.

Enfim, a grande razão de estímulo a mergulhar neste universo de maneira profunda, estudando todos os aspectos que envolveram a existência de Jesus Cristo (inclusive, buscando as mais variadas e viscerais análises em diferentes fontes) é o fato de que eu preferi despender meus esforços, tempo e dedicação para desvendar diretamente a personalidade mais importante que já passou pelo mundo, que é fonte potencial da maior revolução ética, espiritual e material já vivida pela humanidade, independentemente de qualquer ponto de vista religioso ou não.

Neste sentido, chama atenção (distante de qualquer posicionamento místico, ou ponto de vista filosófico) a influência incomparável que a personalidade de Jesus Cristo exerceu e ainda exerce sobre a humanidade, mesmo com a observação de que nem sempre essa influência foi utilizada como legitimação do bem e na construção de um mundo melhor.

Na realidade, esta influência de dimensões avassaladoras se deu tanto para o bem, para a paz, para a caridade, harmonia, compaixão, amor, etc., como também para o mal, ensejando guerras, discórdias, traições, assassinatos, mutilações, torturas e tudo de nefasto foi impingido a muitos seres humanos em

diferentes épocas e locais da terra ao longo dos últimos vinte séculos de nossa humanidade.

Ninguém, portanto, nem de longe, como já dito, tanto para o bem – e aqui podemos citar exemplos magníficos como Confúcio, Buda, Lao Tse, Maomé, Gandhi, Luther King, entre outros – chegaram às barbas da influência exercida por Jesus Cristo.

Ocorre que, da mesma forma, ao longo de toda a história da humanidade, ninguém deu origem a tantas discórdias, sofrimentos, dominação, injustiças, crueldades, massacres e mortes. Podemos citar também nesta direção figuras históricas que suas ações renderam extremas consequências indiscutivelmente maléficas, como Stalin, Hitler, Napoleão Bonaparte, entre outros seres humanos que em suas existências insanas impuseram grandes flagelos e sofrimentos aos seus semelhantes. Enfim, a influência de Jesus foi campeã em tudo na história da humanidade.

Ao longo dos tempos, seja por razões contrárias ao que se edificou em seu entorno, seja por razões a seu favor e em sua defesa, o fato é que em nome de Jesus Cristo assassinaram tanto quanto a quaisquer um dos grandes e notórios vilões da humanidade. Por incrível que possa aparecer, isso também é um fato!

Destarte, ao iniciar este trabalho com este primeiro capítulo cujo tema é a indagação "Por que Jesus Cristo?" chegamos finalmente à resposta e ela é óbvia: não há, e isto é inquestionável, nenhum ser que passou por esta existência (dentro de nossa raça que, como já dito, possui 350 mil anos) que

possa ter feito uma pequena sombra à magnitude de influências e importância como a que foi e continua sendo exercida sobre a humanidade por Jesus Cristo.

Inobstante o fato de grandes personagens colaboraram e influenciaram o caminhar de nossa civilização, nenhum se compara a Jesus. Assim, basta olhar para o nosso passado, presente, e com certeza nosso futuro, para detectar que a personalidade mais importante de todos os tempos “foi”, “é” e “será” representada por este ser cujo nome é Jesus Cristo.

Capítulo II

O cromossomo da violência na humanidade

O enfoque que iremos proceder neste capítulo centra-se no aspecto da violência, da brutalidade e da irracionalidade que compõem nossa raça. Apesar de chamada de "humana", ela sempre possuiu em sua essência uma enorme carga genética de violência oriunda de nossos instintos animais de agressividade e intolerância.

A influência de Jesus Cristo foi abordada de forma superficial no capítulo anterior sob o aspecto negativo na humanidade. Porém, neste capítulo, trataremos da perspectiva anterior ao nascimento de Jesus Cristo, sob o prisma da violência e de seu cromossomo, desde as origens sendo inserido como matriz na raça humana.

Neste aspecto, podemos, sem sombra de dúvida, caracterizar o *Homo sapiens,* anterior há 10 mil anos antes de Cristo, como um animal nômade e extrativista, que percorria a natureza em pequenos grupos, única e exclusivamente em busca de alimentos para subsistir e procriar. Esse processo foi perpetuado ao longo de mais de 300 mil anos, sendo que, como também já mencionado no primeiro capítulo, apenas há 10 mil anos o ser humano fixou-se na terra com a descoberta da agricultura e pastoreio, dando início às primeiras concentrações urbanas.

O cromossomo da violência advém dos primórdios desta raça, por razões óbvias. Em pequenos grupos compostos de poucas dezenas de indivíduos, em todos os encontros com quaisquer

outros animais ou mesmo outros hominídeos, inexoravelmente o que preponderava sempre era o desafio pela sobrevivência. Até mesmo toda e qualquer diferença física em termos raciais ou comportamentais entre estes vários grupos de hominídeos que perambulavam mundo afora geravam o medo do contato, da aproximação, em uma típica reação de xenofobia, aliás, característica herdada e que, infelizmente, exerce forte influência em nossas relações sociais perante outros grupos até a atualidade. Este comportamento tem sua origem em nossos primórdios como forma de garantir nossa sobrevivência.

Com efeito, é comum fecharmo-nos em nossos núcleos restritos e compararmo-nos a outros grupos com críticas, preconceitos e até mesmo reações hostis para impor supremacia, ou um distanciamento intencional. Isto é pura herança genética antropológica a qual, muitas vezes, sem saber, nos faz ter reações adversas e agressivas perante o que nos diferencia de outros seres humanos.

Neste momento devemos lembrar também como um fato histórico que durante centenas de milhares de anos o *Homo sapiens* conviveu concomitantemente com outros hominídeos, como o Homem de Neandertal. No entanto, nossa raça veio a aniquilá-los, justamente em razão deste comportamento xenófobo e agressivo, porém fundamental para a sobrevivência da espécie vitoriosa.

Muitos historiadores qualificam a história da humanidade como a história de guerras sucessivas, e foi justamente neste contexto de infinitas brutalidades que veio ao mundo Jesus Cristo.

O Império Romano, no período da dominação da Judéia, fronteira de seus domínios, era caracterizado por um regime dos mais violentos verificados ao longo de toda a história da raça humana, sendo o poder de controle romano incomparável a qualquer outro até aquela época. Pensando nisso, não se pode falar de Cristo sem enfocar a crueldade e beligerância inata do chamado ser humano (*Homo sapiens*) e sua influência fulcral na humanidade.

Apenas para ilustrar esta ponderação, não podemos deixar de citar que em todas as civilizações, desde o início da história, com a invenção da escrita, seja a egípcia, babilônica, grega, romana, e depois de Cristo, ao longo de toda a Idade Média, e até nossos dias, o verdadeiro e único componente a dominar a humanidade foi sempre a violência e uso da força indiscriminada pelos dominadores. "O homem é o lobo do homem", como inteligentemente preconizou Thomas Hobbes.

Porém, nesta análise é relevante darmos maior luz ao Império Romano, contexto no qual está indissociavelmente inserida a personalidade de Jesus Cristo. Neste sentido, algumas décadas antes do advento de Cristo, Júlio César havia conquistado brutalmente a Gália e a Germânia, auferindo terras, legiões, dinheiro e poder, por meio da imposição da agressão, da fome e da morte. Só o cerco da capital gaulesa durou 27 dias de resistência, e quando os romanos ultrapassaram as muralhas, não houve perdão aos homens, ou mulheres, nem aos anciões, ou crianças. Da população de cerca de 40 mil habitantes, apenas 800 sobreviveram e conseguiram fugir da cidade no sinal da chegada das legiões inimigas.

César era um legítimo ditador que dominou Roma após anos de guerra civil, dependendo de muitos massacres sangrentos. Seu nome virou sinônimo de Imperador, banhado pelo sangue de nada menos que 700 mil pessoas dizimadas. Não é à toa que os títulos de “Czar” ou “Kaiser” são sinônimos de César, que junto a Sêneca, um dos criadores da filosofia denominada de estoica, dominaram o mundo com a bandeira de comportamento rígido, autocontrole, disciplina, determinação, e valores como a força, coragem e o heroísmo.

Neste contexto de realidade nua e crua, a violência está totalmente inserida no cromossomo da humanidade, sendo que este comportamento sempre nos influenciou como uma matriz, fazendo parte fundamental da existência de todos nós, sem exceção.

O fato é que Jesus Cristo foi o primeiro a apontar para um outro lado. Foi Ele quem indicou o “novo”, o diferente, a outra e inusitada saída, ao pregar a paz, o respeito e a igualdade às minorias, o que foi algo totalmente inédito, e até mesmo absurdo e inimaginável para a época. Como aquela gente primária poderia perceber a magnitude de uma revolução completamente diferente e contrária ao comportamento de outrora?

Capítulo III

A ira do Deus da Bíblia

De forma no mínimo curiosa e contraditória, a própria Bíblia, originada do Torah, e que dá sustentáculo à múltiplas religiões, concentra em si um aspecto quase despercebido, ou seja: defende e dá substância e projeção às mais severas formas de violência e injustiças, justificando-as e fazendo com que sejam encaradas com total normalidade no contexto do comportamento humano.

Assim os 5 bilhões de exemplares da Bíblia, que existem atualmente, são espalhados ao redor do mundo, lidos diariamente por milhares de pessoas, trazendo exemplos e ensinamentos verdadeiramente inconcebíveis.

Iniciemos de forma radical, citando um exemplo no qual há uma mensagem clara no sentido de que a prática do sexo entre homens deve ser punida com a morte.

Nesse sentido, concretamente, na história de Sodoma e Gomorra. Resumidamente, na narrativa Deus aparece para Abraão e este o alerta de que naquelas cidades o pecado está à solta e ocorrendo de forma gravosa. Desse modo, Deus envia dois anjos ao local para verificar se o que ocorria era verdadeiro ou não. Tais entidades são surpreendidas, ao chegarem nas cidades, por um grupo de homens que tentam forçá-los a praticarem relações sexuais. Os servos de Deus se safam dessa violência, porém ao voltarem à presença divina, este providencia ordenando incontinenti o aniquilamento total destas cidades.

Esta história é produzida com o objetivo óbvio de aterrorizar toda a humanidade a respeito do comportamento homossexual. Então, Deus estaria disposto a aniquilar todos que tivessem a condição homoafetiva por não combinar com o exemplo "família de Lót", habitante daquela cidade, chefe de família "saudável", retratado como homem virtuoso e bom, mas que, porém, ofereceu suas filhas virgens à estupradores sodomitas.

A Bíblia entende essa oferenda basicamente como um gesto de cordialidade, sendo os homossexuais de Sodoma encarados não como seres humanos, mas como uma turba de selvagens praticantes do estupro coletivo, forçadores de portas à meia-noite.

O fato é que as duas cidades são aniquiladas brutalmente, tendo Deus permitido somente ao "bom" Lót, fugir com sua família, levando duas filhas estupradas, com a imposição de não olharem para trás. Deste modo, nem a natural curiosidade de presenciar a destruição de Sodoma e Gomorra foi permitida, sendo que aqueles que a tiveram e viraram-se para olhar foram transformados em estátuas de sal.

Qual a conclusão desta breve narrativa? Você deve temer muito a Deus, pois ele tem um arsenal bélico ilimitado à sua disposição. Por incrível que pareça, é o que encontramos na Bíblia. A evidência é para estarmos engajados nos preceitos divinos que o melhor remédio é ser frontalmente contra gays, adoradores de outros deuses, estrangeiros que cruzam o seu caminho, etc. Como exemplo de comportamento devemos tratá-los com brutalidade, agressão, ferocidade e selvageria, comportamentos esses que se mostram como uma verdadeira

constante na Bíblia.

Estranhamente, são estes os mesmos remédios que Jesus, contrariando o senso comum e de maneira totalmente inovadora, veio a condenar e desqualificar, assim agindo com atitudes e exemplos de paz e compaixão, pregando sempre o amor às minorias, a aceitação do outro, da mulher, o respeito aos doentes, aos leprosos, aos homossexuais, enfim, ao ser humano.

É incrível, mas há que se dar ênfase no sentido de que o Antigo Testamento é um conjunto de textos cujo conteúdo, como já mencionado, é originário da Torâ (Tanak) do Judaísmo que ainda hoje é sagrado em todo o mundo judaico-cristão, e existe na estante de quase todos os lares. Porém, não é difícil constatar que a palavra bíblica é mais um símbolo de moralidade, impondo páginas e páginas de exemplos e pregações comportamentais em narrativas que, em sentido figurado, vêm a cercear e mutilar o livre comportamento humano. Não se trata de uma narrativa histórica ou uma transcrição de mensagens divinas. Em síntese, consiste de narrativas rotuladas "divinas" dando seguidos exemplos de condutas bélicas a destroçar povos e nações inteiras na antiguidade.

Para dar mais alguns exemplos, segundo a letra da Bíblia, o próprio homicídio já entrou em cena na segunda geração de seres humanos. Assim, vejamos:

a) Eva deu à luz a Caim e Abel, e o primeiro simplesmente matou o segundo;

b) Noé foi escolhido por Deus para sobreviver, enquanto a humanidade era afogada, pois ele percebera que a maldade estava impregnada no ser humano, criado por ele mesmo;

c) Depois veio Abraão, o pai do monoteísmo, ordenado por Jeová que sacrificasse o próprio filho Isaac, como um presente. O jovem, por sorte, acaba por ser poupado nos instantes finais da conclusão do ato.

A coisa não para por aí. Os descendentes de Jacó foram morar no Egito, onde acabam escravizados. O Faraó ordenou que todos os bebês de sexo masculino fossem mortos ao nascerem, sendo que Moisés foi o único a escapar. Este, depois de adulto, desafiou o Faraó, com o auxílio de seu Deus vingativo, que simplesmente impôs dez pragas ao povo egípcio, além de afogar o exército inimigo no Mar Vermelho.

Após a fuga do Egito, Deus não cessa as violências e os massacres. Ele deu a Moisés a tábua com os dez mandamentos, o grande código moral dos israelitas, que ordena aos homens comandos como “não matarás”, “não roubarás” e “não cobiçarás a mulher de seu próximo”, sendo que ao voltar para a comunidade que aguardava a apresentação das leis de Deus, Moisés e seu irmão Aarão simplesmente mataram 3.000 dos seus, uma vez que neste interregno em que Moisés ausentou-se, os mesmos estavam a adorar uma estátua de bezerro de ouro.

Estas inimagináveis sequências de massacres e arbitrariedades fazem parte e compõem a espinha dorsal de nada menos que a própria narrativa bíblica, nua e crua, sem qualquer artifício ou tentativa de adulterar ou agravar estas

ações divinas. Trata-se de uma reunião de preceitos morais consubstanciados em narrativas comportamentais que nortearam e ainda norteiam o comportamento da humanidade e de grande parte de nossa civilização que, em sua maioria, adota a Bíblia nessa prática já há milhares de anos.

O incrível é que os exemplos de violências na própria Bíblia não se limitam a estes breves relatos e continuam cada vez mais radicais, uma vez que, ainda no caminho da Terra Prometida, os hebreus depararam-se com os midianitas (tribo nômade que andava perambulando miseravelmente por aqueles desertos). Após este encontro, eles simplesmente mataram os homens, além de queimarem suas precárias tendas e roubarem todos os seus pertences, gados, saqueando tudo que podiam, bem como capturando suas mulheres.

Quanto ao rapto das mulheres, Moisés não aprovou (o resto das ações estavam todas convalidadas), ordenando o sacrifício de todas, exceto as virgens e as crianças do sexo masculino.

Segundo o historiador Felipe Van Deursen, em sua brilhante obra "Com 3.000 mil anos de guerra", na Bíblia Hebraica existem nada menos que 6.000 passagens abordando ataques, matanças, estupros e crimes inomináveis. Destes, uma infinidade de violências originam-se justamente do comando de Jeová, o qual ordena diretamente a morte de inúmeros seres humanos.

O incrível é que o gene da violência na narrativa bíblica é tão denso e monstruoso quanto a ignorância do ser humano em não perceber através da simples leitura de seus versículos.

Até mesmo nas histórias mais exaltadas e tidas como exemplos de bom comportamento a serem seguidos pela

humanidade, a violência, o poder e a falta de misericórdia aparecem translúcidos.

Nesse sentido, é de se recordar o festejado Rei Salomão, chamado de “Reis dos Reis”, o qual é famoso por sua riqueza e sabedoria. No entanto, ao ser confrontado por duas prostitutas que disputavam a maternidade de um bebê, Salomão abruptamente sacou sua espada e ameaçou cortar o bebê ao meio. Dessa forma ele satisfaria cada uma das pobres mulheres com metade do bebê. Diante do verdadeiro horror que um assassinato implicaria e com tamanha brutalidade, uma delas salta gritando e abre mão da criança, fato que fez Salomão entregar-lhe o bebê.

Mais alguns episódios “virtuosos” de comportamentos são ensinados na Bíblia: por volta do século IX a.C., os israelenses resolveram marchar sobre a cidade de Damasco, hoje capital da Síria, chefiada pelo General Ben Hadad, sendo que na fronteira das Colinas de Golã no sétimo dia travou-se uma batalha final. Esta foi a ocasião em que os israelenses mataram improváveis 100.000 soldados sírios nessa duvidosa narrativa bíblica.

Em 734 a.C., os assírios que não tinham acesso ao mar atacaram Israel e as cidades costeiras de Sidon, Gaza e Tiro dominando-as facilmente. Nestas circunstâncias, Israel prometeu lealdade aos estrangeiros dominadores para não ser aniquilada, tornando-se um povo vassalo aos assírios, os quais passaram a controlar suas rotas comerciais, cobrar tributos, fechando suas fronteiras e envolvendo Israel em uma grande guerra contra seus vizinhos egípcios. O fato
é que Israel, a partir dessa fase da história, ficou sempre no

caminho geográfico de outros povos e dominada por reinos muito mais poderosos.

Um século depois desse período, foi a vez dos babilônios massacrarem Jerusalém. Após 18 meses de brutal cerco sobre a cidade, houve a total destruição do templo de Salomão pelo Rei Nabucodonosor II, aniquilando milhares de Judeus e escravizando outros milhares, exilando-os na Babilônia (inclusive o próprio profeta Daniel).

Após séculos, houve o retorno do "povo de Deus" à Terra Prometida. Posteriormente, foi a vez de Alexandre o Grande, através de seus sucessores representados pelo Império Selêucida, dominar totalmente a Judéia e impor a proibição de suas crenças e liberdades religiosas, dizimando-os com a ajuda de 32 elefantes de guerra, protegidos em armaduras metálicas.

A dominação e a guerra continuam a persistir, sendo que algumas décadas antes do nascimento de Jesus Cristo este domínio se deu pelas mãos dos Césares Romanos. Em 63 a.C., o general romano Pompeu ocupou Jerusalém, dando início ao violento domínio de Roma sobre esta parte do Médio Oriente.

Em suma, todas estas narrativas são relatos bíblicos e reúnem por meio da simples leitura de seu texto nada menos que 1 milhão e 167 mil pessoas assassinadas, fatos confirmados por Felipe Van Deursen na brilhante obra já mencionada.

O estarrecedor é que para ter acesso a esta avalanche de crimes e violências basta qualquer indivíduo, a qualquer momento, ter o trabalho de abrir o Livro mais popular de toda a história da humanidade, ou seja, a "Bíblia Sagrada", encontrada na maioria dos lares por todo o mundo, bem como na maioria

das mesas de cabeceira de hotéis e simplesmente mergulhar na leitura, cuja autoridade divina fez catapultar centenas de péssimos e absurdos exemplos comportamentais à humanidade.

Jesus Cristo veio ao mundo no cerne deste judaísmo baseado em violência e preconceitos, ouvindo as leituras nas sinagogas dessas tradições no mínimo beligerantes e irracionais.

Capítulo IV

Jesus histórico, Jesus real

No capítulo anterior, chegamos até a época do nascimento de Jesus Cristo, ocasião na qual toda a Palestina estava sob o jugo do maior e mais poderoso Império que a humanidade havia experimentado até então.

Enfocaremos agora elementos estritamente históricos e absolutamente comprovados de fontes fidedignas endossadas por estudos que envolveram séculos de trabalhos intensos de historiadores, pesquisadores, arqueólogos e todos aqueles que se aprofundaram na busca científica do Jesus Histórico.

Neste sentido e baseados neste prisma, indague-se primeiramente: quais as certezas indubitáveis que temos quanto a esta personalidade histórica? A primeira resposta é a de que Jesus foi um judeu que nasceu aproximadamente após 70 anos da invasão romana na Judéia, ocasião na qual a Palestina vivia sob condições sociais, políticas e econômicas extremamente singulares.

O fato é que, historicamente, quando se analisa a dominação de um povo sobre o outro, evidentemente não há como não detectar a violência, a exploração e até mesmo a escravidão imposta àquela comunidade que veio a sucumbir ao domínio estrangeiro. As cores destas circunstâncias na invasão de Roma sobre a Palestina são incomumente mais fortes.

Com efeito, no caso específico desta invasão que estamos a abordar, suas características são muito próprias, pois impõe ao

povo dominado uma tripla situação concomitante de opressão, o que jamais havia sido registrado ao longo da história. Além do brutal controle romano, que usava da mais radical imposição da força e violência, no caso específico sobre toda a Palestina, hoje Israel, havia também a diminuição do Reinado Provincial instaurado pelo Rei local, Herodes, que, na realidade, fazia o papel de um aliado de Roma, ou melhor, quase um preposto, com a delegação de manter soldados próprios dominando todo o esquema de opressão para cobrar sua parte nos impostos, com a consequência de que o povo palestino tinha de produzir para sustentar não um dominador, mas dois.

Por incrível que possa parecer, tal opressão não cessava pelo domínio destas duas forças bélicas. Havia uma terceira dominação sobre a Palestina: a espiritual. Como se não bastasse, todo o aparato da religião judaica era controlado pelo sinédrio, verdadeira etnia hereditária de sacerdotes de várias classes e funções, os quais exerciam seu absoluto poder sobre a Judéia, Jerusalém e o Templo, centro umbilical da religião de toda Palestina, e também da diáspora judaica já espalhada pelo mundo desde aquela época.

Esta dominação religiosa era também tão radical e espoliativa quanto as outras duas opressões temporais acima mencionadas, uma vez que todos os judeus e suas famílias, na busca de seu acolhimento, incorporação e aceitação aos preceitos do judaísmo, eram compelidos a fornecer a este enorme clero uma infinidade de oferendas, dízimos e demais obrigações onerosas para estarem inseridos no contexto da obediência e satisfazer, para sua salvação, um Deus despótico

exigente e rancoroso.

Nesta conjuntura de tripla opressão, a Palestina, de modo geral, era dividida em três regiões, a Judéia, a Samaria e a Galileia, sendo que as três eram brutalmente exploradas, com sua população miserável completamente vilipendiada.

Esta exploração e imposição de sacrifícios a um povo já pobre e, na sua maioria, agrário, conseguiu criar quase que uma reforma agrária às avessas, uma vez que, principalmente na Galileia, a sobrevivência se dava através do plantio e produção de cereais, frutas, além da criação de animais em propriedades rurais familiares. Estas propriedades acabaram sendo, na sua maioria, coercitivamente transferidas por confisco e desapropriadas por este poder que lhes impunham dívidas impagáveis.

Enfim, a situação era de tamanha exploração e injustiça que este povo, após esta tripla subjugação, esbarra em todas as consequências que a miséria profunda impõe à uma população dominada, isto é, a fome, o surgimento de doenças, epidemias, desequilíbrios sicológicos, desunião familiar e tantas outras mazelas.

É exatamente neste nebuloso e gravíssimo contexto histórico que vem ao mundo Jesus Cristo, em um pequeno vilarejo chamado Nazaré, no coração da Galileia (o consagrado nascimento em Belém, na Judéia, é extremamente improvável historicamente e será tema de abordagem específica mais adiante).

As fontes históricas são escassas, mas absolutamente fiéis. Neste sentido, em excelente relato datado da última década do

primeiro século, o historiador judeu Flávius Josefus, que, na realidade, transmutou-se do judaísmo para o absoluto paganismo, tornou-se respeitado cidadão romano de formação clássica e de elite, portanto fonte totalmente desvinculada de qualquer caráter tendencioso, assim afirma em sua obra "Jewish Antiquities", 18.63:

> Naquela época, lá vivia Jesus, um homem sábio. Pois ele era um homem que operava feitos surpreendentes e era um mestre para as pessoas que aceitam sua verdade com alegria. Ele ganhou o apoio de muitos judeus e de muitos gregos... Quando Pilatos, depois de ouvi-lo ser acusado pelos homens mais honrados dentre nós, o condenou à crucificação, aqueles que o haviam seguido para amá-lo não desistiram pelo afeto por ele... E a tribo dos cristãos, assim chamada em homenagem ao seu nome, até hoje não desapareceu.

Esta descrição é cuidadosamente neutra, sendo que seu texto original foi muito bem conservado. Porém, existem versões deste relato histórico modificadas e realizadas por editores cristãos, com o objetivo de doutrinação, portanto, não interessantes ao mister do presente trabalho.

Outrossim, o relato que trazemos a seguir foi escrito nas primeiras décadas do século II d.C. pelo historiador também pagão Cornélio Tácito, que menciona um assunto diverso no sentido de que um rumor culpava Nero pelo desastroso incêndio que destruiu Roma no ano 64 d.C., sendo que nesse contexto em sua obra "Anaías", nº 15.44, ele, com todas as letras, assim se refere a Cristo:

> Portanto, para encerrar os rumores, Nero apontou como culpado e puniu com os mais extremos requintes de crueldade, uma classe de homens abominada pelos seus vícios, que o povo conhecia como cristãos. Cristo, o fundador do nome, havia recebido o castigo da morte no reinado de Tibério,

> sentenciado pelo procurador Pôncio Pilatos, e a superstição perniciosa havia sido interrompida na época. Somente para recrudescer não apenas na Judéia, lugar de origem da doença, mas na própria capital onde todas as coisas horríveis ou vergonhosas do mundo se reúnem
> e encontram expressão.

Este texto de Tácito já se diferencia do anterior de Josefus em razão de sua nítida parcialidade (contra os cristãos). Porém, concordam plenamente em pelo menos três bases elementares: (1) havia um genuíno e claro movimento associado a Jesus Cristo; (2) Jesus foi executado pelos detentores do poder, autoridades estas que visavam encerrar o seu movimento; (3) o mais singular é que em vez de terem conseguido encerrar tal movimento, ele continuava a se espalhar.

A circunstância que submerge absolutamente nítida destes três fatos históricos e comprovados, além dos demais achados arqueológicos, é que esse movimento de Jesus propôs um outro reino, diferente daquele que impunha tamanha violência e miséria a seus conterrâneos. Afora isso, é de se tirar outra conclusão extremamente provável que este movimento, se fosse configurado apenas numa filosofia baseada em ideias, por meio de meras pregações e palavras, teria sido claramente ignorado pelo poder romano – do Clero e da própria dinastia judaica Herodiana.

Contudo, a verdade está na efetiva constatação de um movimento revolucionário e real que envolvia a política de seu próprio reino. Para tanto, este personagem histórico adicionava a seu movimento e sua religião a prática de curas, exorcismos, conforto e esperança, diferenciando-se de tantos outros líderes sociais que existiram na mesma época, que propunham apenas a

ação real e prática.

A observação que salta claríssima nesta investigação, baseada em dados históricos é que, em consequência da absurda expropriação que se impunha à essa população anteriormente remediada na sua base agrária, houve a ocorrência de um verdadeiro êxodo (reforma agrária às avessas) ocorrido principalmente com Herodes O Grande e sua dinastia, baseada na urbanização em razão da implementação de grandes obras, fortalezas, castelos, etc.

Séforis, cidade praticamente construída de uma pequena vila por Herodes o Grande, situava-se apenas 4 milhas de distância de Nazaré, e aproximadamente 20 milhas de distância de Tiberíades no mar da Galileia. Tal cidade, após sua destruição posterior à morte de Herodes, foi reconstruída por seu filho Herodes Antipas, governador da Galileia, justamente no período da vida de Jesus Cristo, ou seja, entre 4 a.C. e 39 d.C. Assim, Tiberíades foi totalmente remodelada em homenagem ao Imperador romano Tibério, tendo sido transferida a capital da Galileia de Séforis para lá também neste mesmo período.

Isto tudo, portanto, nos leva a crer que Jesus, bem como seus irmãos (dos quais vamos falar mais adiante) e seu pai, provavelmente representantes da classe de pequenos produtores rurais de Nazaré, passaram a ter outros ofícios simples, justamente como única chance de subsistência. Assim, muitos destes jovens, inclusive Jesus, devem ter sido operários (carpinteiros, pedreiros, pintores de templos) na construção e reforma de Séforis e Tiberíades.

Deste modo, não há dúvidas quanto a alguns fatos históricos

efetivos sobre Jesus de Nazaré que encerram em si total confiança, quais sejam, que Jesus foi um judeu que liderou um movimento popular judaico com índole revolucionária na Palestina no início do século I d.C., e que Roma o crucificou em razão da agitação política e religiosa que havia nesse período. Jesus falava de um reino diferente daquele reino material miserável, imposto e exercido pelos dominadores.

Outro fato histórico pouco abordado pelas mais diferentes razões no Novo Testamento é que Jesus possuía irmãos, apesar da doutrina Católica restringir tal fato a diminutas dimensões, pois os evangelhos impuseram uma perpétua e casta virgindade à sua mãe Maria, assim impossibilitando sua matriarca de possuir uma família normal para a época.

Ocorre que, os próprios Evangelhos que tratam em insistir no puritanismo da mãe de Cristo (não se sabe por quê), relatam e comprovam várias vezes (o que se vê também nas cartas de Paulo) que Jesus Cristo fazia parte de uma grande família, a qual incluía pelo menos quatro irmãos expressamente nomeados e indicados nos evangelhos – Tiago, José, Simão e Judas, - afora um número desconhecido de irmãs, efetivamente também mencionadas pelo menos duas vezes, mas não nominadas.

O próprio historiador Josefus, já anteriormente mencionado, faz referência expressa a Tiago, referindo-se a ele de maneira clara como irmão de Jesus, o qual se tornaria o mais importante líder da Igreja Cristã Primitiva após a morte de Cristo em Jerusalém. Nesta referência, ele simplesmente identifica este homem de nome Tiago como sendo “o irmão de Jesus que é chamado de Messias” (Antiguidades dos Judeus, 20,9,1).

Dando maiores temperos à realidade deste contexto histórico, o citado Josefo descreve a Galileia como local de foco de atividades revolucionárias por séculos, sendo que tal região e seu povo eram sinônimos de rebeldia e local "acostumado à guerra desde a infância, sempre resistente à invasão hostil".

As menções históricas não param por aí, uma vez que sempre com base em fontes pagãs, no ano de 112 d.C., o autor Plínio, o Jovem, que governava uma província romana ao norte, em uma carta dirigida a seu Imperador Trajano, menciona que havia um grupo de pessoas chamadas de cristãs que se reuniam ilegalmente. Ele gostaria de saber como lidar com esta situação atípica. Nesta carta, Plínio reporta e reproduz a narrativa de Josefo, já mencionado, expressamente ao Imperador que aquelas pessoas "veneram Cristo como um Deus".

O trecho memorável de Plínio que repete Josefo ampliando e dando mais detalhes a sua narrativa não pode ser omitido do leitor, por se tratar de documento histórico:

> Nesta época surgiu Jesus, um homem sábio [caso ele de fato devesse ser chamado de homem, pois] realizava feitos impressionantes, um mestre de pessoas que recebiam a verdade com prazer. E ele conquistou seguidores entre muitos judeus e muitos de origem grega. [Ele era o Messias]. E quando Pilatos, por causa de uma acusação feita pelos líderes entre nós, o condenou à cruz, aqueles que o amavam antes não deixaram de amá-lo. [Pois ele apareceu a eles no terceiro dia novamente vivo, assim como os profetas divinos tinham falado dessa e de incontáveis coisas assombrosas sobre ele]. E até hoje a tribo dos cristãos, que leva seu nome, não desapareceu. (Antiguidades, 18.3.3).

Portanto, a síntese baseada na história impõe mais um dado real à Cristo, qual seja: Jesus era um mestre que supostamente

realizava feitos maravilhosos, possuindo muitos poderes e seguidores, tendo sido condenado à cruz por Pôncio Pilatos, além de ter irmãos, sendo um deles chamado Tiago, afora seus 12 discípulos.

No entanto, mesmo com os dados já mencionados, há de se deixar claro que existem fontes históricas esclarecendo e testemunhando fatos importantes que colaboram com
o conhecimento sobre a vida de Jesus Cristo, mas tais fontes são extremamente raras e, quase sempre, pouco confiáveis.

Assim, passamos a um resumo didático do que pode ser considerado como genuína fonte historiográfica.

1. No ano de 112, Plínio, o Jovem, escreve numa carta ao imperador romano, Trajano, falando a respeito dos cristãos: “Todas as suas faltas ou todos os seus erros, confessaram eles, resumir-se-iam a reunir-se habitualmente numa data fixa e a cantar entre eles um hino a Cristo como se fosse um Deus”.

2. Pelo ano 116, o famoso historiador romano Tácito conta em seus Anais que Nero, imperador romano, acusado de ter ele mesmo incendiado Roma em 64, acusou os cristãos: “Nero considerou culpados e infringiu tormentos àqueles que eram detestados pelas suas abominações e a quem
a multidão chamava cristãos. Este nome vem de Cristo, que foi entregue ao suplício no pontificado de Tibério pelo procurador Pôncio Pilatos 2”.

3. Suetónio, outro escritor romano, por volta do ano 120, na Vida dos Doze Césares, faz de um certo “Chrestus” o instigador das perturbações entre os judeus que habitavam em Roma em 48, no tempo do imperador Cláudio, que os teria expulsado.

Ora justamente, o livro dos Actos dos Apóstolos – livro que completa o Evangelho de S. Lucas no Novo Testamento – faz uma alusão directa a esta expulsão, por altura da chegada de São Paulo a Corinto (Actos, 18, 2 : Áquila e Príscila).

4. Afora os testemunhos já mencionados de Flávio Josefo, Tácito, e os demais acima relembrados, indubitáveis como documentos históricos, muito pouco se pode abstrair com características de genuína confiabilidade.

Por outro lado, analisando fontes diversas, abriu-se outro tênue leque de informações de razoável pureza. A maioria dos estudiosos e pesquisadores atuais detectam (em apenas algumas passagens e menções) dentro dos Evangelhos canônicos, indícios inquestionáveis de historicidade, em razão de aspectos de trechos que com rara ênfase são confirmados em todos os quatro evangelhos e por vezes repetidos também nos demais evangelhos apócrifos. Tais historiadores
e especialistas confirmam a certeza de alguns fatos narrados nesses textos consistirem na realidade histórica, por meio de comparações e outros elementos específicos que respaldam essas narrativas.

Muito será questionado neste trabalho sobre a veracidade e a consistência dos evangelhos canônicos, que notoriamente foram manipulados. Porém, não há dúvida de que, mesmo com essas adaptações intencionais, estes são documentos que possuem valor histórico quando corretamente filtrados e criteriosamente analisados.

É nesse sentido que os Evangelhos passam-nos importantes dados sobre Jesus, nos pormenores acerca das cidades e aldeias

daquele tempo, das maneiras de viver, de falar, de suas personagens oficiais. A história e a arqueologia confirmam que todos esses elementos são exatos e verídicos. Aliás, alguns pormenores não poderiam ter sido inventados ou escritos mais tarde, porque certas instituições e práticas tinham mudado ou mesmo sido extintas pouco tempo depois da morte de Jesus, particularmente no ano 70 d.C., ano da destruição de Jerusalém.

Ocorre que quase 1950 anos após esses acontecimentos, descobre-se que os Evangelhos tinham razão, ao contrário do que, durante muito tempo, os historiadores julgaram estar errado. Precisamente, em algumas das suas passagens: por exemplo, no Evangelho segundo S. João, considerado o mais espiritual e, portanto, o menos exato e preciso, mais afastado dos tempos e dos locais, encontra-se o nome exato de mais de vinte localidades concretas que desapareceram completamente, mas puderam ser identificadas pela arqueologia e só recentemente os historiadores provaram a sua existência.

Algo muito questionado foi se realmente existiu Nazaré ou se esta não passou de mera invenção dos Evangelhos, justamente pelo fato de que o Antigo Testamento e os antigos manuscritos hebraicos simplesmente não a mencionam. Porém, uma equipe de arqueólogos israelitas orientada pelo professor Avi Jonah, encontrou em 1962 nas ruínas de Cesareia Marítima uma placa gravada em hebraico, datada do século III a.C. com o nome da aldeia de Nazaré estampado.

Mais um exemplo que comprova que os Evangelhos possuem conteúdo histórico é ilustrado pelo fato de ter sido encontrada por arqueólogos em Jerusalém a “Piscina dos Cinco Pórticos”, a

piscina de Bethesda, próxima da porta das Ovelhas. Este é mais um caso de uma descoberta de algo que antes era vista como uma criação mítica.

Ainda há mais: em 1927, também por uma equipe de arqueólogos Franceses, foi encontrado o lithostrotos ou Gabbatha, esse espaço lageado do pretório em que Jesus esteve quando compareceu diante de Pilatos (Evangelho segundo S. João, capítulo 19, versículo 13).

Quanto ao próprio Pilatos, o prefeito romano que condenou Jesus à morte e do qual não se encontrava rastro concreto ao longo de dezoito séculos, arqueólogos italianos encontraram em 1961, também nas ruínas de Cesareia Marítima, o seu nome gravado numa pedra com o seu título exato: praefectus[1].

Ressalve-se, contudo, que, como já sabemos e será desenvolvido no decorrer de outro capítulo mais à frente, os evangelhos canônicos abarcados pelas narrativas de Marcos, Mateus, Lucas, João e, posteriormente, Paulo, através de suas cartas e atos, encerram em si um enorme número de contradições, falhas de narração e inconsistências históricas, com incertezas que comprovam verdadeiras adaptações na busca de envelopar um sucedâneo que desse respaldo à montagem de uma história para a formação do cânone da Religião Católica Cristã que acabou por transformar Jesus Cristo no próprio Deus.

Não se pode descartar, como acima mencionado, que alguns elementos retratados nesses documentos detém em si suficiente base real e veracidade histórica. Afora os elementos acima realçados, outro exemplo que confirma a historicidade de

algumas menções evangélicas se inicia através do evangelho de Marcos, repetindo o relato no qual habitantes da pequena cidade de Nazaré, berço de Jesus Cristo, conviviam em pequeno núcleo comunitário, quando perguntavam entre si como Ele, aquele simples menino com o qual conviviam, pôde transmitir ensinamentos tão espetaculares e realizar atos tão grandiosos, dizendo em sua perplexidade: “Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão, e suas irmãs não estão aqui conosco?” (Marcos, 6.3).

Ou seja, além de Marcos textualmente confirmar a existência da extensa irmandade familiar de Cristo, indagavam aqueles que conviveram com Jesus, que o viram crescer entre outras crianças, tendo conhecido sua família, como aquela criança, jovem e normal pôde se transformar em alguém tão notório e diferenciado. Porém, esta é a única mensagem no Novo Testamento em que Jesus é chamado e reconhecido como carpinteiro: um trabalhador de ofício simples que, muito provavelmente, em razão da falência do campesinato, veio a trabalhar na reconstrução das cidades de Séforis e Tiberíades, como já dito.

Todos estes fatos fazem com que soe absolutamente plausível e provável outras circunstâncias objetivas na composição do Jesus Histórico, sendo este um judeu que era fiel
e amava o Deus Judeu, mantendo costumes orientados pelo judaísmo, convivendo e interpretando a lei judaica, chamando junto a si discípulos judeus para formar sua base de atuação, os quais o aceitavam como um mestre popular ou, até mesmo, como o Messias Judeu.

Está comprovado que esse líder se opunha violentamente contra os três tipos de *establishments* existentes*:* o primeiro era o do clero, os protagonistas da religião judaica (rabinos, sacerdotes, senhores do templo, etc.), ou seja, toda a burocracia que envolvia o judaísmo. Em segundo lugar, a nobreza judaica – os tetrarcas –, reis judeus como Herodes Antipas
e seus irmãos, que naquela época, como prepostos romanos, ajudavam a massacrar e explorar aqueles povos da Palestina. Em terceiro, vinha o domínio do Império Romano, que trataremos mais à diante.

Assim, nesta missão hercúlea de opor-se a estas três forças, pode-se dizer que o Jesus histórico era uma mescla de rabi, revolucionário social, e líder messiânico com forte característica de insurgência política, um filósofo de alta e inovadora patente de surpreendentes enfoques e um profeta apocalíptico, isso tudo associado ao fato de ser na sua essência um simples judeu palestino no conturbado e violento contexto histórico do século I.

Início bastante significativo para sustentar a condição de que Jesus realmente, dentre sua diversidade, foi realmente um revolucionário, um Zelota. Jesus foi crucificado entre dois outros homens, descritos como ladrões nas tradução da Bíblia. No entanto, se voltarmos ao texto original grego, veremos que eles não são chamados ali de ladrões, mas de *lestai,* cuja tradução, no sentido estrito, é "salteadores", mas que, em grego, era nome oficial dos "zelotes" – os guerreiros libertários da Judéia dedicados a livrar a terra natal da ocupação romana. Os romanos os consideravam terroristas.

Essa mesma posição do comportamento revolucionário de Jesus é retratada e confirmada de forma quase exata em uma específica passagem repetida nos quatro evangelhos. O evento é atestado até sem tanto alarde, ou melhor, sem tanto foco e importância por Marcos, Mateus, Lucas e João, conferindo a ele uma certeza de historicidade que nenhum pesquisador gabaritado contrariou.

Um dia após a sua famosa chegada em Jerusalém para a Páscoa, cidade da qual nunca mais retornaria, Jesus, ladeado de muitos seguidores, além de estar na companhia de seus apóstolos em um círculo menor, adentrou ao pátio público do Templo – Pátio dos Gentios – e iniciou uma frenética atividade que, posteriormente, foi denominada pela religião católica como a "purificação do Templo". Num acesso de frenesi e raiva, ele derrubou as mesas dos cambistas
e vendedores de oferendas para sacrifícios sacerdotais, expulsando violentamente mercadores de comidas e "sovenires", simplesmente como um revolucionário em ação "terrorista", salvando ovelhas, soltando os bois e gados prontos para serem vendidos ao abate sagrado, abrindo gaiolas de pombas, enfim pondo tudo em polvorosa e fuga.

Os evangelhos denominam esta atuação como uma limpeza dos desvios e modos do clero no templo e, principalmente, contra a imposição de pagamentos e sacrifícios aos crentes pelos sacerdotes, sendo verdadeiros obstáculos e dificuldades materiais para possibilitar, em proveito próprio, que estes clérigos aferissem dinheiro indevido, como condição de viabilizar e possibilitar o acesso a Deus.

Jesus grita “Tirai estas coisas daqui!”, e com a ajuda de seus discípulos, bloqueia a entrada do templo, a fim de evitar o transporte de mercadorias para venda ou escambo. Nesta verdadeira e inusitada balbúrdia revolucionária, os soldados romanos e os próprios soldados do templo invadem o recinto, misturando-se a fiéis e sacerdotes curiosos no meio de detritos e barracas quebradas, animais em debandada tentando fugir ou sendo recuperados por seus donos. No meio desse caos, imperturbável pregando em voz alta acima de todo aquele barulho, lá estava ele, Jesus Cristo: “Está escrito: a minha casa será chamada Casa de Oração, para todas as nações. Mas vós fizestes dela um covil de ladrões (...). Destruam este templo! (...). Em três dias eu o reerguerei”.

Por esta atuação, Jesus em uma única ação determinou sua sentença de morte ao confrontar de forma expressa todo o clero, o Reino Judaico e o próprio Império Romano, ou seja, não só uma, mas as três forças que dominavam a Palestina, que eram unidas e coniventes beneficiárias dos recursos advindos do templo e daquele verdadeiro mercado da fé.

Com efeito, foi Jesus quem simplesmente chutou o pilar da base do cerne de todo o poder e força que sustentavam a Nação Judaica, afrontando nada menos que o temido e intocável Império Romano.

O ataque, naquele mesmo dia, não parou por aí. Descendo ao famoso banho de águas cristalinas numa das entradas da cidade de Jerusalém (local redescoberto por arqueólogos no século passado como vimos anteriormente), vendo um leproso de alto contágio voltando derrotado da audiência com os sacerdotes

que lhe cobravam pagamento em sacrifícios para o Deus judeu, gastos proporcionais à gravidade de sua doença e ao custo de sua salvação.

Jesus não se conteve ao ver aquele homem e sua situação, fazendo simplesmente com que ele entrasse nas águas da piscina, ao protesto e estarrecimento dos que ali se encontravam saudáveis, e se banhasse, para em seguida pedir ao leproso que saísse das águas, pois ele já estaria limpo e livre de suas feridas. Incrédulo, aquele leproso, ao ver-se completamente curado e com a pele refeita, quase em êxtase, entre lágrimas e risadas, pergunta a Jesus quanto e o que lhe devia como pagamento para tamanha bênção. Jesus simplesmente pede que o pague com uma única ação: mostre-se aos sacerdotes e diga-lhes que quem lhe curou nada cobrou, pois o acesso a Deus se faz de outra forma, de maneira direta e no íntimo de quem tem fé.

Este é o Jesus histórico, que também usando de seu curandeirismo e dotes de praticar milagres fazia diferente dos demais revolucionários que, aliás, em grande número apareceram naquela época, mas em termos de magnitude histórica nunca se compararam à dimensão de Cristo.

A fim de concluir a menção destes dados, que são considerados históricos nos quatros Evangelhos canônicos, não podemos deixar de mencionar outra narrativa que amplia esta base de historicidade: Quando vários sacerdotes dirigem-se e aproximam-se de Jesus à vista de muitos presentes (para os terem como testemunhas) e sorrateiramente indagam: “Mestre, sabemos que és verdadeiro, que ensinas o caminho de Deus segundo a verdade e não reverencias nenhum homem, diz-nos: é

lícito pagar o tributo a César ou não?".

A capciosa indagação incriminadora em si mesma sobre a legalidade de Roma em cobrar tributos estava justamente baseada na intenção de antagonizá-lo à própria Roma com a seguinte tradução: você é ou não um revolucionário? Porém, a genialidade de Cristo de pronto apareceu: "Mostrai-me um denário" – moeda romana utilizada para pagar tributos. "De quem é esta imagem e esta inscrição?". Os sacerdotes responderam: "É de César". E então, Jesus lhes questiona: "Bem, então devolvei a César o que pertence a César, e devolvei a Deus a propriedade que pertence a Deus". Esse episódio dificilmente seria passível de ilegitimidade e de inverdade histórica pelas suas próprias características sutis e inusitadas.

Devemos destacar como digno de historicidade o episódio no dia que antecede a prisão de Cristo. Ele passou a noite junto de seus discípulos no jardim de Getsêmani (João 18), já em verdadeira declaração e demonstração de insurgência revolucionária e força, Jesus pede a seus discípulos e acompanhantes que estivessem armados, alertando: "Se tu não tens uma espada, vá vender seu manto e compre uma".

Os discípulos, antes de caminharem para o local em que Jesus seria preso, respondem a seu líder: "Aqui estão suas espadas". E Jesus responde: "É o suficiente" (Lucas 22:36-38).

Na sequência, Jesus previu o que dali há poucas horas aconteceria. No Evangelho de João (18:3), aponta-se que uma verdadeira corte de soldados marchou para Getsêmani. Segundo este relato, havia de 300 a 600 guardas do sinédrio portando armas e tochas.

Esses são fatos que podem ser considerados históricos nos Evangelhos e, por sua vez, centralizam na afronta de Cristo contra o Templo e toda a sua simbologia. Esta simbologia possuía o sacrifício como seu principal objetivo e razão de ser, em troca da exploração dos humildes e desvalidos, impunha seu ritual de libação de sangue a fim de que o mesmo limpasse os pecados da alma e as doenças do corpo daquele povo subjugado. É este revolucionário, neste contexto de salvação pela oferenda de sacrifícios, que praticamente se auto imola, oferecendo-se em sacrifício junto de seu sangue, para que mais nenhum homem judeu precisasse sujeitar-se aos abutres sacerdotes, rabis e senhores do Templo.

Este é o ponto crucial pouco mencionado por estudiosos e historiadores do tema, mas que para nós é claro e fundamental a brutal ligação dos ensinamentos praticados ao longo da vida e da própria revolução desferida por Cristo neste período, cujo ápice foi sua morte, sendo este o gatilho a levar a Palestina à revolução judaica de 66 d.C., que efetivamente culminou com a total destruição do Templo, bem como com o aniquilamento de toda a Jerusalém, não sobrando pedra sobre pedra, sob o comando de Tito, que com dezenas de legiões romanas, enterrou ali todo o passado de exploração religiosa.

Assim, a comunidade cristã que iria surgir após a destruição de Jerusalém (70 d.C.), mas que na realidade se desenvolveu na Diáspora, ou seja, fora do território palestino por judeus e gentios, denominada de “Novo Templo feito sem mãos humanas”, retratando o que o próprio Jesus havia profetizado no Evangelho de Marcos: “Vedes estas construções? Nenhuma

pedra será deixada sobre outra, tudo vai ser derrubado" (Marcos 13:2).

Foi justamente neste período que se sustenta o testemunho de Marcos (autor do mais antigo Evangelho) escrito em algum tempo depois, mas bem próximo de 70 d.C., ou seja, há apenas quatro décadas após a morte de Jesus. Este escrito com razoável autenticidade dispunha de um conjunto de tradições orais e escritas que haviam sido repassadas pelos primeiros seguidores de Jesus, ao longo desse curto interregno de tempo ainda em Jerusalém entre a morte de Cristo e a destruição do Templo, período no qual Tiago, "O Justo" (irmão de Jesus Cristo), após comprovações históricas, foi o sucessor e patriarca das mensagens na nova comunidade cristã que surgia.

Tiago é confirmado por Josefus, retratando a passagem de sua morte, usando a expressão "Tiago, irmão de Jesus, o que eles chamam de Messias", provando que em 94 d.C. Jesus de Nazaré era reconhecido como o fundador de um movimento importante e duradouro. Ainda há a comprovação através do consenso quase unânime dos estudiosos contemporâneos acerca do reconhecimento de Tiago – o irmão de Jesus – como chefe da primeira comunidade cristã, acima de Paulo, de João (o mais longevo) e do próprio Pedro (os três pilares da Igreja Primitiva), sendo que este fato foi totalmente retirado do Novo Testamento e ofuscado pelos apóstolos da Diáspora capitaneados por Pedro e Paulo, bem longe da Jerusalém destruída.

Até mesmo o apóstolo Paulo comprova sua importância, em interessante dado histórico, de maneira até mesmo contraditória, visto que tratava-se de um antagonista de Tiago

(irmão e sucessor de Jesus).

Como se sabe, Paulo jamais foi um seguidor contemporâneo de Cristo e é absolutamente claro que nunca o conheceu. Na realidade, ele foi um convertido que misteriosamente viu a luz no caminho de Damasco (Atos 9:3), convertendo-se de inimigo da fé cristã em talvez o seu mais pujante defensor.

É este Paulo (contrário às tradições judaicas) que relata expressamente em Gálatas 1:16-20:

> Não consultei carne nem sangue, nem subi à Jerusalém aos que eram apóstolos antes de mim, mas fui à Arábia e voltei novamente à Damasco. Em seguida, após três anos, subi à Jerusalém para avistar-me com Cefas e fiquei com ele quinze dias. Não vi nenhum apóstolo, mas somente Tiago, irmão do Senhor. Isso vos escrevo e asseguro diante de Deus que não minto. (grifo nosso)

Em comentário à esta parte do Evangelho, Burt D. Ehrman em seu definitivo tratado "O que Jesus disse? O que Jesus não disse?", assim ilustra a transcrição acima: "Essa declaração enfática de que Paulo não está mentindo nos faz parar. Ele é absolutamente claro. Não se consultou com outras pessoas após sua conversão, não viu nenhum dos apóstolos por três anos e mesmo depois disso só viu Cefas (Pedro) e o irmão de Jesus, Tiago".

Porém, a importância de Tiago não se limita a isso. É Tiago a quem Pedro relata suas atividades antes de sair de Jerusalém (Atos 12:17), e é também Tiago quem lidera os anciões quando Paulo chega à Jerusalém para fazer-lhe súplicas (Atos 21:18). Na realidade, é Tiago o real mandatário do Conselho Apostólico e quem decide, faz deliberações e julgamentos definitivos (Atos 15:13). Seu protagonismo é absolutamente comprovado

historicamente, bem como sua magnitude perante o próprio Paulo e a disputa travada entre ambos, na qual o irmão de Cristo enquadra publicamente o grandioso apóstolo Paulo quanto aos seus ensinamentos, que divergiam da legítima tradição Cristã Judaica, herdada de Jesus, pelo próprio irmão Tiago.

Tiago exigiu, inclusive, que Paulo fosse purificar-se no Templo, (isto tudo relatado em Atos) criando um verdadeiro clímax quando a presença no templo resultou na prisão de Paulo e sua extradição para Roma.

Fato histórico também é que Tiago não foi o único membro da família de Jesus a receber autoridade na Igreja Primitiva, uma vez que após o assassinato de Tiago pelo clero judaico em praça pública em 62 d.C. (quatro anos antes da revolta judaica, que culminaria com o aniquilamento de Jerusalém), Simeão, filho de Cléofas e nada menos do que primo de Jesus, sucedeu Tiago como chefe da Assembleia de Jerusalém.

Não se encerra apenas nestes parentes a participação de consanguíneos do próprio Cristo que criaram e embasaram a verdadeira e imediata Igreja Primitiva, incluindo aí dois netos de Judas, também irmão de Cristo, e portanto nada menos que sobrinhos netos de Jesus, os quais mantiveram papel de liderança ativa durante todo o primeiro século do cristianismo.

Por que então Tiago foi totalmente retirado do Novo Testamento e seu papel na Igreja Primitiva foi ofuscado por Pedro e Paulo? Por volta dos séculos três e quatro, como veremos mais adiante, ocasião em que o Cristianismo gradualmente se transformou de um movimento judaico revolucionário e heterogêneo em uma religião imperial, internacional,

institucionalizada e tornada ortodoxa pelos interesses de Roma, a identidade de Tiago como o irmão de Jesus e fiel sucessor do judaísmo desenvolvido por Cristo tornou-se um obstáculo para aqueles que defendiam mitos como a virgindade perpétua de Maria, sua mãe, entre muitas outras falsidades.

Aliás, sobre esse tema, há de se indagar. Se Maria era virgem, como Jesus teria tido vários irmãos? Algumas soluções bastante criativas foram desenvolvidas para conciliar os fatos imutáveis sobre a família de Jesus, como a que os irmãos e irmãs de Jesus eram filhos de um casamento anterior de José, ou até mesmo que "irmão", na verdade, no aramaico antigo, significava "primo". O fato é que a importância de Tiago foi brutalmente diminuída ao longo do tempo pelo interesse dogmático cristão, colocando Pedro, em Roma, como o primeiro bispo e principal apóstolo, figura ideal para basear a autoridade da Igreja Romana.

Afora isso tudo, há fortes indícios de uma supressão da provável existência de várias epístolas escritas por Tiago, "O Justo", que, obviamente por sua proximidade a Cristo, sem dúvida levaria à descoberta da exata indicação da crença de Jesus, a partir do que seu irmão e mais próximo herdeiro baseava suas indagações. Aí se destaca de maneira cristalina e indubitável a vocação do genuíno Cristianismo que a história respalda perante aos pobres, herança legítima de Cristo, da qual Tiago foi um fiel sucessor.

Chamado de "O Justo", ele foi morto por ser um intransigente defensor dos desvalidos e despojados, sendo que a religião Católica foi baseada neste homem, diretamente herdeiro dos pensamentos do próprio Cristo, que agia sob os princípios do

serviço entre os miseráveis, tanto que os cristãos primitivos se referiam entre si como “os pobres”, na exata proporção do antagonismo do próprio Cristo aos ricos.

Não é à toa que epístolas de Tiago criticam os ricos diretamente, exemplificando-se: “Eis, agora, vós ricos, chorai e uivai pelas misérias que estão prestes a vir sobre vós. As vossas riquezas estão apodrecidas, e as vossas vestes estão roídas pela traça. O vosso ouro e prata estão corroídos, e o veneno dentro deles dará testemunho contra vós, e comerá a vossa carne como se fosse fogo” (Tiago, 5:1, 3).

Além disso, chega até a sugerir que é impossível ser um fiel seguidor de Cristo sem auxiliar diretamente os desfavorecidos e miseráveis: “Vós, com vossos atos de favoritismo, realmente acreditais em nosso glorioso Senhor Jesus Cristo? Porque, se vós mostrais favoritismo, cometeis pecado e estais expostos como um transgressor da lei” (Tiago 2:1, 9).

Interessante notar que os demais evangelhos canônicos posteriores que nominados como Lucas, Mateus e João na realidade buscam formar um todo para dar sequência lógica à montagem de uma religião. Entretanto, não há certeza se estas personalidades são de fato os autores desses Evangelhos, havendo uma enorme possibilidade de serem estes evangelistas autores legítimos de algumas partes de seus conteúdos.

Porém, estes não são os únicos Evangelhos legítimos e que dão base à pesquisa histórica, pois na atualidade temos acesso à uma biblioteca inteira de escrituras não canônicas, redigidas principalmente nos séculos II e III, as quais formam base também de historicidade e indicam uma perspectiva muito

diferente da vida de Jesus de Nazaré. As escrituras incluem o Evangelho de Tomé, de Felipe, o Livro Secreto de João, o Evangelho de Maria Madalena e uma série de outros chamados Evangelhos Gnósticos, todos descobertos no Alto Egito, perto da cidade de Nag Hammadi, em 1945, bem como os Manuscritos do Mar Morto, de provável origem essênia, que também são documentos históricos incontestes.

Fora isso, quase a totalidade dos escritos sobre Jesus são datados após o aniquilamento de Jerusalém no ano 70 d.C., ou seja, a partir de três décadas após sua morte, levando a concluir que quase tudo relatado sobre Jesus Cristo teria sido construído nas cidades da Diáspora (inclusive Roma e Constantinopla), ou seja, muito longe da Jerusalém destruída, e muitas décadas após sua morte.

Desse modo, os evangelhos canônicos foram escritos no estrangeiro, inspirados nas narrações verbais dos apóstolos e demais intérpretes católicos, bem como por copistas, intelectuais que incluíam e modificavam os textos de acordo com seus próprios credos, interesses e interpretações advindas de seus núcleos históricos e geográficos.

Fica claro que este homem (Jesus Cristo) foi a semente de uma religião que veio a ser formatada de modo a substituir o Império Romano das armas e das legiões pelo Império Romano da Santa Madre Igreja sediada em Roma, no Vaticano, dominando até os dias de hoje o mundo ocidental na pessoa de seu príncipe: o Papa.

Este capítulo sobre o Jesus Histórico é concluído com uma terceira e indubitável certeza: o cristianismo é uma religião sobre Jesus, e não a religião de Jesus, ou criada por ele. Sua vida

terrena demonstrou que sua verdadeira essência não foi a base concreta de tudo o que depois veio a ser criado e sedimentado em torno de sua personalidade. O verdadeiro Jesus perdeu-se ou foi intencionalmente esquecido na poeira dos tempos junto de sua simplicidade e do fato de ter sido essencialmente um zelota com evidente alergia às leis, preceitos e imposições do poder estabelecido. Alguém que sentia-se livre para sua grande missão de defender e tornar mais amena e justa a vida de seus mais humildes e desvalidos compatriotas, colocando-se sempre ao lado dos mais fracos, daqueles que estavam sendo massacrados e esquecidos pela lei, pelo Poder, e taxados de transgressores, não importando quem fosse.

Sua marca é indubitável, e nunca, em instância alguma, ele seria amigo dos poderosos, rompendo totalmente as normas sobre as mulheres, aproximando-se dos doentes, das prostitutas e loucos, chamando-os todos para o seu lado, assim escandalizando até mesmo os próprios apóstolos.

Enfim, Jesus Cristo não estava preocupado com nada que se relacionava ao *establishment*, tanto religioso, como social. Inclusive, Ele subverteu frontalmente dogmas intransponíveis do judaísmo, liberando seus apóstolos e amigos a exercerem, por exemplo, funções cotidianas aos sábados, dia sagrado e totalmente proibido de ser produtivo para os judeus. Com certeza este foi o Jesus Histórico!

---

1 <http://www.1000questions.net/pt/chroniq/histo_pt.html>

Capítulo V

Mensagens maiores e a importância das mulheres

Como nos relembra Burt D. Ehrman em sua festejada obra "Quem Jesus foi e quem Jesus não foi?", na abordagem e busca do tema "Jesus Real", este autor se socorre da avantajada pesquisa feita por Albert Schweitzer, chamada "A busca do Jesus Histórico". Estes trabalhos icônicos confirmam, sedimentam e elegem como a atuação mais característica e notória de Jesus Cristo justamente a de ter sido um profeta apocalíptico judeu por excelência.

Ocorre que esta forte característica e essência poderia colocá-lo na mesma vala de muitos outros profetas apocalípticos também judeus que perambulavam pela Palestina, tanto naquela época, quanto posteriormente. Aliás, até em nossos dias profetas ainda continuam aparecendo, vez ou outra, como pregadores apocalípticos em todo mundo. A característica comum e principal desses místicos é a de serem em geral dualistas com a separação e o antagonismo das forças do bem contra as forças do mal.

Porém, na época de Cristo, a miséria e degradação social impostas pelo domínio e esbulho radical praticado pelo Império Romano e pelo Sinédrio, como já mencionado, eram de tamanha proporção que induziam a população a concluir que o cenário em que viviam era dominado pelas forças do mal, com a presença de demônios, doenças, pestes, desastres, fome e a

morte.

No entanto, a esperança divina, representada pelas forças do bem, era proclamada e viria para salvar aquele povo desta tamanha degradação pela intervenção oriunda do "Reino de Deus", no qual seriam mitigadas todas estas mazelas, dores, infelicidades e sofrimentos, advindos da opressão.

Jesus Cristo, assim como outros profetas, bradava aos quatro ventos a esperança da chegada deste novo reino, que viria em breve, repetindo temas muito semelhantes aos abordados por João Batista, seu predecessor, proferindo o dever do batismo nas águas límpidas do rio Jordão, para assim, com o advento desse novo reino, pudessem ser eleitos e reconhecidos como merecedores do paraíso em função do juízo imposto à humanidade pelo "Filho do Homem" – expressão utilizada à entidade divina de um homem que se fez Deus e lideraria este reino separando os bons dos ruins.

Dando a mais concreta base histórica para respaldar a existência efetiva do profeta João Batista, elemento de fundamental importância na história do próprio Cristo (principalmente no início de sua pregação), encontra-se também nos textos do narrador Flávius Josefus, cujos relatos nenhum historiador põe sua legitimidade em cheque como fonte histórica, o seguinte relato sobre João Batista em sua obra "Antiguidades Judaicas": "(...) naquela época os judeus pensavam que Deus estava furioso com Herodes, pois 'ele matou um homem bom, que levou os judeus a exercerem a virtude, a justiça com o próximo e a piedade diante de Deus, e para virem a ser batizados'".

Curiosamente, Josefus dá mais importância e profundidade a João Batista em suas fontes do que ao próprio Jesus Cristo, o qual cita brevemente ao registrar o apedrejamento de um líder religioso, como já citado em capítulo anterior.

Não há a menor dúvida de que o Jesus Histórico era um genuíno profeta apocalíptico, e este é o retrato real encontrado na essência de todos os Evangelhos. Sem exceção e indubitavelmente, Jesus prega o advento do Reino de Deus, o qual seria realizado concreta e materialmente na Terra.

Neste ponto, Jesus inova e diferencia-se dos demais pregadores ao reivindicar para o mundo material e presente um reino melhor acoplando nos ideais revolucionários e terrenos a mensagens espirituais, mencionando também o reino após a morte, que impunha o inferno para aqueles que não agissem corretamente, e o paraíso celeste àqueles que obedeceram aos preceitos do bem.

Porém, a confusão entre mensagens do Reino de Deus (terreno e ao mesmo tempo celeste) não é capaz de suplantar e muito menos enterrar a mensagem histórica claramente definida do advento do Messias libertador que transformaria a vida na Terra.

Dessa forma, fica claro como comprovação histórica e primária que a preocupação imediata de Cristo era com a salvação do ser humano na Terra, que estava à beira do aniquilamento pela fome e pela opressão real. A preocupação de Jesus Cristo com a salvação *pós mortem* também existia e era importante, mas na realidade jamais suplantou seu objetivo imediato: as condições sub-humanas de seus compatriotas.

O ponto fulcral era que este reino aqui na Terra seria um reino utópico governado por Deus, por intermédio de seu Messias, "O Filho do Homem", e haveria a total igualdade de condições entre as pessoas, o perdão, a compaixão, a ajuda, a alimentação mútua e o respeito para a formatação da verdadeira felicidade na Terra. Isso é sintetizado pelo Sermão da Montanha que será analisado mais à frente.

Confunde-se, porém, quem analisa Jesus Cristo como aquele ser que sempre e passivamente daria a outra face a quem lhe açoitasse quando seus inimigos fossem os opressores do povo massacrado da Palestina. Contra estes, Jesus pede as espadas e a ação concreta, pois suas ações em nada o colocam no que se poderia chamar de uma posição mansa ou estagnada.

Em vários exemplos concretos de passagens dos Evangelhos, verificamos a confirmação das afirmações acima. Destarte, segundo o Evangelho de Marcos, Jesus afirmou:

> De fato, aquele que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e de minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos (...). Em verdade, vos digo que estão aqui presentes alguns que não provarão a morte até que vejam o Reino de Deus, chegando com poder. (Marcos, 8:38, 9:1)

Outro exemplo notório, nesta mesma linha, se evidencia no evangelho de Mateus:

> Da mesma forma que se junta o joio e se queima no fogo, assim será no fim do mundo: o Filho do Homem enviará seus anjos e eles apanharão do seu Reino todos os escândalos e os que praticam iniquidade e os lançarão na fornalha ardente. Ali haverá choro e ranger de dentes. Então os justos brilharão como o sol no Reino de seu Pai. (Mateus 13:40-43)

Outrossim, as primeiras palavras do Ministério Público de Jesus, segundo o que retrata o apóstolo Marcos, no mais antigo dos Evangelhos, Jesus prega: “O Tempo está cumprido. O Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e acreditai nas boas novas” (Marcos 1:15).

Estas mensagens refletem o fato radical de que Jesus vai substituir César como o Imperador da Palestina, bem como os Sacerdotes do Templo, além de tomar o lugar da rica aristocracia judaica e da elite do reinado de Herodes. Todos eles estavam na eminência de serem destruídos por Deus, segundo as exatas mensagens concretas de Cristo.

A síntese do que fica identificado na análise histórica de forma incontestável é que a pregação básica de Cristo ao longo de sua peregrinação de três anos de vida pública foi sobre o Reino de Deus, e tal pregação foi expandida e transformada em uma onda revolucionária e concreta de libertação nacional para os miseráveis e oprimidos, em verdadeiro movimento baseado na promessa de que Deus estava por trás a intervir para libertar os humildes, e viria a castigar sem piedade o até então incontestável poder imperial Romano, como, aliás, o Deus todo poderoso já havia feito contra aparatos do mesmo patamar e quilate, quando Jeová deixou inoperante e impotente o Faraó Egípcio, ou quando libertou heroicamente seu povo da Babilônia.

Assim sendo, quanto às principais mensagens de Jesus Cristo que embasaram primariamente toda sua filosofia e posteriormente deram origem ao Cristianismo primitivo podemos centrá-las e resumi-las em cinco pilares principais:

1. A libertação na terra dos subjugados;
2. A espiritualidade em antagonismo ao materialismo, à riqueza e ao apego para com os bens materiais, ou seja, o imaterial acima do mundo físico material e a consequente valorização dos pobres perante os ricos;
3. A igualdade e a equanimidade como práticas do cotidiano em antagonismo à desigualdade e ao tratamento discriminatório;
4. A imposição e prática da paz, ou seja, da harmonia e afabilidade em detrimento à brutalidade, violência e agressão;
5. A prática do amor e do bem (bondade) em oposição ao ódio, ao rancor e à maldade (bondade com sabedoria e não bondade indiscriminada).

Em decorrência desses cinco pilares ideológicos e filosóficos que se impuseram, ocorreu a transmutação da pregação teórica em ação concreta de modificação da humanidade.

Podemos afirmar que essa tentativa de transmutação se deu num fluxo que englobava também cinco temáticas: (i) as curas e milagres (contraponto à doença e desigualdade); (ii) insurgência contra a fome e a pobreza (contraponto social); (iii) igualdade de todos os seres (contraponto à subjugação das minorias e dos pobres com o respeito a todos); (iv) a insurgência e o inconformismo traduzido em ação revolucionária (contraponto de um camponês falando a outros camponeses a respeito do perigoso cenário de um país ocupado e miserável); (v) a busca do Reino de Deus (a busca da salvação individual, social, política e

religiosa de forma simultânea) através de atitudes e comportamentos de não violência, compaixão e caridade, com a clara oposição e combate aos mais ricos, aos dominadores romanos, ao clero, fariseus e toda nobreza judaica.

No trabalho de apresentar à realidade arqueológica comprobatória desse Jesus Cristo, o Professor John Dominic Crossan, em seu trabalho "O essencial de Jesus", consegue separar e sintetizar, visualizando concretamente em tumbas, sarcófagos e afrescos datados dos primeiros anos do primitivismo cristão, imagens e frases originais envolvendo o Jesus Real, representando e embasando essas principais marcas históricas que atestam a atuação real de Cristo.

Assim, vemos representados o cordeiro, a âncora, o vaso, o passarinho, o golfinho, folhas, barcos, peixe, oliveiras, vinhas, uvas e o tridente que acompanham imagens humanas, como o pastor, eventualmente com o cordeiro nos ombros, o pescador com a vara e a linha, a mulher com o véu rezando com mãos elevadas ao céu, ou até mesmo o filósofo de pé com o pergaminho nas mãos.

As cenas são imagens com espírito genuinamente cristão, pessoas com os braços levantados em sinal de piedade, a humanidade com o cordeiro nos ombros. Nestes sarcófagos exclusivamente cristãos, há sempre representações do batismo, alimentação, ensino e cura. Portanto, estas são essências legítimas e históricas que comprovadas pela arqueologia. Elas atestam e embasam as verdadeiras intenções e legítimas ações de Jesus na busca da implantação dos pilares de seu novo reino na terra: a espiritualidade, a igualdade, o pacifismo, a harmonia

entre as pessoas, o amor e a compreensão recíprocos na convivência.

Com efeito, nessa revolução Jesus atrai multidões e discípulos (dentre eles alguns zelotas), verdadeiros soldados, aos quais foram dadas a total autoridade para pregarem sua mensagem revolucionária por conta própria, em cada vilarejo, cidade, aldeia e fazenda em que passassem.

Tais visões de um novo mundo absorviam grandes multidões que, carentes de esperanças, reuniam-se para ouvir Jesus e seus prepostos pregarem, quase sempre com o reforço da aplicação de curas e exorcismos gratuitos, bem como com a divisão do alimento que, aliás, era oferecido para todos aqueles que procuravam ajuda. Este era o fator fundamental e concreto no convencimento da credibilidade sobre o Reino de Deus.

Ademais, estas curas, exorcismos e milagres tinham o objetivo de fazer do Reino de Deus algo real, ou seja, uma benesse que se podia concretamente experimentar, ali mesmo e na hora, bem como o alívio imediato à dor incomensurável impingida aquele povo miserável. Em outras palavras, era o dedo de Deus, através de Jesus Cristo, que estava inaugurando o Reino de Deus, por meio de suas ações milagrosas.

Interessante notar, já de início, a intenção clara de Jesus em não fazer diferenças e mostrar que para Ele todos eram iguais e ninguém deveria ser discriminado.

A sua dimensão cósmica parece ao incluir até os poderosos, samaritanos, os fariseus, os odiados saduceus do Templo, os próprios romanos, cobradores de impostos, etc. Assim, tal igualdade não se restringia apenas aos miseráveis, aos doentes e

discriminados, consistindo essa atuação em elemento realmente universal, sem nenhum sectarismo, fato sem paralelos sobressaindo por sua comprovada legitimidade.

Como já mencionado, apesar de grandes críticas, contradições, dúvidas sobre autoria, alterações levadas a efeito por copistas, os Evangelhos, quando bem analisados em base minuciosa e de independência ideológica e religiosa, elevam estes textos à condição de documentos que podem ser aproveitados, mesmo que parcialmente, mas como legítimas fontes históricas.

Nesse sentido, passamos a mencionar agora na busca das mensagens maiores alguns exemplos desse tratamento igualitário. Em um episódio de cura relatado no Evangelho de Marcos (10.46-47), Jesus, quando se aproximava de Jericó, foi surpreendido por um mendigo cego de nome Bartimeu que veio lhe pedir que fosse curado. “Jesus, filho de Davi, tenha pena de mim”. Muitos disseram para o cego afastar-se e ficar calado, mas Jesus, percebendo sua presença e mesmo com o seu afastamento momentâneo pelos que o circundavam, indagou: “O que você quer que eu faça?”. E então, o cego lhe respondeu: “Meu Rabino... Que eu possa voltar a enxergar”.

Segundo o apóstolo, Bartimeu imediatamente começou a enxergar. Porém, o que é historicamente muito provável de ter ocorrido é o fato que se segue a este milagre. Na sequência, Jesus está falando com seus seguidores, quando vê no alto de uma árvore um homem cujas funções todos daquela época detestavam por serem judeus que serviam aos romanos cobrando impostos. Era Zaqueu, que trabalhava para os

romanos e, mais do que isso, era nada menos que o chefe dos cobradores de impostos em toda a região, ou seja, um verdadeiro traidor do povo judeu.

Zaqueu, homem de baixa estatura, estava no alto de uma figueira querendo ver a pregação de Cristo. Jesus o percebeu no meio de todo aquele tumulto e deu uma ordem expressa ao homem: “Zaqueu, desça depressa... Pois eu preciso ficar na sua casa”.

O homem incontinente obedeceu a ordem e Jesus foi simplesmente com ele até sua casa, no domicílio daquele que todos odiavam, provando que Jesus, em demonstração concreta, e atitude pouco provável e inusitada (o fato que pende a uma flagrante veracidade), pouco se importou com que os outros pensariam de sua pessoa, demonstrando igualdade de tratamento até mesmo àqueles que um charlatão jamais pensaria em se relacionar.

Em outro episódio semelhante também fica clara a intenção de Cristo na busca de demonstrar essa universalidade de tratamento e relação. Agora, Jesus está na casa de Simão, residente em Betânia, um homem com doença contagiosa de extrema gravidade, o que lhe impunha total isolamento (só podendo voltar ao convívio cumprindo os ditames da época). Estes ditames consistiam em entregar enormes
e vultosos sacrifícios aos sacerdotes do Templo para assim ser curado por Deus através de seus “prepostos”.

Jesus simplesmente passa a conviver com o leproso sem analisar a gravidade e o horror de suas feridas, sem sequer indagar ou mencionar sobre este gravíssimo poder de

contaminação. Desta vez, inclusive, sem falar de cura. Inexplicavelmente, coabita na casa desse homem nada menos que um fariseu (Marcos 14.3-9, Mateus 26,6-13, Lucas 7,36-50 e João 12,1-II).

Em mais um último exemplo ainda nessa linha, uma passagem bastante significativa é transmitida no Evangelho de João, relembrando que Jesus enche uma bacia de água e começa a lavar os pés dos apóstolos, justamente na noite da última ceia, secando-os com uma toalha amarrada em sua cintura. Pedro acaba por se revoltar com tal humilhação, achando que isso não era função de seu Mestre, mas sim de um escravo, dizendo: "Você não me lavará os pés... Jamais, até a eternidade!". Jesus, em resposta, dirige-se a Pedro com as seguintes palavras: "A não ser que eu o lave, você não terá lugar comigo (...) Vocês também deverão lavar os pés uns dos outros... O escravo não é menor que o amo dele, nem um Apóstolo é maior que aquele que o enviou" (João, 13.14-16).

Por outro lado, mas ainda neste enfoque das mensagens principais do Jesus Real, importante pormos uma luz em verdadeiro tabu criado posteriormente, que diz respeito ao relacionamento de Jesus com as mulheres.

É relevante ressaltar que Jesus tinha como postura básica misturar-se de maneira natural e plena com todos os seres humanos, dos mais humildes até os líderes das comunidades as quais visitava, exorcizando, andando com aquele povo pelas tumbas, falando e pregando para aquelas pessoas dos vilarejos.

Mesmo parecendo um mendigo, havia uma grande diferença: faltava-lhe o medo nos olhos, o gemido na voz e o andar

arrastado. Pelo contrário, tudo leva à comprovação de que era altivo, de andar resoluto e com evidente carisma.

Nestas peregrinações, como mandava o costume, era convidado a permanecer e pernoitar na casa dos líderes dos vilarejos. Porém, muitas vezes recusava esta tradição e, apesar de não muito apropriado, Jesus eventualmente aceitava o convite de ficar na casa de mulheres simples e pobres, sendo que ninguém atrevia-se a censurar uma figura tão enigmática que curava, exorcizava, falava do Reino e fazia prodígios.

O fato é que este carinho, respeito e tratamento de igualdade que Jesus sempre pregou e praticou para com o gênero feminino foi absolutamente esquecido e deturpado já desde o início da formação do Cristianismo, como vemos:

> Pois Deus não é um Deus de confusão, mas de paz. Como é de praxe, em todas as Igrejas dos Santos, as mulheres se mantenham caladas. Elas não tem permissão de falar; devem permanecer submissas, como diz a lei. Se elas desejarem se instruir-se sobre algo, interroguem seus maridos em sua casa. É vergonhoso para a mulher falar na Igreja. A palavra veio apenas de nós, ou alcançou apenas a vós. (Coríntios 14, 33–36)

Esta pesada mensagem que se traduz em verdadeira proibição direta às mulheres terem acesso até às igrejas também é desenvolvida em I Timóteo II. Porém, há dúvidas de que o apóstolo Paulo seja realmente o autor.

O texto acima mencionado é a comprovação plena, que pode ser acessada instantaneamente em todas as Bíblias modernas, da adulteração imposta posteriormente por autores desconhecidos que, justamente no intuito de adaptarem e formatarem um cânone dominador para a religião cristã, criaram posições

conforme suas conveniências, desvinculando-as dos verdadeiros preceitos e tradições oriundas da ação e dos exemplos de Cristo em vida. Ao contrário, este não fazia a menor diferença para com as mulheres. Inclusive, praticava exemplos e dava ênfases a um tratamento completamente igualitário e a total relevância às ações e atuações femininas, bem como de colocá-las em superposição e comando em muitos casos sobre os próprios homens.

É fácil constatar em amplas e reais evidências tirados não só da Bíblia, mas também de constatações históricas, a forma absolutamente desigual e humilhante a qual a mulher na Antiguidade era tratada e submetida ao poder masculino.

Isto se dava com maior destaque na Palestina, visto que acrescida a imposição das tradições judaicas, as mulheres eram impingidas às maiores humilhações e injustiças possíveis, sendo tratadas quase sempre como adúlteras. Nem se mencione a unilateralidade da imposição do divórcio pelo marido sem qualquer justificativa.

A *contrário sensu,* Mateus retrata a posição protetora e de igualdade no tratamento de Cristo para com as mulheres: "Soubestes o que Abba ordenou aos antigos: não cometerás adultério! Eu, porém, vos digo: todo aquele que deliberadamente repudiar sua mulher cometerá adultério!" (Mt 5,27-28 RV).

Efetivamente, a opressão era enorme. A menina mulher assim que despertava seu ciclo menstrual já era tratada como impura e subjugada aos mais terríveis e discriminatórios tratamentos que se prorrogavam ao longo de toda sua vida, vez que o advento do ciclo menstrual era tido como algo espúrio,

baixo, indigno e até mesmo diabólico.

Em “O grande segredo de Jesus”, trabalho bastante interessante de Juan Arias, há um ponto muito esclarecedor no que tange a grande diferença de perspectiva entre Judeus e Católicos quanto ao tema da sexualidade. Menciona Arias: “O judaísmo rabínico atribuía ao corpo a mesma importância que, mais tarde, o cristianismo atribuía à alma. Assim, se para o judaísmo a alma vive no corpo e tudo passa por ele, que é a verdadeira realidade do homem, para o cristianismo o que faz a pessoa é a alma”.

Em síntese, dessas considerações decorre a conclusão de que o sexo, para os judeus (e Jesus era judeu) era algo positivo e sem nenhuma discriminação, sendo uma verdadeira fonte de felicidade. Já para o cristianismo com seus ditames adaptados a partir de décadas após a morte de Cristo e composto ao longo de séculos, há a inserção da repressão às ânsias sexuais que segundo os puritanos cortavam as asas da alma, no sentido de seu voo ao espírito.

Enfim, a teologia católica nega o corpo e a sexualidade, diferentemente da filosofia judaica, inserida sob este aspecto de forma indubitável no comportamento de Jesus (repita-se que Cristo era um judeu criado no judaísmo), muito provavelmente, nada tinha a ver com esse preconceito e repressão. Assim, para Jesus, era totalmente inconcebível a exaltação posterior criada pela Igreja Católica quanto à virgindade e ao celibato sacerdotal obrigatório.

Sem nenhuma mística ou preconceito, o fato é que os Apóstolos provavelmente eram casados e é quase certo que

Jesus, como um judeu da época, fosse igualmente casado, e neste lanço, é de se firmar, provavelmente, com Maria Madalena. Seria deveras estranho o Jesus Histórico ser um judeu solteiro, solitário e sem família. Nem se mencione comprovadamente serem os primeiros bispos e papas do cristianismo casados e chefes de família, o que faz engrossar a conclusão de que Jesus, muito provavelmente, estivesse bem longe da forma com que a Igreja Católica vem, desde os primórdios, enfocando quanto ao seu total distanciamento da sexualidade.

Este instrumento de castração e abominação ao sexo, sem dúvida, trata-se de um dos pilares da Igreja Católica, no sentido de centralizar toda a força, seja a espiritual, bem como as riquezas materiais, carreando-as para o trono de São Pedro, sem disputas hereditárias de filhos, questionamentos de esposas, assim possibilitando a dedicação total de seus sacerdotes à construção de um império temporal.

Ademais, há mediante a demonização da sexualidade a possibilidade de se concretizar um controle constante e sucessivo ao longo de toda a vida do ser humano, justamente em razão do sentimento de culpa sofrido perante um estímulo natural do corpo, ensejando a eterna ligação e controle do pecador com seu libertador moral.

Ainda com base em elementos históricos que tratam da relação das mulheres na Igreja Primitiva, os pesquisadores modernos, segundo Bart D. Ehrman em seu brilhante trabalho “O que Jesus disse? O que Jesus não disse?”, mencionam claramente o importante papel das mulheres, ou melhor, seu verdadeiro destaque. Apesar de, sem dúvida, Jesus ter sido

acompanhado de doze apóstolos, sendo todos estes homens, os mais antigos evangelistas, nem sempre canônicos, indicam sem nenhuma restrição que Jesus era acompanhado também por mulheres em suas viagens, inclusive que: “Algumas destas mulheres davam suporte financeiro a ele
e aos discípulos, agindo como patronas de seu ministério de pregação itinerante” (Marcos 15.40-51).

Registra ainda este trabalho de Erhman a conclusão que mulheres acompanharam Jesus à sua última viagem à Jerusalém, estando presentes em sua crucificação e só elas foram fiéis a ele até o fim, quando os discípulos se dissiparam por medo do envolvimento com o Messias.

Por último, todos os Evangelhos, sem exceção, indicam que foi uma mulher – Maria Madalena –, acompanhada de várias outras mulheres, quem descobriu o túmulo vazio de Jesus, tornando-se a primeira a saber e dar testemunho da ressurreição de Jesus entre os mortos (Mateus 28,1-10).

A razão pela qual ocorria esta afinidade e total desobstrução na relação livre e natural de Jesus para com o gênero feminino e da mesma forma delas para com ele é fortíssima e evidente. Com isso, esse é o tema de muitos livros, filmes e especulações, que quase sempre não possuem bases históricas, é justamente a exploração do relacionamento de Jesus Cristo com Maria Madalena. Esta é uma das pautas preferidas de escritores e autores que buscam o lucro de mais um tema rentável sobre Jesus Cristo.

Naquele quadro de total subjugação e humilhação sectária que o sexo masculino impingia sobre o sexo feminino, a

mensagem de Jesus atraia particularmente as mulheres, uma vez que quando proclamava o reino vindouro de Deus, mostrava que nele não haveria mais injustiça nem sofrimento, justamente pela exaltação da igualdade entre homens
e mulheres, ricos e pobres, escravos e homens livres, bastando para tanto e independentemente de sua condição ou gênero que se lançassem nessa nova espiritualidade e caminho.

A importância e relevância do papel da mulher nos primeiros tempos da Igreja foi uma herança que evidencia a forma com que o próprio Cristo as incluiu em seu mundo, dando-lhes igualdade, prestígio e participação.

Existem várias comprovações históricas desta igualdade e relevância das mulheres nos primeiros tempos do Cristianismo. Isso é historicamente demonstrado pelas declarações do crítico Celso ainda no século II que, ao tentar diminuir e difamar os alicerces iniciais do cristianismo, argumentava que tal religião se constituía principalmente de escravos, crianças e mulheres, ou seja, figuras sem o mínimo peso social.

Ocorre que a resposta dada a Celso por Orígenes em defesa do Cristianismo já estava ceifada de preconceitos ao dizer que Deus pode tomar o que é fraco e investi-lo de poder.

Outras inúmeras provas da relevância que o gênero feminino efetivamente possuía na Igreja primitiva são lembradas pelo autor Bart D. Ehrman em seu excelente trabalho já citado, ao trazer as comprovações deste alto status da mulher historicamente relatados por Paulo de Tarso.

Destarte, vejamos a carta de Paulo aos Romanos (capítulo 16), na qual é relatada a saudação a vários membros da congregação

romana. Nesta ocasião, Paulo não faz qualquer distinção ao nomear homens e mulheres, ficando claro que estas últimas eram importantes e nada tinham de inferior aos homens naquela organização.

Com efeito, na carta, Paulo cita Febe, verdadeira ministra, bispa, ou diaconisa (não havendo exatidão sobre seu título), mas com a certeza histórica de que ela tratava-se da líder da igreja de Cencréia, a quem inclusive Paulo confiou a missão de levar sua importante mensagem aos católicos de Roma.

Outros importantes exemplos da total relevância e igualdade da mulher nos primórdios do catolicismo também são relatados pelo mesmo apóstolo ao afirmar que Prisca e seu marido Áquila são responsáveis pelas obras missionárias entre os gentios (versículos 3.4). É impactante notar que ela é mencionada em primeiro lugar, afrente do nome de seu cônjuge.

Também há Maria, Trifena, Trifosa e Pérside, mulheres que Paulo chama de colegas e colaboradoras do evangelho (versículos 6.12), havendo destaque excepcional à Jumia, mulher a quem Paulo chama de “eminente entre os apóstolos” (versículo 7).

Assim sendo, sob este prisma, Paulo adota a universalidade de direitos e a igualdade empregada por Jesus Cristo de maneira plena. Isso é comprovado também na mensagem de Paulo em sua declaração aos gálatas: “Pois todos vós que fostes batizados em Cristo fostes revestidos de Cristo. Não há mais judeu nem grego, escravo nem homem livre, homem nem mulher; pois todos vós sois em Jesus Cristo” (Gálatas 3,27-28).

Para concluir esta comprovação histórica quanto à relevância

feminina imposta por Jesus Cristo, encontramos no evangelho de Lucas que havia nada menos que setenta e dois discípulos que acompanhavam Jesus (Lucas 10:1-12), sendo que evidentemente doze deles eram os mais importantes e preferidos. No entanto, hoje comprova-se como inquestionável a relevância de Maria Madalena, considerada pelos historiadores atuais como a 13ª apóstola de Cristo.

Porém, quando consideramos os setenta e dois discípulos indicados por Lucas, apesar do Novo Testamento canônico compilado no século IV buscar de todas as formas excluí-las, não se nega a real participação e existência delas dentro deste grupo seleto de setenta e dois discípulos que acompanhavam Cristo: Joana, mulher do administrador Herodes, Chuza; Maria, mãe de Tiago e de José; Maria, mulher de Cleófas; Susana; Salomé; e a mais famosa como já mencionado Maria de Magdala, nada menos que Maria Madalena, a quem Jesus havia curado dos "sete demônios" (Lucas 8:2).

Em síntese, é fato comprovado que estas e provavelmente muitas outras mulheres compunham e seguiam o grupo de Jesus desde seus primeiros dias de pregação na Galileia, até sua morte na colina do Gólgota.

Apenas a título de ilustração, é interessante ressaltar o posicionamento e a importância dados a Maria Madalena, principalmente nos estertores da vida de Cristo quando sua crucificação e ressurreição por sua relevância serão motivos de grandes ficções e elucubrações.

Exemplos são ilustrados com suposições de que Madalena e Jesus tiveram um relacionamento amoroso e até mesmo com a

ocorrência de filhos. O fato é que, provavelmente tenha até ocorrido, porém, os beijos na boca podem ter aparecido em pergaminhos que foram atirados nas fogueiras, e o vindouro machismo eclesiástico dirá que ela não passara de uma prostituta.

O que fica de real e absolutamente comprovado historicamente, bem longe de elucubrações e especulações que, como já dito acima, fizeram e fazem muitos autores auferirem grandes lucros nas narrativas inventivas de que Jesus teria sido enterrado junto com Maria Madalena, ao lado dos que teriam sido seus filhos numa caverna em Jerusalém. Isto na realidade tratam-se de fábulas criadas e apresentadas ao mundo em grandes eventos públicos, em bibliotecas e museus em Paris, Nova York e Londres, tentando provar a fictícia sobrevivência de Jesus ao suplício da crucificação e seu relacionamento amoroso, bem como até a existência de sua família. Na verdade, esse tema sempre propiciou muitas especulações infundadas e provavelmente por muitos séculos ainda gerará.

O que fica de concreto quanto a este tema foi mencionado brilhantemente no trabalho de Rodrigo Alvarez, em sua primorosa obra "Jesus o homem mais amado da história":

> Longe de qualquer sensacionalismo, no entanto, Maria Madalena aparece diversas vezes entre os apóstolos nos manuscritos da biblioteca de Nag Hammadi, um tesouro arqueológico que ficou guardado por muitos séculos até ser encontrado por um camponês egípcio em 1945, aos pés de uma montanha, às margens do rio Nilo, dentro de um jarro.

Esta fonte acima citada trata-se de um achado arqueológico comprovado de total veracidade, no qual os historiadores

entrelaçam os dados arqueológicos com os elementos históricos, constatando de forma cabal e clara a existência de Maria Madalena, bem como sua importância no grupo originário de Cristo.

Nesta inestimável fonte histórica, o Evangelho de Felipe afirma a existência de três Marias na vida de Jesus: sua irmã, sua mãe e sua companheira. Este Evangelho apócrifo é excluído com efetivo pânico dos formadores da religião católica, tendo ficado quase dois mil anos desconhecido intencionalmente, para não abalar os cânones da Igreja desde a sua formação.

Em texto expresso e histórico desse Evangelho, constatamos sem meias verdades a seguinte menção, estritamente textual: "A companheira do Salvador é Maria de Magdala... O Salvador a amava mais do que a todos os discípulos e a beijava frequentemente na boca... Os outros discípulos (trecho ilegível no pergaminho) perguntaram a ele, 'Por que você a ama mais do que a todos nós?'".

Ocorre que tais menções (escandalosas e perigosas para a Igreja) não se cingem apenas a este trecho acima mencionado, pois há nesta importantíssima descoberta de Nag Hammadi outros manuscritos, indicando o real relacionamento entre Jesus e Maria Madalena. Como no texto denominado "O diálogo do Salvador" que, diferentemente dos Evangelhos canônicos, relata importante episódio nos estertores da vida de Jesus quando ele chama todos os discípulos para avisar que estava prestes a partir, sendo que dentre eles estavam Mateus e Judas. Jesus explanou sobre como seria a verdadeira salvação, sendo que esta reunião tratava-se de plena interlocução com perguntas

e respostas dirigidas Ele de maneira descontraída. Nessa ocasião, ele refere-se à Maria Madalena como a mulher que tudo tinha entendido, quando ela mesma vira-se ao Salvador e expressamente faz a seguinte pergunta: “Mestre, enquanto eu estiver vestindo um corpo, de onde vem minhas lágrimas, de onde vem minha risada. O corpo chora por causa de seus trabalhos e por causa do que ainda está para ser feito. Esta é a resposta”.

Jesus então lhe responde, segundo o mesmo manuscrito: “A mente sorri por causa dos frutos do espírito. Quem nunca tiver estado na escuridão não será capaz de enxergar a luz... Você acenderá luzes e viverá para sempre... Então todos os poderes acima e abaixo vão lhe tratar duramente. Naquele lugar, haverá choro e ranger de dentes até o fim de tudo”.

Após esta resposta, descrita no Evangelho apócrifo de Filipe, Jesus textualmente refere-se à Maria Madalena como “irmã”, a irmã mulher que, segundo Jesus, tudo entendeu
e não tinha o menor preconceito de perguntar e perguntar, a ponto de expor sua ansiedade sem a menor hesitação: “quero entender as coisas exatamente como elas são” – dizia Maria Madalena.

Ainda nesta fantástica fonte histórica, constata-se no comportamento de Madalena altivez, inteligência e até mesmo independência, características nada comuns para as mulheres da época, querendo a mesma transmitir para o Mestre suas impressões sobre a vida. Assim, mencionamos: “Eu vejo o mal que afeta as pessoas logo no começo... Quando um mora no outro”.

Mais uma vez, a historicidade dá base à importância de Maria Madalena, ao detectar nos Evangelhos, inclusive nos encontrados posteriormente no Egito, o preconceito e a desconfiança com que os demais apóstolos depositavam numa simples mulher. É o que se vê na descrença dos demais apóstolos ao não acreditarem no testemunho de Maria de Magda, o que se confirmará também nos textos de Nag Hammadi, quando o apóstolo André desconfia da verdade trazida por ela e Pedro se desmancha em ciúmes pelo fato de Jesus ter se apresentado ressuscitado primeiro a uma mulher: “Então ele falou com uma mulher em particular sem que nós soubéssemos? Ele a escolheu acima de nós?”.

Estas teriam sido as indagações de Pedro que fizeram Madalena cair em prantos, motivando um certo Levi a condenar o apóstolo Pedro: “É por isso que ele a amava mais do que a nós” (The Gospel Accordingto Mary. Nag Hammadi, BG8502, I).

Ressalta-se ainda que a importância de Maria Madalena é evidenciada na doutrina do Cristianismo copta do Egito, fazendo com que se vislumbre a base real de sua existência e importância, ao contrário do que se constata nas religiões cristãs ortodoxas que baseiam suas crenças exclusivamente nos Evangelhos do Novo Testamento onde, proposital e intencionalmente, seu papel é infinitamente relegado à insignificância, textos nos quais ela será apenas uma prostituta arrependida.

Em estertor, mencione-se a proximidade e a relação de pleno carinho e respeito que Jesus tinha para com as mulheres não se restringia apenas à Maria Madalena. Exemplo concreto e

marcante da forma com que Cristo inclusive se arriscou pessoalmente para salvar uma mulher a qual nomeavam como prostituta é relatado no episódio no qual Jesus encontrava-se sentado ao chão conversando com seus discípulos já nos tempos que se aproximavam de sua morte, ocasião na qual o Sinédrio através de seus sacerdotes a todo momento vinham importunar Jesus questionando-o a fim de pegá-lo em alguma falha que induzisse a algo comprometedor resultando por conseguinte em sua condenação. Assim, foram os próprios sacerdotes que trouxeram a Jesus essa mulher acusada de adultério, perguntando a Ele se deveriam matá-la a pedradas conforme determinava a lei judaica. Jesus, brincando como se estivesse escrevendo no chão de areia, levanta o rosto repentinamente e faz a seguinte exclamação aos religiosos: “Aquele entre os senhores que não tiver pecado que atire a primeira pedra” (João 1,7).

Após esta impressionante consideração, escribas e fariseus desistem do enfrentamento e Jesus vira-se para a mulher com autoridade e diz “vai embora e não cometa mais pecados”.

Outro exemplo nesse sentido que não se pode deixar de mencionar é relatado quando Jesus, em meio a uma multidão de seguidores, sentiu um toque misterioso e repentinamente suas energias se esvaíram e, imediatamente, pergunta: “quem me tocou?”. Ocorre que centenas tocaram Jesus envolto já em sua enorme popularidade.

Porém, Jesus insiste seriamente: “senti uma força saindo de mim!”. Neste momento, uma mulher se aproxima muito humilhada, medrosa, de forma vagarosa e tímida trazendo um

problema de hemorragia incontrolável, deixando-a terrivelmente renegada e considerada impura, pelo comportamento preconceituoso da época e perante a lei judaica. Próxima aos ouvidos de Jesus ela relata que o motivo de sua impureza era que há doze anos não parava de sangrar como se estivesse constantemente menstruada. Simplesmente Jesus a olha nos olhos e diz: “Minha filha, sua fé a salvou... vá em paz!”.

Este episódio clássico e mencionado expressamente nos quatros evangelhos canônicos com a narrativa de que outras mulheres acompanharam Jesus viajando com ele em todo este percurso de três anos de cidade em cidade, sem distinção, sem subjugação e sem nenhum preconceito ou limitação quanto aos aspectos da sexualidade ou diferenças de comportamento (Marcos 15:40-41, Mateus 27:55-56, Lucas 8:2-3 e João 19:25).

Infelizmente, conclui-se o presente capítulo com a lembrança de que essa importância e tratamento despendido com as mulheres pelo genuíno cristianismo cessou de existir à partir da formalização e oficialização da Igreja Católica, ocorrida três séculos após sua morte em Nicéia. Desde então, a mulher passa novamente a ser inferiorizada, subjugada e posta muito distante da organização da Igreja Católica Apostólica Romana.

O fato que se deflui de conclusões históricas quanto à atitude de Jesus para com as mulheres indica um comportamento absolutamente equilibrado, normal e socialmente contextualizado sem um enfoque pré-concebido.

Em diversos relatos evangélicos, os quais serão abordados mais detalhadamente a seguir, tais como o encontro de Jesus com a samaritana e também em outros episódios como sua

intervenção em defesa das prostitutas, seus milagres perante e para com mulheres desvalidas, bem como sua íntima relação com Maria Madalena considerada como sua única apóstola componente indissociável do cotidiano de Cristo fazem a prova e a tradução da real afinidade que Cristo despendia e dedicava ao gênero feminino.

Para concluir, é de se lembrar que outras várias mulheres, como sua própria mãe, bem como irmãs que historicamente comprovaram fazer parte da família de Jesus Cristo, embasam a concluir o quão deturpadas, maquiadas e destrutivas foram as adaptações teológicas inseridas intencionalmente de maneira e com a intenção de excluir as mulheres da vida cristã.

Talvez com interesses, como já dito, de manter a Igreja Católica sob o véu do celibato, impondo a impossibilidade de seus membros efetivos possuírem famílias, que viabilizariam através de seus descendentes a dissipação do patrimônio da igreja. Tal atitude é uma verdadeira estratégia com o fim de concentrar todos os recursos da Igreja exclusivamente nas mãos dos homens "guardiões" da fé cristã. Isto impôs simplesmente o aniquilamento das mulheres na Igreja Católica, impedindo-as de se tornarem ministras, líderes ou terem real importância na hierarquia do Clero, com os padres, bispos e cardeais relegando-as, para apenas consolá-las, a posição de "irmãs de Cristo", dirigindo-as a comporem diversas ordens de freiras e impondo a elas somente a oração enclausurada, ou os trabalhos de benemerência e caridade.

Contudo, a verdade que emerge destes séculos e séculos de desqualificação do gênero feminino ao longo de toda a história

Católica é um enorme preconceito, e até ódio, à existência da mulher –caracterizado pela misoginia – e à sua sexualidade encarada como algo deletério, perigoso, pernicioso, promíscuo e desvirtuado, tal qual Eva, a mulher que levou o Homem a ser expulso do paraíso por um Deus violento e rancoroso.

Cristo, porém, está há milhões de anos luz, distanciado desse medíocre e industrializado enfoque.

Capítulo VI

Jesus incorretamente humano e ilógico:

Mensagens contraditórias e irreais

Na busca desta pretensiosa e difícil missão de retratar o "Jesus Total", foi realizada uma análise na qual todas as vertentes foram abordadas, e dentro desse princípio de pesquisa genuína e honesta, não se pode deixar de constatar a existência de um Jesus humano, falível e inexplicavelmente contraditório.

Chega a ser surpreendente, e até certo ponto chocante, constatar verdadeiros absurdos que estão presentes nas mensagens dos Evangelhos consagrados pela Igreja Católica como "canônicos", e mesmo nos Evangelhos considerados apócrifos é possível retirar anomalias e mensagens completamente fora de contexto e ilógicas.

Evidentemente, como já observado em trechos anteriores desta obra, os Evangelhos, sejam os quatro aceitos e eleitos pela Igreja Católica como os únicos sagrados, bem como os demais, são tidos como fontes históricas parciais, conforme se verá nos próximos capítulos, foram sendo copiados e, ao longo dos séculos adaptados de acordo com interesses específicos e temporais. Tais circunstâncias, porém, não os desqualificam da condição de fontes históricas.

O fato é que estas são as fontes que temos. Nelas, vemos um Jesus com reações totalmente humanas. Isto não é censurável,

pelo contrário, é a indicação clara da retratação de um homem em sua essência humano, e, portanto, com grande potencial de veracidade e legitimidade. Ocorre que não é apenas a constatação de sua humanidade: é bem mais interessante do que isso, pois vemos o surgimento de várias mensagens dos Evangelhos que indicam um homem contraditório, ilógico e, por vezes, confuso.

Nesse sentido, a primeira constatação dessas contradições e comportamentos anômalos é ilustrada no relato de Marcos (11,12-14), apresentando Jesus e seus apóstolos, numa determinada ocasião, depois de passarem a noite em Betânia com amigos, saíram desta cidade com muita fome. Ao passarem ao lado de uma figueira frondosa, procuraram figos, porém, por não ser época destes frutos, na figueira só havia folhas. Por incrível que pareça, Jesus se irrita e maldiz a figueira. Marcos relata que "não era época de figos".

A reação de Cristo exposta neste Evangelho foi algo irascível, pois Jesus simplesmente se virou para a figueira, como se a mesma fosse um ser que pudesse lhe compreender, dizendo: "nunca jamais alguém coma fruto de ti!".

Após esta injustificável blasfêmia, como se a figueira tivesse culpa de não produzir frutos fora de época, o mesmo apóstolo narra que Jesus e os discípulos, ao passarem ao lado da pobre árvore, viram a figueira seca desde a raiz. Ou seja, Jesus com sua ira e inegável poder rogou verdadeira praga a um inocente vegetal.

A história não para por aí. Pedro, atônito, olha para o Mestre e pergunta: "Olha, Mestre, como secou a figueira que

amaldiçoaste?”.

Jesus, em nova e patente falta de proporção e lógica, tira desta pergunta uma de suas maiores mensagens para embasar a força do acreditar e o poder do pensamento que se concretiza pela intenção e fé: “tende fé em Deus. Em verdade vos digo, quem disser a este monte: sai daí e joga-te ao mar e não duvidar em seu coração, mas acreditar que vai acontecer o que diz, tudo o que pedirdes ao rezar, crede que recebereis e vos será dado” (Marcos 11,20-23).

Digna de nota é a estrutura que dá suporte à veracidade histórica desta narrativa (como já dito, apenas parte dos Evangelhos não são considerados fontes históricas), uma vez que essa mesma história é confirmada exatamente da mesma forma em mais um dos quatro Evangelhos Canônicos, o redigido por Mateus.

Fica difícil, mesmo aos mais sábios, criativos e inteligentes doutores que firmaram a doutrina católica, explicarem esta reação. Porém, a verdade é que versões mirabolantes, como a de que trata este relato de simbologia e encerra em si uma profunda análise transcendente, na verdade nada explicam de forma concreta para mudar a intelecção desta verdadeira aberração comportamental.

Outro exemplo de difícil compreensão, que denota e escancara uma total falta de coerência com relação a tudo o que Jesus anteriormente havia pregado no que tange a não violência, bem como o abandono à ambição e o desprezo à competição entre os homens, trata-se da afirmação clara, no sentido de que não veio para trazer a paz, mas sim a divisão entre os homens.

Com isso, Mateus escreve: “Não penseis que vim trazer a paz a Terra. Não vim trazer a paz, e sim a espada. Pois vim separar o filho de seu pai, a filha de sua mãe, a nora de sua sogra” (Mateus 10,34-35).

Esta verdadeira bomba que contradiz toda a doutrina até então pregada, por incrível que pareça, está contida e repetida também no Evangelho de Lucas:

> Pensais que vim trazer paz à Terra? Digo-vos que não, e sim a separação. Doravante estarão cinco numa casa separados entre si, três contra dois e dois contra três; estarão divididos o pai contra o filho e o filho contra o pai; a mãe contra a filha e a filha contra a mãe; a sogra contra a nora, e a nora contra a sogra (Lucas 12,51-53).

Fica realmente difícil. Como é possível, ao mesmo tempo o Cristo que afirma um futuro sem ódio, nem violência entre as pessoas, pedindo para darmos a outra face a quem nos esbofeteia e que tem como baluarte de sua pregação
a compaixão e a misericórdia, ao mesmo tempo afirmar que não veio trazer a paz, e sim a guerra, a espada, a divisão e a implosão da própria família?

Os doutrinadores e mestres cristãos que nos perdoem, mas não há hermenêutica capaz de justificar o injustificável. Nem com muito esforço e vontade, as explicações dessas palavras conseguem tirar da vala da contradição um conteúdo de clara violência, em contraponto a praticamente todo o resto dos Evangelhos que levantam bandeiras com mensagens de paz, harmonia e solidariedade.

Com efeito, saltita em pontos esparsos das narrativas evangélicas sinais de mensagens de violência, contradizendo a

grande maioria dos textos cobertas de pacificação.

Apenas para lembrar estes episódios, atente-se ao fato de que Jesus pede aos apóstolos, na noite antes de seu calvário, que vendam suas túnicas para comprar espadas. Nesta toada mencione-se também outro episódio de grande relevância no qual Jesus, em estado de fúria, faz a chamada "Purificação do templo", já citada anteriormente neste trabalho.

Dando sequência a essas atitudes no mínimo inesperadas do Cristo, não se pode deixar de mencionar também fato considerado de grande veracidade histórica contido em textos que muito incomodaram a Igreja Católica na busca de justificativas. Trata-se da passagem na qual avisam Jesus que sua mãe e seus irmãos vieram a seu encontro e estavam a esperando para vê-lo. Simplesmente, ao saber da presença de seus entes queridos e "sua mãe amada", os Evangelhos afirmam que Jesus se pergunta com total desdém: "quem são na verdade minha mãe e meus irmãos?".

Este fato é exposto em três Evangelhos: Mateus (12,46-50), Marcos (3,31-35) e Lucas (8,19-21). Chega a ser chocante que Jesus tratasse sua própria mãe e irmãos com tamanha indiferença. Mesmo que sua intenção fosse mostrar ao mundo a importância da sua pregação, o prestígio aos seus discípulos e a salvação da humanidade, não há como justificar a pretensão de salvar o mundo sem antes respeitar e abraçar sua própria família.

A fim de comprovar tal disparate, este episódio é retratado praticamente de forma idêntica nos três Evangelhos acima mencionados:

> Enquanto ainda falava ao povo, a mãe e os irmãos estavam do lado de fora querendo-lhe falar. Alguém diz: "Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem falar-te". Respondendo, disse para aquele que lhe falava: quem é minha mãe e quem são meus irmãos? E, estendendo a mão sobre os Discípulos, disse: "Eis aqui minha mãe e meus irmãos" (Mateus 12,46-50).

Talvez neste episódio, muito provavelmente, estivessem presentes Maria Madalena e várias outras mulheres que o acompanhavam. É impossível não ver neste texto, no mínimo, uma total falta de consideração especialmente para com sua própria mãe. Mais uma vez, não há razoável amenização em interpretações criativas que possam justificar aquilo que não é passível de ser justificado.

Aliás, nesse episódio, Jesus sequer quis saber o porquê de estarem o procurando, mesmo considerando que provavelmente seus parentes andaram por dias e dias naquelas estradas poeirentas do início dos tempos. O fato é que Jesus rejeita publicamente sua própria família, enxotando-a no local onde estava.

Por fim, mais uma mensagem de conteúdo no mínimo sectário, que contradiz a universalidade da pregação crística de compaixão: Mateus a narra em 10:5-6: "não passem perto dos gentios e não entrem na cidade dos samaritanos".

Aqui, também, não há outra conclusão se não a de que o comando de Cristo acima transcrito é como lançar uma bomba implodindo a espinha dorsal da base de sua pregação de igualdade.

Por último, a atitude humana e contraditória de medo e desespero relatada quando Jesus passa a suar sangue em reação

ao pânico em que se encontrava por temer sua morte eminente que consumou-se no dia seguinte à sua prisão em Jerusalém.

Para dar o fecho final a estas contradições, Jesus, depois de suportar o insuportável ao longo de seu terrível flagelo, indaga a Deus por que foi abandonado: “Meu Deus, por que me abandonaste?” (Marcos 15:34).

Este Deus que Jesus diz ter abandonando-o não é o mesmo Pai que não abandona ninguém que tem fé?

Esta indagação de Jesus quanto ao seu abandono pelo Deus Pai contradiz o cerne de toda a sua doutrina e os exemplos que praticou em sua vida, no sentido de não se temer
a morte do corpo, uma vez que o espírito jamais morreria e aos homens cumpridores dos mandamentos cristãos simplesmente passariam para o reino do céu, enfim, ao aconchego da morada celeste, do paraíso sem sobressaltos ou medo.

Destarte, para alguém que por toda vida pregou a imaterialidade e transitoriedade do mundo terreno, com base em que a morte nada mais era que a passagem deste mundo de imperfeições para o paraíso, não poderia haver a possibilidade de sentir-se abandonado por Deus justamente nesta hora.

Por fim, outras atitudes e comportamentos eminentemente humanos são detectados nas entrelinhas dos textos evangélicos, dos quais passamos a mencionar apenas alguns dentre muitos.

Com efeito, no Evangelho de Marcos 1,41, originariamente, e de forma clara, existe a indicação de que quando Jesus foi insistentemente abordado por um leproso desesperado em busca de cura, Cristo provavelmente já cansado e envolto no aperto da grande multidão que o cercava por todos os lados,

demonstrou impaciência e irritação bem humanas, estendendo a mão para tocar o enfermo, e dizendo: “Fica limpo!”, de forma contrariada e autoritária.

A verdade é que os doutores que formataram a doutrina, copiando os Evangelhos cada qual de seu modo próprio, provavelmente acharam duro demais atribuir a Jesus o sentimento de cansaço em reação irada numa circunstância de um pobre doente pedir ajuda. Por isso, comprovadamente alteraram o texto original do Evangelho de Marcos (o mais antigo e portanto o mais próximo da realidade de Jesus), mudando a tradução da palavra “raiva” e fazendo com que Jesus, ao invés de ira, tivesse sentido compaixão pelo pobre homem. A passagem com esse sentimento é de difícil explicação e compreensão para aqueles que transformaram Jesus no próprio Deus.

Outros exemplos dessas reações essencialmente humanas nas passagens de Jesus Cristo concentram-se na noite de quinta-feira, véspera de sua brutal crucificação e morte, ocasião em que Jesus, angustiado e temeroso dos flagelos que lhe seriam impingidos no dia seguinte, expressamente confessa: “Minha alma está aflitíssima... até a morte!” (Marcos 14.34).

Em seguida, Jesus sem rodeios declara precisar de ajuda, no auge de seu sofrimento humano, pedindo para que Pedro, Tiago e João ficassem ao seu lado como sentinelas e não saíssem de perto dele, ficando de olhos abertos vigiando-o. Assim diz Jesus: “Fiquem aqui, e fiquem acordados!” (Marcos 14.34).

Outrossim, mesmo nos dias anteriores ainda quando Jesus estava se dirigindo a Jerusalém para seu calvário e morte vindo

da Galileia para a Judéia por aquelas estradas difíceis e poeirentas, caminhava com uma multidão de peregrinos o seguindo.

O Mestre faz esta última viagem visivelmente incomodado e irritado, e ao se deparar com vários de seus apóstolos falando baixo entre si em atitudes estranhas, parecendo grupos formando intrigas e disputas no seio daquele núcleo eleito por Ele para dar continuidade à sua missão de salvar a humanidade, vira-se rispidamente aos seus discípulos e pergunta: “O que vocês estão discutindo no caminho?”. E, em seguida, com a certeza de que estavam disputando alguma posição hegemônica no futuro reino de Deus, Jesus furiosamente repreende esse comportamento. “Quem quiser ser o primeiro, será o último de todos e o servente de todos” (Marcos 9.35).

Este comportamento no mínimo estranho persiste, pois, em seguida, ao passo que Jesus irrita-se também com um pacífico popular que o acompanhava dentre a multidão
e ao se aproximar pergunta com todo o respeito: “Meu bom rabino, o que devo fazer para merecer a vida eterna?”. Jesus inexplicavelmente impaciente e irritado volta ao homem com outra pergunta: “Por que você me chama de bom? Ninguém além de Deus é bom” (Marcos 10.17-27).

Por derradeiro, outra emblemática declaração atribuída a Jesus por Marcos (13.31) que não possui uma lógica quanto ao que deveria ser o comportamento de um Ser Divino e muito superior às mazelas e aos melindres de um humano normal, ocorre quando Jesus aconselha seus discípulos a não andarem com bens materiais, com sacolas, com muitas roupas e

alimentos, abrigando-se nas casas dos humildes que de coração os quisessem acolher apenas com o necessário para o pernoite e alimentação.

É neste aconselhamento, de forma no mínimo inesperada e totalmente fora de seu contexto, que Jesus estranhamente passa a orientar os seus discípulos, quando eles batessem nas portas dos donos das casas humildes, por incrível que possa parecer, a que: "Se vocês não forem bem recebidos em algum lugar, ou se eles se recusarem a ouvi-los, quando saírem, sacudam a poeira de seus pés como um testemunho contra eles".

Ele destaca ainda que para estas cidades ou casas que mal recebessem seus apóstolos (como se lançando um mal agouro à esta indiferença), Jesus decretou em verdadeira blasfêmia: "No dia do julgamento haverá menos rigor para Sodoma e Gomorra do que para aquela cidade" (Marcos 6.11 e 10.15).

Finalizando este tema que vem a corroborar para a compreensão deste Jesus incorretamente humano e às vezes ilógico, contraditório e inexplicável, passamos a transcrever trechos da obra de Rodrigo Alvarez aqui já mencionada "Jesus o homem mais amado da história", *afirmando* que com a fama e popularidade, Jesus atraia uma imensa multidão de miseráveis, maltrapilhos, famintos e doentes que o cercavam quase em tumulto. O autor assim salienta: "Sofre um assédio tão insistente que se sente muito cansado, preocupado com a própria integridade".

Ao se aproximar da praia, talvez tomado por um sentimento de pânico, coisa que só mais tarde os psicólogos compreenderam, o pregador de Nazaré pede aos discípulos que

consigam um barco para evitar o tumulto. Em palavras do próprio Evangelho: “para não ser esmagado por aqueles que eu amo”, e por aqueles que sabiam de seu poder de cura e queriam tocá-lo.

Dois últimos exemplos desta flagrante humanidade de Cristo que o coloca, por vezes, na vala comum de nós mortais, passíveis de erros e limitações. Assim, lembremos a parábola que Jesus fala sobre um homem poderoso que recompensa os escravos de maneira absolutamente ilógica e irregular. Ele premia, de forma igualitária, escravos que muito trabalharam com suor e vigor e tudo faziam na produção de uma vinícola e outros que na distância dos olhos do patrão se encostaram no ócio para nada produzirem e foram “injustamente” da mesma forma recompensados pelo senhorio.

Conclui-se, assim, que se tratava de um pai de família, dono de uma grande vinícola que pagava valores iguais tanto àqueles trabalhadores que labutavam o dia inteiro, quanto aos que, ao fazerem corpo mole, trabalhavam apenas duas horas por dia.

Diante do protesto dos trabalhadores corretos, Jesus menciona simplesmente que o homem quis ser generoso com os que trabalhavam menos e aos que eram firmes no trabalho, ele já teria pagado o que lhes pertencia. Não havia, portanto, motivos para protesto algum quanto àquela flagrante injustiça e afirma: “Não posso fazer de meus bens o que desejo?”.

Tal manifestação demonstra patente paradoxo e falta de lógica, sendo que as justificativas posteriormente buscadas pelos doutores da lei, se deram no sentido de que para Jesus o amor não tinha limites, sendo esta sua mensagem, uma prova de

abundância, e não de avareza.

Em síntese, Jesus estava muito distante das limitações e da visão desta nossa mesquinha humanidade. Porém, o que está claro no conteúdo desse exemplo é uma enorme e injustificável injustiça!

Finalizando o tema dessas contradições, no Evangelho de Lucas (19.27), quando este relata outra parábola de Jesus, narra sobre um homem poderoso que recompensa seus escravos, brindando-os com mimos e prêmios até por vezes exagerados, Jesus conclui com palavras no mínimo estranhas o seguinte: "A esses meus inimigos, esses que não quiseram que eu reinasse sobre eles, tragam eles para cá e os degolem na minha presença".

O paralelo que Jesus tenta traçar é "este homem poderoso que presenteia seus escravos" seria, na realidade, ele próprio transmitindo as luzes da verdade. Este último exemplo realmente é forte e de difícil compreensão, visto que aparentemente Jesus quis dizer que estava dando os seus ensinamentos como o maior prêmio à humanidade, mas, em contrapartida, àqueles que não aceitassem suas palavras ou não quisessem seguir sua doutrina, fossem simplesmente degolados. Por incrível que pareça, é o que está escrito em Lucas (19.27).

Em estertor, não há síntese melhor deste caráter humano, dúbio e contraditório de Cristo que a menção de Reza Aslan em sua incomparável obra "Zelota":

> ele era um homem de contradições profundas, um dia pregando uma mensagem de exclusão racial ("eu fui enviado apenas às ovelhas perdidas de Israel", Mateus 15:24), no outro, de benevolente universalismo ("ide e fazei discípulos de todas as nações", Mateus 28:19); às vezes clamando por paz

incondicional (“Bem aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus”, Mateus 5:9), às vezes promovendo violência e conflitos (“se tu não tens uma espada, vai vender teu manto e compra uma”, Lucas 22:36).

Enfim, aí está a potente verdade comprovada de que o Jesus total também carregava em si um ser muito humano, ilógico e passível de falhas!

Capítulo VII

Problemas com a bíblia:

Incongruências na busca da formatação de uma religião por meio de um mito apropriado, adaptado e deturpado

Efetivamente, se há algo inquestionável, intocável e absolutamente primordial como base de toda a religiosidade ocidental, fundada no judaísmo e no cristianismo é a Bíblia Sagrada. Tal evidência fica notória ao vermos sempre associado à ela o adjetivo “sagrada” após a expressão “Bíblia”.

Livro sobrenatural, enviado por Deus à humanidade a fim de ensinar aos homens os preceitos de uma vida correta, sagrada e que, com a prática de tais ensinamentos, abrirá o caminho para a salvação do ser humano nesta jornada terrestre, e após sua morte, até o paraíso.

Foi dessa forma que por centenas de gerações, desde que nascemos, somos condicionados a considerar a total sacralidade e divindade desses ensinamentos de maneira inquestionável, uníssona e rotunda. Porém, ao fazermos uma abordagem livre de dogmatismos, preconceitos e tendências, devemos afirmar que esse tratado dá base tanto ao judaísmo, no Antigo Testamento, como ao Cristianismo, com a união do Antigo e do Novo Testamento. A verdade é que nele não detectamos uma

única mensagem enviada por Deus.

Essa afirmação acima é para muitos uma blasfêmia, uma forte heresia. Porém, o fato é que trata-se a Bíblia, de ponta a ponta, de uma obra de autoria de seres completamente humanos que, em várias épocas, desde o início da formação e organização do povo hebreu, aproximadamente há dois mil anos antes de Cristo, até os fins da Idade Média, foi sendo formatada com preceitos e intenções absolutamente humanas, ambições e dogmas criados exclusivamente por seres humanos na construção de pelo menos três vertentes religiosas principais: o judaísmo, o cristianismo, e todos os seus segmentos, seitas evangélicas mais modernas que se multiplicaram pelo mundo em várias manifestações e ordens.

O mais incrível, com certeza, salta aos olhos dos leitores afeitos ao tema é que quando se trata de Antigo Testamento, em razão de sua origem muito remota e de sua constituição através de milhares de contribuições de autores anônimos e desconhecidos, existe a consciência de que diversos trechos e mensagens ali encontradas são fantasiosas, figurativas, exageradas e mesmo folclóricas na busca da composição de exemplos, mandamentos e dogmas que foram transmitidos a uma população primitiva, violenta e ignorante, que muito necessitava de limites e parâmetros para atenuar sua própria selvageria.

Assim, hoje em dia, muitos intérpretes religiosos, e mesmo seguidores ortodoxos das religiões oriundas da Bíblia, fazem uma leitura mais flexível de várias passagens do Velho Testamento, aceitando sua distância da lógica e da realidade.

Estamos nos referindo a essa maleabilidade de interpretações e aceitação de muitas incongruências. Só com essas ressalvas podemos considerar o Antigo Testamento como um documento de cunho estritamente religioso.

O fato estarrecedor é que o Novo Testamento, para nossa total surpresa, é também eivado de tantas ou mais incongruências, falta de nexo e inverdades históricas e geográficas nos fazendo ter certeza de que o texto formatou o cristianismo, base das Igrejas Católicas e Evangélicas, e foi totalmente montado e criado com a intenção exclusiva de estruturar uma religião de dominação, dando à ela as cores que a estes autores, patriarcas, bispos e doutores da doutrina lhes convinha.

Aberrações evidentes baseadas em simples análises geográficas, históricas ou cronológicas são fáceis de serem encontradas em quantidade no Novo Testamento. São notórias, como acima mencionado, as incongruências e até mesmo ingenuidades lançadas no Antigo Testamento, a começar pelo próprio Gênesis, no qual o planeta Terra, o céu e todo Universo foram criados por Deus em sete dias, no ano 10 mil antes de Cristo. E nos seis dias subsequentes foram por Deus também criados os animais, os vegetais, os minerais, a luz, a água.

Minha filha, há alguns anos, ainda criança, encontrou uma pedra fossilizada com um pequeno inseto que cientificamente viveu há aproximadamente 100 mil anos. O Universo, segundo comprovação científica e da cosmologia moderna, possui 15 bilhões de anos, o Planeta Terra, 4 bilhões de anos, sendo que a vida é comprovadamente datada (com seu surgimento nos nossos oceanos através da união de moléculas primárias

chamadas de estromatólitos) há pelo menos 3.8 bilhões de anos.

Comprovadamente, a raça *Homo sapiens* surgiu há aproximadamente 300 mil anos, oriunda de mutações evolutivas de hominídeos primários. Porém, para o Gêneses isso tudo é ignorado e perpetua a crença de que Deus criou tudo há 10.000 anos.

No entanto, não entraremos nas centenas de críticas que poderíamos fazer quanto ao livro base da religião judaica, o Antigo Testamento, pois só isso ensejaria um tema suficiente para mais um livro. Contudo, somos obrigados a confrontar as aberrações e contradições do Novo Testamento, livro que para todos os que foram criados no Ocidente e na doutrina cristã não deveria ter defeitos, justamente por ser o nosso Livro Sagrado, enviado e escrito por Deus, ou por seus delegados.

Assim sendo, passamos a abordar a descrição do nascimento de Jesus Cristo e dos fatos que envolveram este fundamental evento para o cristianismo, bem como a forma ilógica e certamente embasada em intenções dogmáticas contatadas em cada um dos Evangelhos Sinóticos que tratam do tema.

No desenvolvimento e na criação desta Doutrina, que iria estruturar a religião Católica Apostólica Romana e as evangélicas, seus autores (com certeza não foram os apóstolos que conviveram com Jesus Cristo) deixaram uma enorme lacuna na vida de Jesus, ou seja, o período anterior ao chamado "Jesus público" que abrangeu seus últimos três anos de vida, onde concentra-se toda a sua pregação.

Desse modo, estes autores buscaram enxertar a narrativa de seu nascimento no Novo Testamento. Porém, todas as análises

históricas e geográficas comprovam, sem a menor sombra de dúvidas, que Jesus Cristo nasceu em Nazaré, na Galileia. Porém, neste enorme esforço de criação inventiva, a fim de justificar sua origem bíblica hereditária que o põe como descendente direto do Rei Davi, fizeram ele nascer em Belém, na Judéia.

Ocorre que, para todos os judeus e para o judaísmo em si, não há nenhum questionamento de que o Nazareno nasceu em Nazaré, na Galileia. Contudo, nesta saga de adequação para sustentar a descendência real de Jesus, o Apóstolo Lucas foi capaz de inventar um senso, um recenseamento que teria sido imposto pelo Imperador César Augusto, a fim de contabilizar os imensos domínios do Império Romano. Assim, textualmente o Apóstolo Lucas se refere no Evangelho:

> Naqueles dias, chegou um decreto por parte de César Augusto para que o mundo romano fosse registrado. Este foi o primeiro registro a ocorrer quando Quirino era o governador da Síria. Todo mundo foi para a cidade natal a fim de ser registrado. José também subiu da cidade de Nazaré, na Galileia, para Belém, cidade de Davi.

E para buscar uma liga de legitimidade, ou seja, criar um nexo, uma ponte entre as profecias do Antigo Testamento e Jesus Cristo, visto que o Messias deveria vir da família de Davi, Lucas institui algo inacreditável: “Porque José pertencia à casa e à linhagem de Davi” (Lucas 2:1-4).

Essa é uma pura invenção e não se trata de opinião, mas de fatos históricos comprovados através de todos os registros e anais romanos (inclusive muito bem feitos e meticulosos). O fato é que dez anos depois da morte de Herodes, o Grande, no ano 6 a.C., ocasião na qual a Judéia tornou-se oficialmente o mais

longínquo território romano no Oriente, o governador da Síria, Quirino, efetivamente convocou um levantamento a fim de verificar o que continha a Judéia em termos de valores e riquezas para o Império Romano. Isto é um fato histórico sabido por diversas fontes, incluindo o historiador romano Tácito, bem como o historiador judeu já citado Flávius Josefus, afora várias inscrições antigas, que o governador Quirino se tornou mandatário da Síria no ano 6 d.C., ou seja, dez anos após da morte de Herodes. Os fatos coincidem.

O primeiro erro rotundo é afirmar que tal senso se deu em todo o Império Romano. É muito provável não ter se dado na Galileia, justamente por ser pequena, restrita, pobre e somente agrícola. O território não possuía riquezas e, portanto, não motivaria qualquer senso que com certeza jamais ocorreu em seu território.

Outro erro crasso é Lucas vincular Quirino, que realmente ordenou tal verificação no ano 6d.C, para a aferição e inventário nas nações ricas do Império. O mais incongruente é que o nascimento de Jesus dá-se no ano 4 a.C.: é o que dizem todos os mais relevantes estudiosos, e, inclusive, essa data é confirmada pelo Evangelista Mateus, como sendo a do nascimento de Cristo, o que impõe mais um erro a Lucas.

Outro fato notório é que o censo de Quirino foi um levantamento fiscal para ter conhecimento das riquezas inerentes ao território da Judéia, a fim de dimensionar o patrimônio que foi agregado ao Império Romano. Assim, buscava-se avaliar a propriedade e os bens de cada família, obviamente no local de sua residência, de sua fazenda, de suas

plantações, armazéns, etc. Jamais seriam avaliados os locais de nascimento de quem quer que fosse, porque isso obviamente não era o objetivo desse levantamento.

Da mesma forma, esta inventividade e criação digna de um verdadeiro romance explica da mesma maneira a fantasiosa narrativa de Mateus sobre a fuga de Jesus ao Egito, que visava ficar a salvo de um suposto massacre do qual seriam vítimas todos os filhos nascidos ao redor da cidade de Belém, numa absurda e irreal busca alucinada realizada por Herodes e o próprio Imperador Romano para matar o Jesus bebê.

Pasmem: esta narrativa não possui base em nenhum indício histórico, quer seja apontado nos meticulosos livros da história do Judaísmo, quer seja nos arquivos romanos, muito bem elaborados em função da cultura grega que fazia da escrita e dos registros históricos algo de grande importância. Porém, um fato como este de tamanha dimensão teria sido evidenciado nos anais, até mesmo na esfera Cristã que realizou tantas narrativas, crônicas e escritos sobre Herodes o Grande (um dos mais famosos reis judeus). No entanto, jamais esse absurdo evento de massacre às crianças em busca de matar Jesus fora mencionado.

Em síntese, um evento de massacre de seus próprios filhos não seria jamais deixado à margem da história, principalmente pelos judeus, e, no mínimo, seria tema de relatos, lembranças e narrativas confiáveis. Contudo, o fato é que uniu-se a necessidade de Jesus sair em fuga para o Egito pela mesma razão que ele deveria nascer em Belém, ou seja, para cumprir as várias profecias expressas no Antigo Testamento.

É o que vemos, e agora entendemos, para sustentar que esta

invenção só teve lugar para dar cumprimento a estas antigas profecias, dentre elas a de Oséias: “Do Egito chamei meu filho” (Oséias 11:1).

O evangelista vincula-o então a Moisés como o único que sobreviveu ao massacre de muitos séculos atrás, ocorrido no Egito por Ordem do Faraó (Êxodo 1:22).

Como se não bastasse, o profeta Miquéias, centenas de anos antes, dá o comando para que o Evangelho de Lucas dê alicerce e crie este verdadeiro conto inventivo: “E tu, Belém (...) de ti sairá para mim um governante em Israel” (Miquéias 5.2).

Fica evidente a industrialização de uma narrativa a fim de colocar Jesus nesta sequência bíblica de um Messias ungido por Deus, descendente do Rei Davi, enfim, o Messias prometido pelo Antigo Testamento, que deveria nascer em Belém, e não em qualquer outro lugar. Portanto, fez-se
a ponte para a harmonia teológica entre o judaísmo e a religião que estavam inventando: o cristianismo.

As incoerências se avolumam mais e mais com fatos relativos a esta composição realizada pelos verdadeiros autores do Novo Testamento, com já dito, copistas, teólogos e doutores imbuídos de formatar esta religião.

Assim como já mencionado, as discrepâncias não param de surgir neste período em que se narram os acontecimentos imediatamente posteriores ao nascimento de Jesus. Ainda nesta vala, Mateus afirma taxativamente que a família sagrada partiu após o nascimento de Jesus de forma rápida, direta, sem delongas, para o Egito. Já Lucas, de forma claríssima, afirma que Maria, José e Jesus voltaram para Nazaré após o nascimento

incontinente. Indaga-se então: Egito ou Nazaré? Para onde afinal dirigiu-se a sagrada família após o nascimento de Jesus?

Ademais, tanto Lucas como Mateus, em seus evangelhos, que como já dito tentam de toda forma edificar uma ponte que fizesse o Cristianismo ser a continuidade do Judaísmo e assim criam inúmeras vinculações e "links" entre profecias antigas e o próprio Cristo, nessa busca, são uníssonos inclusive ao estatuírem a virgindade de Maria, e a concepção de Jesus sem um relacionamento sexual (com a aparição do Espírito Santo que, depositou no ventre de Maria a semente divina sem sequer tocá-la).

Porém, só com base neste fato, por óbvio José jamais foi o pai de Jesus, mas, sim, seu padrasto, evidentemente não havendo consanguinidade ou herança genética da família de José para com Jesus.

O inexplicável e estranho é que na busca de formatar a genealogia de Cristo para vinculá-lo como o Messias profetizado no Antigo Testamento, o qual é descendente direto do Rei Davi, os evangelistas Mateus e Lucas simplesmente desprezam e esquecem que a única linhagem de Jesus, segundo suas próprias narrativas, só passava pela imaculada Maria, virgem e intocada por José.

É incrível, mas Mateus efetivamente recupera a linhagem de José passando pelo Rei Davi, como legítimo ancestral do Messias, chegando inclusive a Abraão, o pai dos judeus. Para piorar, Lucas repete a mesma formatação genealógica, porém indo muito mais longe e chegando a Adão, o primeiro homem. Porém, não há gene hereditário que ligue José a Jesus.

A situação de total confusão ainda piora quando enfim Lucas indica explicitamente a formatação dessa ligação de ancestrais para cumprir as profecias baseadas na consanguinidade de Cristo exclusivamente com seu pai José (Lucas 1:23 e Mateus 1:16). Ou seja, eles confirmam e explicitam que Jesus descendia da linhagem do rei Davi por seu pai José. Assim indaga-se como fica esta situação de consanguinidade e herança genética se Jesus nunca foi seu filho legítimo? (Sendo sua mãe virgem e fecundada pelo Espírito Santo).

A coisa não para por aí acerca deste confuso nascimento, pois há outras marcantes diferenças nas narrativas dos Evangelhos de Mateus e Lucas. Mateus menciona que magos vão ao encontro de Jesus para celebrar seu nascimento, enquanto Lucas simplesmente diz que são pastores que vão adorá-lo. Magos ou pastores? O que um tem a ver com o outro? Como não há pastores em Mateus? E não há magos em Lucas? Em quem acreditar?

Como resume Reza Aslan em seu basilar livro *Zelota* acerca deste tema: “Mas, o verdadeiro Jesus, o pobre camponês judeu que nasceu em algum momento entre o ano 4 a.C.
e 6 d.C. na desordem da área rural da Galileia – busque-o nas casas de barro esfarelento e tijolos soltos, aninhadas em uma pequena aldeia varrida pelos ventos, Nazaré”.

Ainda há mais. Já no início da vida do Jesus Público, outro inexplicável conflito que, dependendo do evangelho que se lê, chegam a versões totalmente contraditórias recaindo sobre o batismo de Jesus.

Na narrativa de Mateus, Marcos e Lucas, Jesus Cristo

imediatamente após seu batismo realizado por João Batista nas águas do Rio Jordão em importante episódio do novo testamento, busca a solidão do deserto para em longa meditação e jejum receber as orientação do Pai, ocasião em que é inclusive tentando pelo diabo. As narrativas são claríssimas ao mencionarem que Jesus partiu para esta peregrinação "single" imediatamente após seu batismo.

Contudo, o Evangelho de João sequer menciona este importantíssimo acontecimento, pelo contrário, dá outra versão para os acontecimentos patrocinados por Jesus logo após seu batismo.

Neste sentido, está expresso no evangelho de João (1:29-34, 1:35-52 e 2:1-11) que Jesus, exatamente no dia seguinte de seu batismo, estava ainda a beira do rio Jordão quando se reencontra com João Batista, ocasião em que é declarado por ele como o legítimo Cordeiro de Deus. Este trecho do Evangelho é pontual ao indicar: "no dia seguinte".

Porém, João, em seu Evangelho, inclusive descreve as atividades posteriores de Jesus Cristo, muito distante do deserto ou de qualquer tentação do demônio, uma vez que afirma que, na sequência, Jesus iniciou seu trabalho reunindo seus discípulos para já naqueles dias começar sua pregação pública, inclusive realizando seu primeiro prodígio de transformar água em vinho nas bodas de Canã. O que preferem os leitores: acreditar que Jesus após seu batismo retirou-se ao deserto, ou, reuniu seus discípulos e começou sua pregação e milagres?

Mais exemplos são ilustrados quando relembramos a passagem no Evangelho de Marcos, quando Jesus encontra um

homem louco e possuído por demônios que habitava um cemitério próximo a um vilarejo. Este foi exorcizado por Cristo que, de forma autoritária, ordenou que os demônios abandonassem imediatamente a alma daquele pobre coitado.

Essa passagem é conhecida no Evangelho como “porcos de Gerasa”. Tal narrativa em Marcos 5.19 é assustadora ao afirmar que possuído pelo mal instalado naquele infeliz, depois da ordem dada por Cristo, centenas de porcos, como uma explosão, saíram misteriosamente daquele homem e jogaram-se espontaneamente, um a um, para morrerem afogados no mar da Galileia.

O fato é que tal ocorrência é geograficamente inviável de ter ocorrido, uma vez que o mar da Galileia fica a bem mais de 50 quilômetros de distância do cemitério da cidade de Jerasa, ou seja, fato absolutamente impossível de se ter verificado.

Mais um exemplo a denotar falhas e mais falhas entre os evangelhos consta em Marcos, no qual há a exaltação do milagre de Jesus ocorrido quando Jairo, que era um clérico judeu de grande importância nas sinagogas, vem ao encontro de Cristo, desesperado e descrente de seu próprio judaísmo, a fim de implorar a Jesus para acompanhá-lo até sua casa para salvar sua filha que estava gravemente enferma.

Contudo, segundo o relato, Jesus não pode ir imediatamente, uma vez que foi abordado por uma mulher também com séria hemorragia, fato que fez com que perdesse algum tempo para cura-la. Interregno fatal, pois foi o tempo dos empregados da casa de Jairo chegarem e avisarem que já era tarde demais, pois a menina já havia falecido. Porém, Jesus, compadecido, avisou a

todos para não se preocuparem,
e imediatamente dirigiu-se a casa de Jairo e resoluto ressuscitou a menina (Marcos 5:21-43).

Pasmem: em Mateus 9:18-26 existe a narrativa da mesma história, porém com diferenças significativas. Neste sentido, na narrativa de Mateus, Jairo claramente vai em busca de Jesus, porque sua filha já estava morta, e seu desespero era tamanho que colocou todas as suas esperanças no mais famoso e prodigioso mago da época.

O Livro Sagrado pode conter falhas? Não deveria, pois diferenças pequenas podem ensejar grandes falhas de interpretação. O Espírito Santo que inspirou os Apóstolos na redação das mensagens evangélicas é então falível? Ou será falho o próprio Deus da Santíssima Trindade?

Quando avançamos no tempo da história de Jesus em mais dois anos, ocasião na qual o pregador encaminha-se para Jerusalém, na semana de sua crucificação, também vamos constatar inúmeras contradições e incongruências em várias narrativas ilógicas e translocadas.

Com efeito, no episódio denominado “Purificação do Templo”, em Marcos 11, a confrontação de Cristo contra os mercadores e cambistas do Templo deu-se justamente na semana em que Jesus morreria. João 2 trata tal episódio como a primeira ação pública de Jesus logo após o batismo, por incrível que possa parecer, ocorrida três anos antes, logo no início de sua pregação. Será que Jesus fez a purificação do Templo por duas vezes? Por que não teria sido preso na primeira vez? Efetivamente, essa situação de total contradição é inconciliável.

É inusitada a constatação de que Jesus morreu em momentos distintos, dependendo de qual Evangelho você se baseia. Refiro-me a Marcos e João: em Marcos existe a clara narrativa de que Jesus e seus discípulos, quando se dispuseram a fazer sua peregrinação à Jerusalém para comparecer à festa do Pessach, perguntam os homens a Cristo onde iriam preparar a refeição para aquela noite, pois era de rigor a comemoração para os judeus com ceia naquele evento. Em Marcos 14:12 isso acontece no dia anterior ao Pessach, e, assim, Jesus os orienta e quando chega a noite, o grupo se reúne para fazer a refeição.

Simplesmente, esta é a verdadeira última ceia, onde foi estabelecida a Eucaristia, a qual consagrou-se como o cerimonial fundamental e base do Cristianismo: "Tomai, isto é meu corpo". "Isto é meu sangue, o sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos". "Fazei isso para celebrar a minha memória" (Marcos 14:22-25).

A narrativa prossegue com o término desta refeição especial e a ida do grupo ao jardim de Getsêmani (Jardim das Oliveiras), onde iriam pernoitar, ocasião na qual, em outra incongruência, Judas leva os soldados e comete sua histórica traição. Sintetizando, Jesus é levado a julgamento perante o clero judeu, passando a noite na cadeia.

Já na manhã seguinte, ele é julgado por Pôncio Pilatos, governador romano, que condenou-o à morte por crucificação. Ao longo do mesmo dia, Jesus tem seu martírio e é crucificado, segundo Marcos (15:25), às nove horas da manhã.

Conclusão clara: Jesus morre na manhã seguinte à refeição da ceia do Pessach. Esta é a cronologia exata do Evangelho de

Marcos quanto a este fundamental episódio.

Ocorre que no Evangelho de João, que também é incontroverso quanto a sua narrativa, os fatos são outros. Jesus vai a Jerusalém para comemorar o Pessach, faz sua última ceia, depois há o julgamento perante Pilatos e a crucificação. Porém, em João, os discípulos não perguntam a Jesus "onde preparar o Pessach" ou como preparar a refeição.

Em João, Jesus nada fala na última ceia sobre o pão ser seu corpo e o vinho representar seu sangue. Pelo contrário, neste episódio faz algo completamente diferente do narrado por Marcos. Ao invés disso, Jesus simplesmente pega água, ajoelha e começa a lavar os pés dos discípulos (João 13:1-20) numa circunstância que não correspondia à celebração do Pessach. Isso não é narrado em nenhum dos outros três Evangelhos canônicos e em nenhum dos outros quase dez Evangelhos apócrifos.

O episódio em João prossegue com o grupo partindo após a refeição, repetindo-se a narrativa da traição de Judas e sua entrega às autoridades judaicas, só que, neste Evangelho, Jesus passou a noite na cadeia e foi julgado perante Pôncio Pilatos, que o condenou à crucificação. Contudo, nesse Evangelho é narrado de forma pontual e exata a cronologia que vai frontalmente contra a narrativa do evangelho de Marcos, quando Pilatos pronuncia a sentença: "Era o dia da preparação do Pessach, perto da sexta hora" (João 19:14).

Desculpem os leitores, mas a única conclusão plausível é que tais narrativas são inconciliáveis. Sexta hora? Meio-dia? A morte de Jesus ocorreu no dia da preparação para o Pessach, ou seja, o

dia em que os cordeiros eram sacrificados? O espanto é que no Evangelho de Marcos, Cristo viveu todo aquele dia, inclusive fazendo seus discípulos prepararem
a refeição comemorativa daquela ceia, tendo jantado com eles antes de ser preso, passar a noite na cadeia e ser julgado na manhã seguinte para ser executado às nove horas da manhã do dia do Pessach. Porém, para João, de forma clara
e exata Jesus morre um dia antes, como no dia da preparação do Pessach, em algum momento após o meio-dia.

Em síntese, sobre este importantíssimo desnível, o autor e especialista muitas vezes já citado neste trabalho, Burt D. Ehrman, entre as páginas 40 e 41 de sua obra "Quem Jesus foi Quem Jesus não foi", expressamente assim menciona:

> (...) em Marcos, Jesus faz a refeição do Pessach (noite de quinta-feira) e é crucificado na manhã seguinte. Em João, Jesus não faz a refeição do Pessach, é crucificado no dia anterior ao qual deveria ser feita a refeição. Além disso, em Marcos, Jesus é pregado na cruz às nove horas da manhã; em João, ele é condenado antes do meio-dia e depois é levado e crucificado.

O fato é que nos dizeres de Ehrman, João simplesmente teria alterado os dados históricos para escrever mais uma vez um marco teológico, buscando eleger Jesus como o cordeiro a ser sacrificado, criando essa brutal discrepância cronológica em seus relatos, na busca da adaptação. É o que se demonstra no mesmo trabalho de Ehrman nas mesmas folhas:

> O Evangelho de João é o único que indica que Jesus é "o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo". Isso é declarado por João Batista, logo no início na narrativa (João 1:29). E novamente em seis versículos depois (João 1:35). Porque, então, João – nesse último Evangelho – mudou a data e a hora da morte de Cristo? Talvez porque em seu Evangelho, Jesus seja o cordeiro da

> Páscoa, cujo sacrifício traz a salvação para os pecados. Exatamente como o cordeiro do Pessach, Jesus tende morrer no dia (o dia da preparação) e na hora (em algum momento depois do meio-dia) que os cordeiros do Pessach estavam sendo sacrificados no Templo.

Outros dois fatos, dentre os muitos narrados nos evangelhos que não possuem a menor lógica ou base de coerência, são retratados no martírio de Cristo.

Com efeito, lembremos do episódio da prisão de Cristo no já escuro Jardim das Oliveiras, quando Judas, após o beijo da morte, traiu Jesus, levando atrás de si um legião de soldados que estavam ao seu encalço para prendê-lo.

O fato é lógico e retratado com muita clareza no Evangelho de Mateus, no qual há o relato de que em volta de Cristo os apóstolos reagiram "não vão levar nosso mestre!" e, na sequência, Pedro saca uma espada e imediatamente golpeia violentamente um dos soldados do sumo sacerdote, decepando-lhe a orelha em um combate visceral.

Porém, não podemos esquecer que aquela briga deu-se entre 3 ou 4 apóstolos maltrapilhos e (segundo relatos) mais de uma dezena de bem treinadas soldados. Assim, qual seria a lógica e a razão de após um confronto com outros apóstolos só terem prendido Jesus? Por que não mataram ou, no mínimo, detiveram imediatamente aquele apóstolo que parte para o confronto e corta a orelha de um de seus colegas soldados? Falta o mínimo de plausividade. Como deixam fugir o decepador de orelha simplesmente andando e se afastando do local onde havia ferido violentamente um soldado? Talvez fosse um homem invisível entre uma legião de soldados que o cercavam? O

evangelho é claro: “fugiram todos!”. Como fugiram todos após um combate deste nível?

Mais à frente, na mesma narrativa, algo mais absurdo se apresenta nos textos evangélicos. Mateus relata que Pedro torna-se conhecido dos soldados após este contundente e frontal combate onde todos o viram arrancando sua espada e mutilando a orelha de um soldado. Em continuidade, diz que o próprio Pedro, disfarçado, irá conseguir passar-se por um empregado do sumo sacerdote no pátio onde Jesus estava sendo julgado. Obviamente, este local, nesta ocasião, deveria estar altamente vigiado pelos soldados do templo, bem como pelos guardas romanos. Como é possível Pedro ter permanecido ali irreconhecível no tribunal até o fim do julgamento, acompanhando tudo e sendo testemunha da sentença aplicada a Jesus?

Qual a possibilidade desses fatos terem ocorrido? Como pôde Pedro combater guardas romanos, inclusive ferindo-os mortalmente, sem sequer ter sido tocado ou mesmo preso juntamente com Cristo, e, ainda assim, acompanhar de dentro do tribunal clérigo a condenação de seu mestre?

Enfim, essas são incongruências primárias, não havendo para elas qualquer explicação ou nexo. Sem nenhum exagero, daria para escrever um livro todo exclusivamente elencando os exemplos de imprecisões, incoerências, contradições, e mesmo erros crassos quando comparamos os evangelhos entre si.

Porém, o presente trabalho tem objeto bem mais abrangente, destarte, para finalizar, apontaremos mais três episódios, a fim de fecharmos este tema com uma visão comprovada dessas

lacunas e erros que não podem ter sido, salvo melhor juízo, da autoria divina, ou mesmo, nem de longe, inspiradas por Deus.

Em estertor, é de se mencionar a entrevista de Pilatos com Jesus em seu julgamento. Trata-se de narrativas totalmente distintas quando comparados, novamente, os evangelhos de Marcos e João. Em Marcos, essa conversa é brevíssima e pontual. Pilatos apenas indaga a Cristo se ele de fato é o Rei dos Judeus e Jesus responde sinteticamente com duas palavras: "Tu o dizes". Relata-se que saltou aos olhos de Pilatos o fato de Jesus permanecer totalmente silente e distante em todo esse julgamento, uma vez que os sacerdotes judeus em tumulto o acusavam ao longo de toda a sessão.

Já em João, Jesus tem muito a dizer em sua defesa (naquele mesmo julgamento), tendo mantido amplo diálogo com Pôncio Pilatos, ocasião em que se defende, contesta e filosofa ao dizer que "meu reino não é deste mundo" (18:36). Outrossim, sustenta que veio ao mundo para dar testemunho da verdade e contesta Pilatos, afirmando que o mesmo não tem poder sobre ele, a não ser o que foi dado a ele por Deus (18:37 e 19:11).

Novamente é de se indagar: qual julgamento os leitores preferem: um praticamente sumário ou outro com demorados diálogos e ampla contestação filosófica?

Ainda quanto a Pôncio Pilatos, neste mesmo evangelho de João, existe a indicação de que o governador romano, em três oportunidades explícitas, diz que Jesus é inocente e que não merece ser punido, mas, sim, libertado (18:38 e 19:6). É espantoso um fato tão relevante como este não ter sido sequer mencionado no evangelho de Marcos, no qual Pilatos nunca

declarou que Jesus era inocente.

A resposta óbvia para esta criativa e intencional narrativa é o fato de que esta parte do Evangelho de João foi escrita muitas e muitas décadas após a morte de Jesus, por algum autor já bem distante de Jerusalém, que buscava inocentar totalmente os Romanos da culpa pela morte de Jesus, vez que a aglutinação do Cristianismo como base de sustentação temporal de Roma naquela altura já era premente e estava em total andamento.

Isto se comprova inarredavelmente quando João, em seu Evangelho (19:16), coloca o Governador romano como um inocente e puro defensor de Cristo, que, de forma contrariada, é obrigado a entregar Jesus aos sumos sacerdotes judeus que o crucificaram. É clara a intenção de demonizar os judeus e absolver os romanos.

Outro fato que intriga pela sua ilogicidade é aquele que indica que aos pés da cruz, na agonia final de Cristo, as mulheres que sempre o acompanharam viram e testemunharam a cena protagonizada mais uma vez pelos soldados romanos, que disputavam no jogo de dados as roupas de Jesus, apostando sem a menor consternação para saber com quem aquelas roupas iriam ficar, sendo que dentre as vestimentas havia uma bonita túnica “de bom tecido” e que agregava beleza e algum valor.

Comentando esta passagem em seu livro “O homem mais amado da história”, o brilhante autor Rodrigo Alvarez assim assevera:

> Estudiosos, no entanto, dirão que esta disputa dificilmente aconteceu. Ele traz roupas sujas cheias de sangue, possivelmente rasgadas pela caminhada dificílima do palácio até Gólgota. O Evangelho de João trará ainda um

detalhe: a túnica de Jesus terá sido tecida de cima a baixo, sem única costura. João 12.15 – "Não vamos rasgá-la vamos tirar a sorte sobre quem ficará com ela".

Outra vez, nota-se que até mesmo uma ingênua criança estranharia e perceberia a total falta de viabilidade nessa narrativa. Que túnica tão bela tecida sem costuras a gerar disputa entre os bens vestidos e equipados soldados romanos poderia existir e estar ali, após os absurdos suplícios da longa via sacra? Pelo contrário, ao que se sabe Jesus estava seminu, todo rasgado, esfarrapado e ensanguentado, após levar nos ombros até o Gólgota a cruz na qual seria pregado.

Para finalizar, passamos a mencionar o último episódio consistente em total disparidade entre os Evangelhos que deram destinos totalmente diferentes a Judas Iscariotes após sua traição à Cristo.

Com efeito, em Mateus aponta-se a visão mais comum desse fato que consiste em Judas ter se enforcado após grande remorso e arrependimento depois de ter sido comprado por trinta peças de prata recebidas dos sacerdotes judeus em troca da morte de Cristo. Ocorre que, no relato de Lucas (1:18-19), não é sequer mencionado que Judas tenha se enforcado. Pelo contrário, em indefensável contradição, Lucas diz textualmente que Judas caiu "de cabeça para baixo, arrebentou pelo meio, derramando-se todas as suas entranhas", isto no local chamado "Campo do Oleiro", comprado por Judas com o fruto de sua recompensa. Inclusive é que, em razão de ter-se acidentado e sangrado até a morte, aquele local passou a ser denominado "Campo de Sangue".

Mais uma vez, indaga-se: preferem os leitores que Judas tenha se suicidado por enforcamento em uma árvore ou que tenha caído, se machucando e morrido no Campo de Sangue? Tal escolha fica ao livre arbítrio do público.

Assim, renova-se a pergunta: se a Bíblia é um livro inspirado por Deus, como pode conter tantas incongruências? Se não foi Deus, quem escreveu a Bíblia? Quem o fez e com quais interesses?

O Novo Testamento possui 27 livros. Estudos históricos e de arqueologia bibliotecária confirmam que apenas oito livros foram efetivamente redigidos pelos autores que tradicionalmente constam como seus relatores.

Os estudiosos comprovam como legítimas as sete epístolas de Paulo de Tarso e o Apocalipse de João, sendo este último (até mesmo nos primórdios da Igreja) considerado ter sido redigido por outro João que não São João apóstolo. O fato é que concluiu-se que a grande maioria desses livros não foram escritos por seus supostos autores, mas por pessoas que alegaram falsamente serem apóstolos para enganar os leitores e fazê-los aceitar seus livros e os pontos de vista que defendiam e interpretavam.

Salta aos olhos tantas distorções, pois estamos falando da Bíblia Sagrada, ensinada em praticamente todas as grandes instituições de ensino superior de teologia e seminários, no Ocidente. Sobre este tema, Bart D. Ehrman, assim indaga: “É o que os pastores aprendem quando se preparam para o ministério.

E por que isso não é mais conhecido? Por que as pessoas nos bancos das Igrejas – para não falar das pessoas nas ruas – não

sabem nada sobre isso?".

Os quatro Evangelhos que o cânone da Igreja acolheu, formatando assim a base da doutrina católica, quais sejam, os Evangelhos de Marcos, Lucas, Mateus e João, são assim comentados por Ehrman com sua honesta e profunda análise:

> percebi que havia enormes discrepâncias entre os livros do Novo Testamento. Algumas vezes, podiam ser conciliadas, caso alguém se esforçasse bastante com uma imaginação devota; em minha opinião, em outros momentos as discrepâncias não podiam ser conciliadas, por mais fantástica que fosse a explicação (Jesus morre em dias diferentes, em Marcos e João).
>
> Passei a ver que estas diferenças não se limitavam a pequenos detalhes aqui e ali. Algumas vezes, autores diferentes tinham compreensões inteiramente distintas sobre temas importantes: Jesus estava com dúvidas e em desespero no caminho da cruz (Marcos) ou calmo e no controle (Lucas)? A morte de Jesus espia o pecado (Marcos e Paulo) ou não (Lucas)? Jesus faz sinais para provar quem é (João) ou se recusa a isso (Mateus)? Os seguidores de Jesus devem seguir a lei para entrar no Reino (Mateus) ou absolutamente não (Paulo)?
>
> Além disso, descobri que muitos dos livros do Novo Testamento não foram escritos pelas pessoas aos quais são atribuídos (Mateus e João) ou pelas pessoas que alegam tê-los escrito (2 Pedro, 1 Timóteo).
>
> Em sua maioria, os Evangelhos não fornecem informações factuais desinteressadas sobre Jesus, mas contém histórias que circulam oralmente durante décadas antes de serem colocadas no papel. Isso torna muito difícil saber o que realmente Jesus disse, fez e viveu. Os estudiosos conceberam formas de contornar esses problemas, mas a realidade é que o Jesus retratado nos Evangelhos (por exemplo,
> o ser divino tornado humano no Evangelho segundo João), representa uma compreensão posterior de quem Jesus seria, não um relato histórico de quem ele realmente foi.

> Havia muitos outros Evangelhos disponíveis para os primeiros cristãos, além de epístolas, atos e apocalipses. Muitos deles alegavam ter sido escritos por apóstolos e superficialmente, estas alegações não são mais nem menos plausíveis do que as dos livros que acabaram sendo incluídos no Novo Testamento. Isso leva a questão sobre quem tomou as decisões acerca de quais livros incluir e qual foi a base para tais decisões. É possível que livros não apostólicos tenham sido incluídos no cânone por líderes da Igreja que simplesmente não tinham informações? É possível que livros que deveriam ter sido incluídos teriam sido deixados de fora?
>
> A criação do cânone cristão não foi a única invenção da Igreja inicial. Uma grande série de perspectivas teológicas surgiu não durante a vida de Jesus ou mesmo por intermédio dos ensinamentos dos seus apóstolos originais, mas posteriormente, enquanto a Igreja Cristã crescia e se transformava em uma nova religião, mais que uma seita do Judaísmo. Entre elas estão algumas das mais importantes cristãs, como
> a do Messias sofredor, a divindade de Cristo, a Santíssima Trindade e a existência de céu e inferno.

O único comentário que podemos acrescentar sobre estas brilhantes considerações de Ehrman em seu basilar trabalho já mencionado é a conclusão de que a Bíblia é um livro humano, porém o mais incrível é que o cristianismo também se desenvolve como uma religião estruturada eminentemente por homens, sendo que suas mensagens e preceitos não desceram do Céu, mas, ao contrário, foram criadas aqui na Terra, nos séculos posteriores à morte de Cristo, de forma calculista e engenhosa.

Destarte, esta criação e formatação do cânone aceito e incorporado pela Igreja Católica nas Escrituras foi elaborada por homens cristãos preocupados em criar uma religião baseada na escolha sobre o que incluir no Novo Testamento. Num grande trabalho e esforço coletivo, longo e traumático, tema de grandes debates acalorados entre cardeais, patriarcas e doutores da lei

ocorreu para dar forma ao que seria correto incluir na doutrina daquela religião em construção e o que seria heresia, impróprio e estrategicamente desinteressante para ser desprezado mesmo que verdadeiro.

Nessa ocasião, os conflitos foram enormes, mas a espinha dorsal do Cristianismo foi sedimentada. Porém, nunca chegou-se a uma decisão final e unânime sobre detalhes em todas as Igrejas do mundo. É o que se vê até hoje com interpretações e dogmas diferentes nas Igrejas da Síria, Armênia, Etiópia, Egípcia, Ortodoxa e Romana.

Não podemos esquecer que tudo isso tinha uma grande importância política, material e estratégica de força e dominação na substituição do Império Romano baseado em suas legiões de soldados armados, pela dominação de Roma pela fé, espalhando um Cristianismo dominador com o mesmo objetivo de controlar seus súditos pelo medo
e também pela violência, substituindo-se simplesmente os Césares pelos Papas.

Lembremos que o Imperador romano Constantino havia estrategicamente se convertido ao cristianismo e deveria usar esta nova religião para ajudar a unificar seu império fragmentado. Assim, sua única opção foi o fortalecimento e codificação de uma religião que não poderia estar dividida. Pelo contrário, esta nova doutrina de controle deveria ser uníssona para justamente produzir força e domínio. Urgia, portanto, ser unificada antes de ser difundida, e foi por isso que Constantino, o Imperador de Roma, convocou uma grande reunião na cidade de Nicéia, com todos os mais importantes bispos e patriarcas

cristãos do Império, para debater as questões e tomar uma decisão que unisse todos os cristãos.

Isso ocorreu em 325 d.C., e foi denominado como o famoso *Concílio de Nicéia*, que visava obter as definições de pontos críticos quanto à Santíssima Trindade, a condição da divindade de Jesus, etc. É o que explica Ehrman com seu costumeiro acerto na obra anteriormente mencionada:

> É algo que se afasta muito de qualquer coisa encontrada inclusive no Novo Testamento no qual não há nenhuma declaração explícita do tipo. Nem mesmo em um documento como o Evangelho segundo João, no qual Jesus é visto como Divino, é discutida a ideia de três serem um em substância. Como seria de se esperar, escribas e copistas posteriores do Novo Testamento consideraram essa lacuna perturbadora e então, em pelo menos um ponto, eles inseriram no Evangelho de João uma referência explícita à Trindade (1 João 5:7-8). A Trindade é uma invenção cristã posterior, baseada segundo os argumentos de Atanásio e outros Bispos, em passagens das Escrituras, mas que na verdade não aparecem em nenhum dos livros do Novo Testamento.

Novamente, o único comentário aferível deste brilhante texto é que no curso de três séculos após sua morte, Jesus deixou de ser um profeta revolucionário e apocalíptico tipicamente judeu para se tornar o próprio Deus e membro de uma inspiração denominada "Santíssima Trindade", que iria ser utilizada por uma organização fortíssima e gigantesca para dominar todo o mundo ocidental e grande parte do mundo oriental. Esta organização denominou-se igreja católica.

Voltando ao contexto histórico de seu nascedouro, devemos afirmar que o Cristianismo nasceu e desenvolveu-se dentro do quadro político e cultural do Império Romano.

Essa disseminação dos cristãos, deu-se a partir de sua

diáspora, três ou quatro décadas após a morte de Cristo, com base no grande sustentáculo consistente na universalidade de seu credo, o qual abarcava sob suas asas estrangeiros e gentios indiscriminadamente. Algo bem diferente da restritiva sinagoga judaica que abraçava apenas os judeus natos, elevando-os à condição de exclusivo povo de Deus.

As primeiras perseguições aos novatos cristãos foram do próprio Sinédrio de Jerusalém, aliás, o que seria normal, visto ter sido junto com os romanos os autores da morte do próprio Cristo.

Em razão desses fatos iniciais e da própria aniquilação total de Jerusalém e de seu templo como centro religioso pelos romanos no ano de 70 d.C., esses discípulos de Jesus saíram de seu núcleo e chegaram inicialmente à Antioquia na Síria, sendo que alguns deles, como Paulo de Tarso, eram de origem helênica. Nestes primeiros séculos, a penetração cristã foi fortíssima e desenvolveu-se rapidamente muito mais como fenômeno urbano do que rural.

O testemunho de Tertuliano, escritor do século I, já é bastante representativo desta crença que, mesmo muito combatida, alastrava-se como um vírus: “somos de ontem e já enchemos tudo que é vosso: cidades, ilhas, acampamentos militares, o palácio imperial, o Senado, o Fórum; só vos deixamos os templos vazios”.

Enfim, a fé estendeu-se aos povos e populações bárbaras que, naquela altura, pressionavam e invadiam as fronteiras do Império Romano. Estes também efetivamente abraçaram esta crença em progressão geométrica e assim foram se convertendo

os povos invasores daquele grande e decadente Império, progressivamente tornando-se cristãos os Bárbaros, Eslavos, Germânicos, Godos, Tártaros, Unos, etc. Enfim, a fé estendeu-se por onde hoje é a Itália, Grécia, Espanha, França, Alemanha, Europa Central, Norte da África e parte da Ásia.

Tanta perseguição e severidade contra os seguidores dessa nova seita ao longo de quase três séculos pelos romanos fez com que estes ganhassem fama, respeito e notoriedade e, ao contrário, essa força oposta foi a mola propulsora de sua rápida expansão. Quanto maior a perseguição era maior a propagação.

Mesmo só podendo reunirem-se às escondidas, em catacumbas e convertendo-se em uma espécie de sociedade secreta com sinais próprios de reconhecimento (como o símbolo do peixe que representava Jesus Cristo), o Império Romano sem cessar continuava a repreensão na busca de seu total aniquilamento. Porém, como já dito, quanto mais ocorria a perseguição mais surgia uma multidão de mártires que se iniciaram com São Pedro, São Paulo e muitos outros que os seguiram com seus heróis e santos, até que em 313 d.C., o Imperador Constantino assinou o Edito de Milão, no qual consagrou a vitória Cristã com a liberdade de culto e restituição de todos os bens da igreja, equiparando o Cristianismo em direitos e privilégios à religião Pagã.

Assim, foram formatadas e constituídas as comunidades locais denominadas “Igrejas”, sobre autoridade pastoral de um bispo, sendo que o bispo de Roma sucessor do apóstolo Pedro exercia o primado sobre todas as Igrejas, organizadas e centralizadas em torno da eucaristia e o total repúdio ao

Gnosticismo. Com efeito, tudo era baseado num Novo Testamento recém-criado, muito distante daquele Jesus real que há três séculos antes defendia a igualdade, a não violência, o verdadeiro amor e compaixão entre os homens.

Esta nova doutrina centrou-se em uma literatura de defesa da fé, impondo preceitos de autoridade, pecados e repressão à sexualidade em mensagem pastoral dirigida à formatação deste pensamento cristão. Dentre outros, os pais desta doutrina e teologia criada (ao nosso ver bem distante do Jesus histórico) encontram-se Santo Ambrósio, São Jerônimo, São Leão Magno, Gregório Magno, Eusébio de Cesareia, Santo Atanásio, Gregório de Nisa, São João Crisóstomo e São Cirilo de Alexandria.

Estes nomes não foram todos contemporâneos entre si, mas o fato é que apenas 12 anos após a liberdade do culto cristão no Império Romano deu-se o já mencionado Concílio de Nicéia, a formalização das bases unificadas da Igreja Católica.

Esta reunião foi convocada pelo próprio Imperador Constantino que, como já dito, pleiteava um consenso sobre a doutrina da religião que ele tinha recentemente adotado como a oficial de seu Império. Como já dissemos, era a paulatina troca das legiões romanas armadas por um exército de bispos e padres munidos do crucifixo e do Novo Testamento que formataram nas suas mãos.

Esse imperador em suas plumas e vestido de ouro convocou esse conselho religioso como se ele fosse o senado romano, uma vez que a história conta que nada menos que dois mil bispos estavam ali reunidos em Nicéia para formatar esse novo Cristianismo, ou melhor, essa nova organização de domínio e

força.

Os posteriores bispos de Roma consolidaram o poder, e ninguém o fez mais energicamente do que o papa Dâmaso I, que contratou um bando de assassinos para passar três dias massacrando seus oponentes. Quando Dâmaso retomou o controle, chamou Roma de "sé apostólica" – em outras palavras, o único lugar da igreja capaz de reivindicar o direito a uma contínua sucessão dos apóstolos, em nome dela agindo como herdeira da autoridade e função dos mesmos. É claro que essa pretensão deixou Jerusalém à margem. Qualquer zelote seguidor de Jesus a teria considerado absurda e totalmente inverídica.

Ignorando quaisquer dessas implicações, Dâmaso declarou ser o verdadeiro e direto sucessor de Pedro e, por esse motivo, herdeiro legítimo da Igreja a qual Cristo fundara sobre o apóstolo. Como a maior autoridade na terra, Dâmaso também estabeleceu o princípio de que a genuína medida para qualquer credo ser considerado ortodoxo era a concessão ou não do endosso papal. Dessa forma espalhafatosa a pretensão da sucessão apostólica se impôs.

Nesses tempos, foram criados o Jesus Deus, o pecado, o celibato, a Santíssima Trindade, a declaração de Maria como virgem e mãe de Deus, enfim, uma narrativa puritanizada e criada para abafar as legítimas vozes que ainda existiam de dissidência oriundas da Igreja Primitiva que acreditava num outro Jesus Cristo, porém, enfim, vencida. Estava criada a ortodoxia cristã!

Grande base a esta doutrina e conclusões dogmáticas que o Concílio de Nicéia sedimentou foram as cartas de Paulo, escritas

já muito distante da Jerusalém dizimada pelos romanos e sendo os únicos escritos sobre Jesus que existiam por volta de 70 d.C.

O fato é que a ligação genuína do movimento original Cristão Judaico que teve sequência após a morte de Cristo com seu irmão Tiago, com o advento da destruição de Jerusalém, foi totalmente ceifado e Paulo tornou-se o principal veículo através do qual a nova geração de cristãos foi apresentada a Jesus Cristo na Diáspora, bem longe do berço histórico dos discípulos e do local onde os fatos ocorreram.

Sobre este ponto, assim retrata o brilhante autor Reza Aslan em sua obra Zelota:

> Até mesmo os evangelhos foram profundamente influenciados por suas cartas. Pode se traçar a sombra da teologia paulina em Marcos e Mateus. Mas é no evangelho de Lucas, escrito por um dos discípulos de Paulo, que se pode ver o domínio dos seus pontos de vista, enquanto o evangelho de João é pouco mais que a teologia paulina em forma de narrativa.

Por estas razões é que um novo Concílio de cristãos que abraçaram mais fortemente as teses do Concílio de Nicéia desenvolveu-se no ano de 398 na cidade de Hipo Régios, na Argélia, a fim de aprofundar as bases desse Novo Testamento. Assim, incluíram a carta de Tiago, irmão e sucessor de Jesus, duas cartas de Pedro, o líder dos apóstolos, afora três cartas de João, o discípulo amado, e 14 cartas de Paulo, na verdade um pária, estrangeiro e romano que foi rejeitado e zombado pelos líderes originários em Jerusalém.

Porém, a vitória de Paulo é inconteste, pois o fato é que mais da metade dos 27 Livros que compõem o Novo Testamento são de autoria de Paulo de Tarso ou sobre Paulo de Tarso.

Com a composição de todas essas circunstâncias e fatos que se desenrolaram nos três primeiros séculos da Era Cristã é que a Igreja passou a ser portadora de uma doutrina oficial que deveria ser disseminada através de um corpo de representantes espalhados por toda a Europa. No século V, a hierarquia clerical seria sustentada pelos padres, que, por sua vez, seriam subordinados à autoridade dos bispos. Acima destes estavam os arcebispos e, logo em seguida, os patriarcas das mais importantes cidades europeias.

No ano de 455, o bispo de Roma se tornou Papa, passando a controlar a cristandade ocidental. Em 467, inicia a Era Medieval com o fim do Império Romano do Ocidente, que, como já dito, troca suas legiões de soldados pela dominação espiritual em nome de Jesus Cristo, formando-se, destarte, o mais poderoso, duradouro e amplo império jamais visto pela humanidade, com base em uma religião ostentada pela Igreja Católica Apostólica Romana e suas derivações, ortodoxa, copta, e posteriormente protestantes, calvinistas, anglicanos e evangélicos em geral com uma forte base comum: um ser chamado Jesus Cristo.

A fim de finalizar o capítulo, Reza Aslan resume pontualmente essa questão:

> Dois mil anos depois, o Cristo da criação de Paulo totalmente subjugou Jesus da história. A memória do Zelota revolucionário que atravessou a Galileia reunindo um exército de discípulos com o objetivo de estabelecer o Reino de Deus na terra, o pregador magnético que provocou a autoridade do sacerdócio do Templo em Jerusalém, o nacionalista judeu radical que desafiou a ocupação romana e perdeu, ficou quase completamente perdido pela história. Isso é uma pena. Porque a única coisa que qualquer estudo abrangente sobre o Jesus histórico deveria ter esperança de revelar é que

Jesus de Nazaré, Jesus, o homem, é tão atraente, carismático, e louvável como Jesus, o Cristo. Ele é, em suma, alguém em que vale a pena acreditar.

Capítulo VIII

A dominação do mundo pelo cristianismo:

O estado teocrático, o cristo e a salvação como instrumento temporal de dominação pelo estado católico e igrejas evangélicas

Os preparativos para a grande festa estavam concluídos. A base de sustentação e implantação do maior império e dominação que a humanidade já havia visto fora meticulosamente concretizada ao longo dos quatro séculos que se seguiram da crucificação de Jesus Cristo.

O poder, a riqueza, a dominação e a abrangência tanto territorial quanto de perpetuação ao longo do tempo eram pilares desta onda cristã que tinha se estabelecido para ficar, e jamais teve paralelos ao longo da história da humanidade.

Os maiores reinados que já existiram em termos de extensão territorial constatados pela história foram os de Alexandre o Grande, das fronteiras da Índia à Europa, o Império Romano, ocupava todo o mar mediterrâneo como o "Mare Nostrum", assim como todas as terras e continentes que o circundavam. Afora o colossal domínio Mongol de Gengis Khan, que se estendeu dos confins da Ásia Oriental até a Europa Oriental, sem mencionar Impérios mais recentes como os domínios

Napoleônicos e o próprio Império britânico, do qual se dizia que em razão de sua extensão o sol jamais se punha.

No entanto, nenhum destes grandes domínios territoriais chegou perto da abrangência temporal deste novo Império que se iniciou com sua capital em Roma. Esta importância não se baseou apenas pelo domínio territorial, mas também pela perpetuação desse poder ao longo dos tempos.

Neste lanço, é de se relembrar que Impérios territoriais gigantescos como a de Alexandre o Grande e o de Napoleão Bonaparte não chegaram a durar duas gerações. Da mesma forma, o Império mongol não resistiu a quatro gerações, sendo a mais longeva dominação imperial constatada a do admirável Império Romano, que subsistiu por vários séculos.

Contudo, esse Império estatuído nos ombros de Jesus Cristo e que transformou a dominação pelas armas pelo controle através da fé e dos dogmas baseando-se em uma doutrina ardilosamente formatada e sustentada por interesses materiais, teve seu início e implantação no ano de 313 d.C., por meio da oficialização e permissão do culto Católico em todo o Império Romano, através de Edito de Milão, tendo sido levada a efeito pelos Imperadores Constantino e Licínio, os quais concederam aos cristãos a liberdade de culto com a restituição de todos os bens da Igreja e colocando, assim, a religião Cristã no mesmo nível da religião Pagã quanto às liberdades, direitos e privilégios.

Não demorou para que após algumas décadas o domínio Católico fosse oficializado como religião única e formal de todo o Império Romano pelo Imperador Teodósio, em 391 d.C com assinatura do Édito de Tessalônica. Dessa forma, e de maneira

real e efetiva, o Império Católico apostólico romano estava vigorosamente instalado.

Nesse âmbito cronológico, nessa dominação inaugurada no ano de 313 d.C., como acima explicitado, inimaginavelmente há de se constatar que sua força e poder persistem, ampliam-se e enriquecem no campo espiritual com a conquista de almas, e no domínio material e territorial. Sem dúvida, até os dias atuais, este Império vive de maneira continua, forte e vigorosa há nada menos que 1700 anos.

Como já dito, o maior e mais longevo Império de dominação já instalado no mundo é também detentor, até hoje, de infinitas riquezas materiais e poder, em patrimônio imobiliário, obras de arte, museus, empresas, bancos, participações societárias e reservas financeiras em efetivo e ouro.

Não se pode esquecer que esta dominação segmentou-se, principalmente a partir do ano de 1500 d.C., mas mesmo assim expande-se até os dias de hoje, exercendo enorme influência sobre a humanidade.

Tal fragmentação teve início com o grande cisma do Oriente e sequência com o surgimento de outras igrejas separadas da Igreja Católica Romana, após a “Reforma Católica”. Ao longo do último século, deu-se o fenômeno da proliferação de milhares de seitas, igrejas e organizações cristãs evangélicas, sendo todas, sem exceção, utilizadoras de Jesus Cristo como base, sustentáculo e grande mote para a extorsão de dinheiro, poder e influência política.

Nesta altura, é importante debruçarmo-nos na análise histórica, uma vez que a mesma simplesmente retrata os fatos

reais e devidamente comprovados pela historiografia e tem por base provas documentais, narrativas e tradições inquestionáveis. Destarte, voltemos ao início da implementação do mais poderoso império de que já se teve notícia.

Com efeito, ainda coexistindo junto ao Império Romano, esta dominação abrangeu os povos bárbaros, devido a convulsão causada pelas grandes invasões, como também em razão da descentralização, desorganização e total decadência do Império Romano. O fato é que a Igreja foi permeando sorrateiramente todo aquele mundo antigo como a única instituição organizada com forças para manter e conservar sua identidade institucional, mantendo sabiamente elementos da cultura Greco-Romana, porém com pontos de vista cristãos. Essa organização, sem a menor sombra de dúvidas, tornou-se imbatível e se espalhou pelos povos bárbaros.

Nesta toada, a conversão dos povos invasores, e ao mesmo tempo o desenvolvimento e fechamento de uma doutrina bem estruturada acabou por dominar e possuir os corações e mentes dos povos invasores, fossem eles Bárbaros, Eslavos, Germanos, Francos, Saxões, Godos, Visigodos, etc. Em síntese, missionários levavam a mensagem do Cristianismo para além das divisas antigas do Império. Neste período que abrangeu décadas e décadas, ocorreu também a denominação e conversão ao Catolicismo dos Frísios, dos Bávaros, dos Alamanos, Turíngios, Eslavos e Normandos.

Inicia-se, assim, o Período Medieval, também conhecido como “Idade da Fé”, com a consolidação do Cristianismo no interior de todo o Continente Europeu. Tal instituição tornou-se

extremamente organizada e de efetividade e funcionalidade impressionantes a partir do já mencionado congresso de Nicéia e, posteriormente, com a assinatura do Édito de Tessalônica, fechando-se assim de forma uníssona as pendências e diferenças para dar forma à Igreja Católica tanto em termos espirituais quanto em sua organização corporativa, funcional e hierárquica.

A partir desse momento, a Igreja passou a ser portadora de uma doutrina definida e oficial que deveria ser disseminada por um exército de representantes espalhados por todo o mundo. No século V, concomitantemente ao marco de 467 d.C. que contempla o fim oficial do Império Romano do Ocidente, a hierarquia clerical seria sustentada pelos padres, que, por sua vez, seriam subordinados à autoridade dos bispos. Acima destes estavam os arcebispos e, logo em seguida, os patriarcas das mais importantes cidades europeias. A Igreja Cristã na região do mediterrâneo foi organizada sob cinco patriarcas: os bispos de Jerusalém, Antioquia, Alexandria, Constantinopla e Roma.

Doze anos antes, em 455 d.C., o bispo de Roma tornou-se Papa, passando a controlar a cristandade em todo o mundo. Bem antes, na Antioquia, os seguidores de Cristo já começaram a ser chamados de cristãos, ocasião em que o Cristianismo passou de religião das minorias para então se tornar a religião das multidões.

Com a decadência do Império, como já dito, os bispos pouco a pouco foram assumindo funções civis de caráter supletivo e a escolha do Bispo passou a ser mais por indicação do Clero do que pela pequena comunidade (segundo as fórmulas antigas), com

intervenções dos nobres e imperadores nestas indicações. Figuras expressivas da vida civil foram alçadas à condição de Bispos, exemplo disto foi Santo Ambrósio, governador da Alta Itália que passou a bispo de Milão, São Paulino de Nola, ex-cônsul, e Sidônio Apolinário, genro do imperador Ávito e senhor do Sul das Gálias, que foi eleito bispo de Clermont-Ferrand.

O domínio da febre cristã espalhou-se rapidamente, Winifred, monge inglês que mudou o nome para Bonifácio, foi o grande apóstolo da Alemanha. Nos primórdios do séc. VI, no Natal, Clodovil, rei dos Francos, recebeu o batismo católico e, com ele, todo o reino se converteu ao Catolicismo.

A França é considerada a filha primogênita da Igreja. Os magiares se converteram acompanhando o seu rei, Santo Estevão, os boêmios com São Wenceslau, e os poloneses com o batizado do duque Miezko.

Enfim, estava tudo dominado, e tudo em nome de Jesus Cristo.

O Estado Teocrático

Este controle total impôs a criação de uma Doutrina a ser incutida em toda população. No âmago desses ensinamentos, impunha-se um caráter passivo e subordinado com uma pitada de desvalia da vida terrena como instrumento de dominação (da força de trabalho).

Devemos reforçar que o total sofrimento, pobreza e penúrias da existência material deveriam ser abraçadas pelo povo com grande alento, com a promessa de que após a morte teriam o paraíso e uma vida espiritual celeste abundante. Em nome de Cristo, incutiu-se na alma daquela enorme população que a miséria refletia o desígnio de Deus para com seus devotos.

Dessa forma, tudo em nome de Cristo era utilizado como instrumento de controle. ogmas como o medo da morte, a pecaminosidade do sexo e o grande risco de serem penalizados com o inferno eram argumentos usados e disseminados com ações sistemáticas, no mais efetivo controle do homem sobre o homem, através do uso da fé e da deturpação pela utilização da imagem de Jesus Cristo. Assim, a única maneira a qual se poderia alcançar o céu era através da Igreja Católica, isso se a benevolência de seus bispos assim consentisse.

Os horrores e a aterrorização da população corriam soltos com o fogo do inferno e o demônio representado como uma fera com tridente e de chifres na cabeça que estava sempre a espreitar aqueles infelizes. Este terrorismo era repetido insistentemente nas missas semanais e nos serviços religiosos diários.

A fé em Cristo era o pressuposto de toda a sabedoria e

existência humana, devidamente interpretadas e expressas nas sagradas escrituras montadas segundo a autoridade da Igreja. Desta forma, abriram-se as cortinas para a Idade Média. Estamos entre os anos 500 d.C. e os anos 600 d.C.: a Idade das Trevas, marcada pela dominação total da Igreja Católica, tem início com a chamada "Alta Idade Média", com a expansão da fé bem mais pujante e abrangente em termos territoriais do que havia sido no Império Romano. A influência da Igreja era total em todos os acontecimentos sociais, culturais, econômicos e políticos a partir deste período.

No início deste ciclo, a Igreja apresentava-se como uma inovação e verdadeira vanguarda, fundando escolas e dando auxílio material e espiritual aos mais desvalidos. Porém, rapidamente começou a tornar-se extremamente temporal e poderosa, unindo-se muito mais à nobreza do que ao próprio povo, como já mencionamos anteriormente.

Tudo era centrado na captação de riquezas, poder e influência política pela Igreja. Esta assemelhava-se aos chamados "buracos negros do Universo", que atraem e captam inexoravelmente para si toda a energia e matéria de seu entorno.

As pessoas idosas na sua grande maioria deixavam seus bens em testamentos para o clero. Todos negociavam o seu pavor de ao final da vida irem para o inferno. As terras e suas riquezas acabavam todas a aumentar o patrimônio eclesiástico, que não as dividia nem com os servos, nem com os senhores feudais, afora o fato de a Igreja cobrar dízimos de todas as classes sociais neste período. Isto é, sem exceção, essas doações deixadas por nobres e senhores em seus testamentos faziam com que a

nobreza, os senhores feudais e a própria Igreja tornarem-se uma única e mesma classe.

Assim, a Igreja transformou-se na única instituição centralizada e organizada ao longo de séculos, chegando ao cúmulo de possuir nada menos que dois terços de todo o território da Europa Ocidental sob sua estrita propriedade e domínio.

Em breve resumo, a fim de sintetizar as bases de toda esta dominação, é de se mencionar que neste longo período, o único caminho e maneira para um ser humano conseguir chegar ao céu ou paraíso após a morte era através das portas da Igreja Católica Romana, se ela assim o permitisse.

Com efeito, embasado nesse raciocínio, os camponeses trabalhavam de graça para a Igreja nas terras clericais e ainda pagavam 10% do que conseguiam miseravelmente ganhar nesta injusta labuta. Dinheiro esse, que poderia ser pago em sementes, animais e produtos colhidos, uma vez que sequer possuíam dinheiro em espécie e, coitado de quem não fizesse seus próprios milagres para pagar esse dízimo, dado que o inferno estava a um passo de sua existência.

Não há melhor exemplo dessa tamanha riqueza e concentração do que as milhares de grandes igrejas e catedrais gigantescas, que ainda subsistem por toda a Europa. Chega a ser impressionante verificar construções absolutamente grandiosas e nababescas, até para os dias de hoje, bem como as tecnologias e engenharia ali utilizadas.

Caso esses palácios fossem edificados na contemporaneidade, exigiriam tamanha concentração de dinheiro, recursos

humanos, tecnologia e esforços que com certeza impactariam seriamente nos pujantes sistemas econômicos atuais.

Catedrais como Notre Dame, Chartre, Colônia, Sevilha e São Pedro são apenas exemplos de uma grandeza intangível e incalculável. Estes cinco exemplos são ínfimos quando detectamos milhares e milhares de gigantescos e opulentos templos de pedra, argamassa, com vitrais e cúpulas de dimensões inimagináveis, repletas de coberturas de ouro com obras e utensílios de arte concentradas em suas sacristias e altares.

Em quase cada quarteirão de inúmeras cidades europeias, ainda se consegue ver uma Igreja. Em centros de cidades antigas como Paris, Roma, Madrid, Varsóvia e muitas outras no interior da Europa é possível encontrar mais templos católicos que farmácias, supermercados ou postos de gasolina. A conclusão inexorável observada a olhos vistos por toda a Europa é que por pelo menos mil anos todo o esforço da humanidade ocidental centrou-se sob o domínio da Igreja, com o fim de enriquecer e dar poder a poucos, tudo em nome de Jesus Cristo.

Essa concentração de poder e controle se dava pela fé, com o monopólio da ideologia uníssona cristã, com o controle de ensino nas escolas, com a autoridade total sobre a produção escrita e intelectual, tudo sob o jugo de paróquias e abadias dominadas por professores clérigos que ensinavam e implantavam um verdadeiro império teocrático no mundo ocidental. Estas instituições ensinavam gramática, a língua latina, o canto, onde nobres também estudavam lógica, retórica, geometria e até mesmo astronomia, sendo algumas delas os

embriões do que no século XIII iriam ser chamadas de "universidades", como foi de fato a origem da Sorbonne em Paris, Universidade de Bolonha, Salamanca, Oxford, Coimbra, Cambridge e Roma. Nada mais precisa ser acrescentado para comprovar a amplitude e dimensão desse domínio.

No entanto, o controle não era só sobre os assuntos espirituais e religiosos, o controle era também de cunho material e mundano. Seus instrumentos nessa busca de poder e coerção para impor sua autoridade em verdadeiro achaque material eram os seguintes: a excomunhão, prática na qual os excomungados estavam mortos para Jesus Cristo e não podiam receber os sacramentos e nem mesmo relacionar-se com outros cristãos (tratava-se de uma verdadeira morte social); o feudo interditado, que era imposto àqueles senhores e nobres faltosos que não se ajoelhavam perante às ordens da igreja, correspondendo a total suspensão de atividades produtivas nas propriedades rurais com o fechamento, inclusive, dos templos dentro dos feudos, deixando a população desse distrito feudal sem o pão real de trigo e sem o pão do espírito, propiciando a morte pela fome e a revolta dos servos; a inquisição - esta sim, a mais violenta, física, moral
e brutal repressão ao ser humano já vista até então na história da humanidade.

A inquisição teve início no séc. XII, a fim de combater o que se chamava de heresias (todas as atitudes que contrariassem a doutrina e o comando eclesiástico), matando milhares de pessoas, segundo a Igreja, tidas como bruxas ou hereges, que nada mais eram que seres humanos em busca de uma outra

dimensão e realidade não imposta pela Igreja e em nome de Jesus Cristo.

Enfim, o monopólio civil dos costumes, em que tudo era concentrado sob a égide da Igreja nas relações sociais (nascimento, batismo, casamento, extrema unção e morte). E, mesmo após a morte, os pagamentos continuavam altíssimos, uma vez que para os familiares terem a certeza de que seu ente querido teria acesso ao paraíso, era obrigatório que seu corpo fosse enterrado em um campo santo, nos arredores de alguma abadia ou no interior das igrejas.

A força e poder eram tamanhos que todos os reis e imperadores, para terem o respeito e a validação temporal, de seu poder necessitavam da chancela e endosso da Igreja Católica, inclusive cabendo ao Papa, "o Rei dos Reis", o supremo dignitário da Igreja Católica, presidir as cerimônias de coroação e sagração dos monarcas medievais.

Até a natureza foi dominada por este inimaginável império, uma vez que as estações do ano estavam marcadas pelas grandes festas católicas religiosas, como o Natal, a Páscoa e outras dezenas de feriados religiosos, afora o fato de que as semanas iniciavam-se com o ofício das missas dominicais.

Por último, ainda havia a venda de cargos eclesiásticos e relíquias religiosas e as indulgências, ou seja, a venda de perdões, ocasião em que muitos fiéis davam bens à Igreja na promessa de obterem o perdão para seus pecados, na qual as faltas mais gravosas exigiam pagamentos mais vultosos. Tudo em nome da salvação por Cristo. Repetindo: tudo em nome de Jesus Cristo.

Porém, com certeza, Jesus nem nos seus mais horríveis

pesadelos imaginaria ser usado (sua vida, sua história e tudo que pregou) como a causa de milhões de mortes, barbáries inomináveis e a imposição dos mais injustos sacrifícios, humilhações e sofrimentos para centenas de milhares de seres humanos indefesos.

As chacinas já se iniciaram em 415 d.C. em Alexandria, local que ainda nesse período detinha a maior biblioteca do mundo antigo, universidades livres e laicas na busca do conhecimento clássico e científico, sendo que a última grande matemática deste berço de conhecimento, mulher bela e sábia filha de Theon de Alexandria, foi assassinada por uma multidão de monges cristãos incitados por Cirilo, patriarca de Alexandria, que posteriormente foi canonizado e promovido a doutor da Igreja em 1882.

O conhecimento da douta mestra fazia de sua resistência intolerável aos olhos dos cristãos que vieram a matá-la, banindo para a Pérsia ou Índia, todo corpo de pesquisadores docentes e intelectuais que nada mais podiam produzir de conhecimento em Alexandria. Tudo isso foi feito em nome de Jesus Cristo.

Em 804 d.C., o imperador Carlos Magno converteu grande número de saxões, impondo-lhes a escolha de converterem-se ao Catolicismo ou simplesmente serem decapitados. Nesta ocasião, milhares de cabeças são simplesmente degoladas com as bênçãos da Igreja e de seus sacerdotes.

Em 1182 d.C., após o cisma da Igreja que deu início à Igreja Ortodoxa de Constantinopla, uma multidão guiada por estes ortodoxos trucidaram milhares de homens, mulheres e crianças que adotavam ritos Católicos Romanos. No caso concreto, o

motivo era que em Roma a eucaristia tinha que ser processada com pão sem levedura. Acredite: essa foi a razão da chacina.

Em 1095 d.C., iniciaram-se as famosas cruzadas, patrocinadas pela Igreja Católica de Roma. também chamadas de “Guerras Santas”. O Papa Inocêncio III conclama a Europa a unir-se com todos os recursos que possuía (já esparsos, pois vilipendiados pelos achaques e exploração da própria Igreja Católica), a fim de reconquistar a Terra Santa e o Santo Sepulcro de Jesus Cristo em Jerusalém, que havia caído em mãos dos pagãos otomanos. Esta primeira cruzada consegue libertar Jerusalém em 1099 d.C., com a promessa ao governador muçulmano da cidade que sua rendição pouparia toda população civil ali residente composta de judeus e muçulmanos.

Simplesmente, os cruzados, ao entrarem em Jerusalém, dizimaram a golpes de espada mais de 70 mil civis literalmente indefesos com o requinte de, antes de massacrá-los, violentarem suas mulheres e decapitarem suas crianças. “Tudo que respira na cidade foi morto”, informaram com orgulho os comandantes dos cruzados.

Anos após, já na quarta cruzada, os cristãos fazem uma parada em Constantinopla, na época maior cidade cristã do mundo. Nesta ocasião, os cristãos europeus, em atitude de total barbárie, puseram Constantinopla sobre saque, promovendo ao longo de 3 dias orgias e violências inomináveis aos seus irmãos cristãos de fé em Cristo.

Isto é só o começo das barbáries, pois em 1231 d.C. inicia-se a pior fase desta brutal violência, tudo em nome de Jesus Cristo. Nascia a Inquisição, também chamada de “Santo Ofício”, que ao

longo de sua história simplesmente matou (normalmente queimados) mais de um milhão de pessoas, essencialmente aqueles chamados de hereges, judeus, muçulmanos, e também todos os católicos que buscassem algum conhecimento fora dos textos bíblicos, eram considerados “bruxos”.

Assim sendo, foram queimados médicos, intelectuais, pesquisadores, brilhantes humanistas e muitos cientistas. Essas torturas e mortes impingidas pela chamada “Caça às Bruxas” ocorreram até o ano de 1826, portanto, nada menos do que seis séculos de massacres e crimes cometidos pela “Inquisição católica”, tudo em nome de Jesus Cristo.

No auge da inquisição, em 1492, os reis católicos Fernando e Isabel da Espanha simplesmente expulsaram todos os judeus de seus territórios, proporcionando verdadeiro êxodo em massa. Nada menos que 160.000 judeus foram expulsos brutalmente da Espanha com confisco de todos os seus bens, ainda com o agravante do Papa impedir que os países vizinhos os acolhessem.

Naturalmente, em uma versão mais leve a inquisição ainda perdura. Em 1908, rebatizaram-na de Sagrada Congregação do Santo Ofício. Depois, numa nova mudança, tornou-se a Congregação para a Doutrina da Fé, em 1965: palavras suaves, macias mesmo, para o título de uma instituição dogmática e inflexível, cujo papel imutável na Igreja é manter a ortodoxia da crença.

O penúltimo chefe da Congregação, hoje chamado de “prefeito”, nomeado em 13 de maio de 2005, foi o californiano monsenhor William Levada, ex-arcebispo de São Francisco. Seu

predecessor imediato, o cardeal Joseph Ratzinger foi eleito papa em abril de 2005. Ratzinger é bem direto quanto à doutrina da Igreja: não existe flexibilidade no que tange a seus preceitos.

Outro horror digno de triste nota é o verdadeiro massacre imposto aos índios americanos e sua captura e concentração coercitiva nas missões, afora as brutais perseguições aos Índios Pueblos que foram dizimados às custas de serem catequizados, a fim de terem o direito pelo batismo ao paraíso Cristão. Foram aniquiladas dezenas ou centenas de milhares de seres humanos, tudo em nome de Jesus Cristo.

Lamentável, também, no século XVI o fato da Igreja, ao proibir as mulheres de cantar nos corais dos templos (para não despertar desejos sexuais) substituindo-as em uma solução desumana e abominável por meninos. Simplesmente e sem nenhum remorso, passam a castrar centenas de crianças cuja voz era considerada bela para nunca faltar sopranos e contraltos, sendo que esta prática absurda só terminaria em fins do século XIX, ou seja, em 1878 por ordem do Papa Leão XIII.

Ainda há mais absurdos. Com o advento do cisma luterano, em 1527 soldados protestantes saqueiam Roma e massacram 40 mil pessoas, quase a totalidade da sua população, à época pilhando a cidade. Na noite de São Bartolomeu, em 1572, os católicos dizimaram nada menos que 20 mil protestantes de uma só vez.

Também, a Guerra dos Trintas Anos, na primeira metade do século XVII, tratou-se de uma típica guerra religiosa entre católicos e protestantes. É que os reis Habsbourg, muito católicos, forçam a conversão de seus súditos protestantes da

Boêmia, iniciando a maior guerra que o Continente Europeu já tinha conhecido, com a população da Alemanha, no fim do conflito, reduzida à metade com pestes e cidades devastadas.

Para finalizar estes exemplos de massacres e sofrimentos motivados por questões religiosas e em nome de Jesus Cristo, não podemos esquecer, em estertor, a brutal guerra contemporânea ocorrida a menos de 30 anos no coração do Continente Europeu (o mais rico e desenvolvido do planeta) aos olhos de toda a comunidade internacional, e há apenas 500 km de distância do próprio Vaticano.

Foram as chamadas guerras étnicas na Sérvia e na Croácia que, na realidade, foram de origem totalmente religiosa e tiveram essa motivação em razão de que em território sérvio e croata misturavam-se Igrejas católicas, Igrejas Ortodoxas e Mesquitas Muçulmanas em franca liberdade de culto. Porém, esta brutal Guerra Civil ocorreu, apesar de Sérvios e Croatas serem da mesma etnia e possuírem a mesma língua.

No entanto, havia um fator que os separava: a religião. Enquanto que os croatas foram cristianizados por Roma e são católicos, os sérvios foram cristianizados pelos bizantinos que são ortodoxos, sendo que a Croácia, ao se declarar independente com o reconhecimento imediato do Vaticano e da Alemanha, provocou o estopim a esse sangrento genocídio que levou ao extermínio de aproximadamente 140 mil civis.

De outra parte, há de se pôr em relevo que este negócio da fé era tão bom e lucrativo que, desde o início, segmentos atentos à verdade das pretensões que se achavam por trás da Religião Católica iniciaram movimentos de separação e divisão

espiritual, criando múltiplas seitas para também participarem da mesma festa e melhor dominarem seus territórios, segmentando de forma mais efetiva facções da sociedade que não estivessem totalmente inseridas no domínio Católico Apostólico Romano.

Desde o princípio, quando da formação da doutrina unificada cristã, algumas divergências foram verificadas com a divisão do culto mais ao Oriente sob os ditames de patriarcas relativamente independentes, como a Igreja Ortodoxa Grega, os segmentos armênios e Copta no Egito. Separadas, porém, sempre com algo em comum: a adulteração e a comercialização de um Jesus Cristo adaptado aos seus interesses.

Posteriormente, no início do novo milênio, no ano de 1054, a dimensão, as riquezas e os territórios da Igreja Católica Romana eram de tamanha extensão e grandiosidade que teve lugar a chamada "Grande Cisma do Oriente", com o Cristianismo sediado em Constantinopla, rebelando-se da hegemonia romana, através do advento e nascimento da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa, a qual abrangia além da Turquia, a Grécia, o Líbano e todo o Oriente Médio, e grande parte da Ásia Menor. A verdade é que o bolo era grande demais e, em nome de Jesus Cristo, era possível ampliá-lo e dividi-lo quase que infinitamente.

Pausemos. Este trabalho não tem a intenção de ser um livro de história do ensino fundamental. Assim sendo, saltemos na continuidade das segmentações e separações de seitas que buscaram um melhor aproveitamento e expansão da grife "Jesus Cristo" para o advento da reforma cristã, ocorrida a partir

de 1500. Com efeito, esta multiplicação de igrejas e seitas teve início com Lutero, na Alemanha, quase que concomitantemente a Calvino na Helvécia, atual Suíça.

Repetindo: o negócio e o empreendimento espiritual do Cristianismo sempre foi o melhor e mais rentável *business* do mundo Ocidental. Este fato também levou Henrique VIII, na Inglaterra, que de submisso nada tinha, a criar também sua própria Igreja (católica e apostólica).

Assim, nasce o Anglicanismo, totalmente baseado naquele mesmo Jesus Cristo, porém, a partir de então, a Inglaterra passou a ter seu próprio rei espiritual, abraçando todo o patrimônio do ativo eclesiástico de Roma em Terras saxônicas. Esse fato, sem dúvida, em poucas décadas, tornou aquele reinado num dos mais poderosos e prósperos do mundo, vez que independente do Vaticano, concentrou para si todas as riquezas advindas da fé.

Muitos estudiosos acreditam, inclusive, que a hegemonia naval e militar britânica que logo surgiriam, bem como as próprias bases da Primeira Revolução Industrial e o nascimento do grandioso Império Britânico do século XIX, tiveram origem exatamente nessa cisão que tornou a Inglaterra independente de Roma.

Com o perdão do leitor, em mais um salto no tempo, vislumbramos a plena e contínua dominação que o cristianismo exerce até os dias de hoje. Para isso, sintetizamos alguns dados de pesquisas realizadas pelos próprios institutos do Vaticano, pela ONU, bem como pelo IBGE no Brasil.

Com base no Anuário Pontifício de 2018, a população católica

apostólica romana cresceu nos últimos anos de 1.28 bilhões de religiosos para 1.3 bilhões, sendo que segundo o jornal L'osservatore Romano, a África é o continente no qual mais crescem os católicos, passando de 185 milhões em 2010 para 228 milhões em 2016, detectando-se também um similar crescimento ocorrendo na Ásia, sendo que no Brasil são cristãos, segundo o IBGE, nada menos que 64.6% da população, tratando-se assim do maior país católico do mundo.

Porém, a coisa não para por aí: nesta contínua e progressiva história de dominação católica, não se poderia deixar de mencionar a progressão astronômica, ou melhor, geométrica, que detectamos no crescimento das Igrejas e dos cultos chamados Evangélicos nesta virada de milênio em todo o mundo e, em especial, no Brasil. Pasmem: segundo dados de institutos especializados, calcula-se que existam nada menos do que 220 mil Igrejas Evangélicas por todo o planeta. O fato é que segundo essas pesquisas, 85% delas são lideradas por pastores e religiosos sem a menor formação teológica ou filosófica, ou seja, são, em sua maioria, empresários da fé que visam unicamente o *business* mercantilista esculpido na imagem de Jesus Cristo.

Contudo, os evangélicos, diferenciando-se dos católicos, passaram a evoluir sua temática de atração na busca de devotos, dando maior ênfase ao mundo material e ao sofrimento das vidas cotidianas terrenas, incentivando o empreendedorismo e sucesso nos negócios, harmonia da vida familiar, cura de enfermidades, deixando um pouco mais distante, estrategicamente, a promessa de paraíso após a morte, porém sem jamais esquecê-la.

Em arremate, apenas mencionando, somente no Brasil, segundo a fonte “The Gospel Coalition” e “Training Leader International”, temos na chamada Assembleia de Deus nada menos que 6 milhões de fiéis, na Convenção Nacional das Assembleias de Deus, 4 milhões, na Congregação Cristã no Brasil, 2 milhões e 300 mil, na Universal do Reino de Deus e no Evangelho Quadrangular, aproximadamente 2 milhões de fiéis em cada uma, afora na Batista Brasileira, e na Pentecostal, cada uma com mais de 1 milhão de fiéis. Sem mencionar o luteranismo, o presbiterianismo, o metodismo, o anglicanismo, os menonitas, e outras milhares de instituições baseadas no cristianismo interpretando e atuando em nome de Jesus Cristo.

Finalizando, o próprio governo instituído no Brasil em 2018 é de base evangélica, com nada menos que 180 deputados e dezenas de senadores que compõem o Congresso Nacional Evangélico no parlamento brasileiro, sendo que mais de 200, apenas na Câmara, compõem a frente parlamentar mista - católica apostólica e evangélica no Brasil, segundo
o site “Gazeta do Povo”.

Encerra-se este tópico com a enigmática primeira mensagem do atual presidente brasileiro proferida quando eleito, em outubro de 2018, ao afirmar por diversas vezes: “o nosso slogan eu fui buscar naquilo que muitos chamam de ‘caixa de ferramenta para consertar o homem e a mulher’, que é a Bíblia Sagrada. Fomos em João 8:32: e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”.

Na busca de jamais perder o foco de nosso trabalho que é centrado numa visão ampla na busca da totalidade e da verdade

contida em Jesus Cristo e sua influência sobre a humanidade ao longo do tempo, torna-se obrigatório levantarmos e apontarmos também as inúmeras ações positivas realizadas pela Igreja Católica e demais Igrejas Cristãs e Evangélicas em prol da humanidade ao longo do tempo.

Com efeito, são incontáveis as iniciativas, movimentos e ações concretas no objetivo da realização da filantropia junto a população mais pobre e desvalida em todo o mundo.

Da mesma forma que fomos buscar a total deturpação das mensagens de Jesus Cristo para apoiar injustiças, guerras, misérias, assassinatos e todo tipo de malefício do qual o Cristianismo infelizmente foi responsável ao longo dos séculos, neste lanço, há que se ressaltar atitudes e ações admiráveis também baseadas e em nome de Jesus Cristo.

Dessa forma, já nos primórdios da formação da Igreja deslocando-se da Judéia para o Império Romano, são inúmeros os exemplos de caridade e humanidade na defesa dos famintos e desvalidos praticados por verdadeiros mártires que vieram muitas vezes, inclusive, a perderem as próprias vidas a fim de defenderem as verdadeiras mensagens do Cristo crucificado, iniciando este martírio por São Tiago, irmão de Jesus, morto por apedrejamento por defender os miseráveis.

São infindáveis os exemplos destes benfeitores e de suas grandes obras em prol da paz, da caridade e do consolo aos doentes e miseráveis. Exemplos existem como o de São Francisco de Assis, que foi frontalmente contra ao que de pior produziu a Igreja Católica (riquezas, ostentação, poder material e dominação), buscando a pobreza total, abrindo mão de suas

próprias vestes a fim de retomar e relembrar os legítimos exemplos e atitudes do verdadeiro Jesus esquecido pelo clero numa das piores fases da Igreja Católica. Seu movimento criou a importantíssima Ordem dos Franciscanos - segmento respeitável que até os dias de hoje exemplarmente abre mão dos bens materiais e lança-se na caridade e na cura dos humildes e doentes.

Outro aspecto interessante a ser realçado neste diapasão de incontestes benefícios perpetrados em nome de Jesus Cristo baseia-se na atuação das mulheres junto a igreja. Estas, inexoravelmente, foram sempre desprezadas, subjugadas e mesmo alijadas das funções e da importância na Igreja Católica Apostólica Romana.

Tal preconceito, contrariando totalmente os exemplos e ações do próprio Cristo (já descritos em capítulos anteriores) ocorria com uma densidade enorme, justificando-se na absurda imposição do conceito de impureza da mulher que teria levado o homem ao pecado. Estes grandes preconceitos de ordem sexual, inclusive, instituíram e deram origem ao celibato na Igreja com a proibição do casamento e da prática sexual por seus ministros e sacerdotes (a pureza em oposição a carne).

Destarte, a mulher foi brutalmente afastada da organização, hierarquia e da importância na Igreja. Porém, talvez justamente com base neste enorme preconceito, buscaram elas desesperadamente um lugar onde pudessem servir também a Jesus Cristo -mesmo subalternamente-, começam a se organizar em ordens de freiras e irmãs que suplicavam aos Cardeais e Papas para serem aceitas no serviço em prol do cristianismo.

O fato é que coube às mulheres cristãs e freiras em suas ordens religiosas fundarem e, na realidade, criarem os primeiros hospitais para atendimento do público em geral, uma vez que antes delas, os nosocômios existiam temporariamente apenas em tempos de guerra para assistirem os soldados feridos.

Além dos hospitais, essas valorosas mulheres cristãs fundaram milhares de creches, escolas, leprosários, colocando realmente as mãos na massa em prol da caridade e na concretização da verdadeira mensagem e exemplo crístico.

Para realçar essa atitude de benemerência e importância na atitude das mulheres que sempre e até hoje são claramente desprestigiadas e colocadas como subalternas perante a Igreja. Não há melhor exemplo que a atual e contemporânea madre Teresa de Calcutá, que realizou e dedicou toda sua vida em prol de amenizar a miserabilidade e falta de recursos em sua monumental obra e ação em plena Índia, e a atualíssima irmã Dulce dos Pobres no Brasil, canonizada recentemente pelo Vaticano.

Enfim, são incontáveis os exemplos de grandes e beneméritas obras e atitudes realizadas em nome de Jesus, porém, para não nos alongarmos indefinidamente neste assunto, passamos a fornecer apenas alguns dados que comprovam essa ação sob a responsabilidade exclusiva da Igreja Católica Apostólica Romana.

Segundo revelam os dados do mais recente “Anuário Estatística da Igreja”, publicado pela Agência Fides por ocasião da Jornada Missionária, a Igreja administra 115.352 institutos de caridade, assistência e beneficência em todo mundo.

São 5.167 hospitais, a maior parte na América e África. 17.322 dispensários, a grande maioria na África, Ásia e América. Ainda dentro destas estatísticas, conta-se 648 leprosários, praticamente todos na Ásia e África, afora 15.699 asilos para idosos doentes crônicos e deficientes, sem esquecer de 10.124 orfanatos, 11.596 jardins da infância, 3.663 centros de educação e reeducação social, além de quase 50.000 instituições de outros tipos de benemerência.

Na área educacional, a Igreja administra no mundo 68.119 escolas maternais frequentadas por 6.522.320 crianças; 92.971 escolas primárias onde estudam aproximadamente 31 milhões de alunos, além de 42.495 escolas superiores, médias e universitárias onde estão matriculados quase 21 milhões de alunos.

Efetivamente, quanto a estes dados de institutos educacionais há que se questionar o fato de não sabermos quantos deles são realmente gratuitos e quantos existem e funcionam apenas na busca da catequização e perpetuação da doutrina católica pelo mundo.

Na “Segunda Parte” desse trabalho, que vem à seguir, sairemos do enfoque histórico de Jesus Cristo, como a personalidade mais importante e influente que já existiu, e passaremos a abordar o Jesus Cósmico e o Jesus Quântico. Assim, constataremos que sua grande relevância histórica fica diminuta quando comparada ao seu estofo imaterial.

Referência Bibliográfica

ALT, F. As 100 Mensagens Mais Importantes de Jesus. São Paulo: Editora Pensamento, 2018.

CHEVROT, G. O Sermão da Montanha. A-4. ed. São Paulo: Editora Quadrante.

EHRMAN, B. D. O Que Jesus Disse? O Que Jesus Não Disse?. São Paulo: Editora Prestígio, 2006.

EHRMAN, B. D. Como Jesus Se Tornou Deus. São Paulo: Editora LeYa, 2014.

KASSER, R.; MEYER, M.; WURST, G. O Evangelho De Judas. São Paulo: Editora Prestígio, 2006.

EHRMAN, B. D. Quem Jesus Foi? Quem Jesus Não Foi?. Rio de Janeiro: Editora Ediouro Publicações LTDA, 2010.

LEITE, E. F. Compilação de Deus. São Paulo: Diagramação e Projeto Gráfico Work Desing LTDA, 2010.

LEITE, E. F. O Campo Unificado. São Paulo: AD Central Tecnológica Gráfica Art Printer Gráficos LTDA, 2010.

LEITE, E. F. Pare de Sofrer – O Código do Bem. São Paulo: AD Central Tecnológica Gráfica Art Printer Gráficos LTDA, 2006.

LEITE, E. F. Atalhos – Acessos – Conexões.

CHOPRA, D. Você é o Universo – Crie Sua Realidade Quântica e Transforme Sua Vida. São Paulo: Editora Alaúde, 2017.

MURPHY, J. O Poder do Subconsciente. 62. ed.

Rio de Janeiro: Editora Best Saller LTDA, 2014.

MURPHY, J. O Poder Cósmico da Mente. 1. ed..
Rio de Janeiro: Editora Best Saller LTDA, 2012.

DEURSEN, F. V. 3 Mil Anos de Guerra.
São Paulo: Editora Abril, 2017.

GLEISER, M. Criação Imperfeita – Cosmo, Vida e o Código Oculto da Natureza. Rio de Janeiro: Editora Record LTDA, 2013.

QUEVEDO, O. G. S. J. Milagres – A Ciência Confirma
a Fé. 2. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2000.

ARIAS, J. O Grande Segredo de Jesus.
Rio de Janeiro: Editora Objetiva LTDA, 2010.

ASLAN, R. Zelota: A Vida e a Época de Jesus de Nazaré. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

CROSSAN, J. D. O Essencial de Jesus. 1. ed. Belo Horizonte: Editora Jardim dos Livros LTDA, 2008.

ALVAREZ, R. Jesus o Homem Mais Amado da História. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra LTDA, 2018.

ALEXANDRIA, C. The Miscellanies. Tradução William Wilson. 2. vol. Edimburgo, 1867, 1869 (Ante-Nicene Christian Library, vols. IV e XII).

EUSÉBIO. The History of the Church. Tradução G.A. Williamson. Harmondsworth. 1981.

EMESA, H. An Aethiopian History written in Greek
by Heliodorus Englished by Thomas Underdowne,
Anno 1587. Lodres, 1895.

HIPÓLITO. Philosophumena or the Refutation of all Heresies. Tradução F. Legge. 2 volumes, Londres, 1921.

APAMÉIA, J. On the Mysteries of the Egyptians. Tradução Thomas Taylor. 1821. Reimpressão, Frome (The Prometheus Trust), 1990.

LYON, I. Against Heresies, em The Writings of Irenaeus. Tradução Alexander Roberts e W.H. Rambaut. 2 volumes, Edimburgo, 1868-69.

JOSEFO, F. The Jewish War. Tradução G.A. Williamson. Harmondsworth, 1978.

JUSTINO, M. Dialogue with Trypho, em The Writings of Justin Martyr and Athenagoras. Tradução Marcus Dods, George Reith, B.P. Pratten. Edimburgo, 1867.

LÍVIO, T. The History of Rome. Tradução rev. Cônego Roberts. 6 volumes, Londres, 1905.

PLATÃO. P. Tradução David Gallop. Oxford, 1999.

PLÍNIO. Natural History. Tradução H. Rackman e W.H.S. Jones. 10 volumes, Londres, 1938-42.

PLUTARCO. Isis and Osiris. Tradução Frank Cole Babbitt. Cambridge (Mass.) e Londres, 1993 (Loeb Classical Library, Moralia, v. V).

RATZINGER, J. Church, Ecumenism and Politicics. Slough, 1988.

SUETÔNIO. The Twele Caesars. Tradução Robert Graves. Harmondsworth, 1979.

VIRGÍLIO. The Georgics. Tradução L.P. Wilkinson.

Harmondsworth, 1982.

EINSTEIN, A. Como Vejo o Mundo. Tradução de H.P. de Andrade. 19. ed. Editora Nova Fronteira, 1981.

GOSWAMI, A. Deus Não Está Morto. Tradução Marcello Borges. 2. ed. 2015.

BRUCE, F. F. O Cânon das Escrituras. Tradução de Carlos Osvaldo Pinto. Editora Hagnos, 2017.

LENOIR, F. Sócrates, Jesus, Buda – Três Mestres de Vida. Tradução Véra Lucia dos Reis. Editora Objetiva, 2009.

JUNG, C. G. O Eu e o Inconsciente. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Editora Vozes, 1985.

HAWKING, S. Breves Respostas Para Grandes Questões. Tradução de Cássio de Arantes Leite. Editora Intrínseca, 2018.

CUTLER, H. C. A Arte da Felicidade. Tradução Waldéa Barcellos. Editora Martins Fontes, 2001.

SCHOPENHAUER, A. Sobre a Vontade da Natureza. Tradução Gabriel Valladão Silva. 2013.

WILSON, E. Os Manuscritos do Mar Morto. Tradução Hildegard Feist. Editora Schwarcz, 2009.

SARAMAGO, J. O Evangelho Segundo Jesus Cristo. Editora Schwarcz, 2015.

MAHARSHI, R. Ensinamentos Espirituais. Tradução Terezinha Santos. Editora Cultrix, 1972.

TOLLE, E. O Poder do Agora. Tradução de Iva Sofia Gonçalves

Lima. Editora Sextante, 2002.

YOGI, M. M. Bhagavad-Gita, Sânscrito e Transliteração Românica. Tradução de Jayme da França Torres Junior e Márcia de Castilho Torres.

BENNET, E. A. O que Jung Disse realmente. Tradução Álvaro Cabral. 1983.

GANCITANO, N. Descubra o Deus que existe dentro de Você. Tradução Fal de Azevedo. 1. ed. 2012.

PASCAL, B. Pensamentos. Tradução Mário Laranjeira. Editora Martins Fontes, 2005.

YOGI, M. M. A Ciência do Ser e Arte de Viver. Tradução Maria Antonia Van Acker e José Eduardo Ramos de Oliveira. 6. ed. 2000.

EHRMAN, B. D. O Problema com Deus. Tradução Alexandre Martins. 2008.

HUBERMAN, L. História da Riqueza do Homem. Tradução Waltensir Dutra. 22. ed. 2014.

GLEISER, M. Criação Imperfeita. 6. ed. Editora Record, 2013.

JUNG, C. G. O Homem e Seus Símbolos. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 1977.

LUCAS, J. M. A Vida e o Espírito de Baruch de Espinosa. Tradução Éclair Antonio Almeida Filho. 2007.

BENJAMIM, C. Estudos Sobre Spinoza. Tradução Eliana Aguiar, Estela dos Santos Abreu, Vera Ribeiro. 2014.

Sumário

Introdução

Capítulo I

Por que Jesus?

Capítulo II

O cromossomo da violência na humanidade

Capítulo III

A ira do Deus da Bíblia

Capítulo IV

Jesus histórico, Jesus real

Capítulo V

Mensagens maiores e a importância das mulheres

Capítulo VI

Jesus incorretamente humano e ilógico: Mensagens contraditórias e irreais

Capítulo VII

Problemas com a bíblia: Incongruências na busca da formatação de uma religião por meio de um mito apropriado, adaptado e deturpado

Capítulo VIII

A dominação do mundo pelo cristianismo: O estado teocrático, o cristo e a salvação como instrumento temporal de dominação pelo estado católico e igrejas evangélicas

O Estado Teocrático

Referência Bibliográfica

Sobre a Viseu

Sobre a Viseu



Essa e outras obras em:

eviseu.com

facebook.com/editoraviseu

twitter.com/editoraviseu

instagram.com/editoraviseu

Contatos:

contato@editoraviseu.com

Quer enviar sua obra para nossa avaliação?

originais@editoraviseu.com